



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



O PROJETO BAIRRO-ESCOLA EM NOVA IGUAÇU: ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO E DA DESCONTINUIDADE EM MIGUEL COUTO.

PRISCILA MARTINS DE OLIVEIRA

Sob a orientação do Professor
Dr. André Santos da Rocha

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em: Espaço, questões ambientais e formação em Geografia.

Seropédica, RJ
Abril/2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

048p Oliveira, Priscila Martins de, 1982-
O PROJETO BAIRRO-ESCOLA EM NOVA IGUAÇU: ANÁLISE DA
IMPLEMENTAÇÃO E DA DESCONTINUIDADE EM MIGUEL COUTO. /
Priscila Martins de Oliveira. - Seropédica, 2022.
127 f.: il.

Orientador: André Santos da Rocha.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em
Geografia, 2022.

1. Políticas Públicas. 2. Cidades Educadoras. 3.
Bairro-escola. 4. Nova Iguaçu. 5. Miguel Couto. I.
Rocha, André Santos da, 1983-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós Graduação em Geografia III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 11/2022 - PPGGEO (12.28.01.00.00.35)

Nº do Protocolo: 23083.012242/2022-92

Seropédica-RJ, 24 de fevereiro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PRISCILA MARTINS DE OLIVEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/02/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG-UFRRJ, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e, neste caso, a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

André Santos da Rocha, Dr. PPGGEO-UFRRJ
(Orientador, Presidente da Banca)

Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão, Drª. UERJ-FEBF
(membro da Banca)

Clézio Santos, Dr. PPGGEO- UFRRJ
(membro da banca)

(Assinado digitalmente em 25/02/2022 10:10)

ANDRÉ SANTOS DA ROCHA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIA (11.39.39)
Matrícula: 1832629

(Assinado digitalmente em 25/02/2022 11:42)

CLEZIO DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1958337

(Assinado digitalmente em 07/04/2022 15:47)

GILCILENE DE OLIVEIRA DAMASCENO BARÃO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 018.734.207-46

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número:

DEDICATÓRIA

À minha pequena Laura. É para você, é tudo por você.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente rendo graças a Deus que nunca me abandonou, mesmo nos momentos mais difíceis dessa caminhada eu pude sentir sua presença, me guiando e me inspirando e me acalmando.

Agradeço aos meus pais Martins e Nina, por toda a base e apoio que me deram em toda minha vida, por entenderem que o bem mais precioso que poderiam me proporcionar era a educação. Em especial à minha irmã Patricia por toda torcida, mesmo de longe. Toda minha família torce e reza diariamente por meus projetos.

Ao meu marido, companheiro, parceiro Franclin que esteve ao meu lado me apoiando e entendendo minhas ausências enquanto eu me debruçava sobre esse trabalho.

A minha menininha, Laura, que mesmo sem entender foi a luz que me guiou nessa caminhada.

Quero agradecer ao meu orientador, professor André, que me acolheu no PPGGEO desde o primeiro dia que pisei nesse Departamento e que me orientou brilhantemente, sempre me incentivando a enxergar o meu melhor.

Aos Gestores da UFRRJ, que implantaram o Plano de Qualificação Institucional, que pôde proporcionar aos servidores técnicos administrativos, desta casa, a oportunidade de crescer em conhecimento, se qualificando e realizando o sonho de estudar nesta instituição tão potente. Em especial à Professora Amparo Villa Cupollilo, e ao Marcelo Cunha Sales, gestores da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas- PROGEP, que nos ajudaram a tornar o PQI uma realidade e por me acompanharem e apoiarem nessa empreitada.

Às amigas Fernanda Karla e Elizabete Corrêa por me incentivarem tanto nessa jornada desde o início.

Aos Professores Marcio Rufino Silva e Clézio dos Santos pelas contribuições e orientações dadas no Exame de Qualificação, elas foram de suma importância para a condução deste trabalho.

A toda equipe da Escola Municipal Anna Maria Ramalho que me recebeu com carinho e com atenção, contribuindo para que essa pesquisa acontecesse.

A todos vocês que contribuíram com um pedacinho dessa pesquisa, eu agradeço do fundo do meu coração. Gratidão!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001" (This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001").

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos outros nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos vida com educação.

(Carlos Rodrigues Brandão. 1986. p-7)

RESUMO

OLIVEIRA, Priscila Martins de. **O Projeto Bairro-escola em Nova Iguaçu: análise da implementação e da descontinuidade em Miguel Couto. 2022. 127 p.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Agronomia, Departamento de Geografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2022.

O Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, que funcionou nos anos de 2006 a 2010, na gestão do Prefeito Lindberg Farias do Partido dos Trabalhadores (PT), foi uma política pública educacional que tinha como principal objetivo transformar os diversos espaços dos bairros em grandes salas de aula, buscando valorizar não só os aspectos educacionais como também reconhecer a importância de valores sociais, culturais, morais e éticos na formação do ser humano. Foi, também, um projeto de intervenção urbana que teve como seu pontapé inicial e como linha de chegada a busca pela educação integral. Seu principal pressuposto foi o reconhecimento de que as pessoas se educam na cidade, em suas redes sociais, nos lugares, territórios onde vivem. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a implementação e as consequências da descontinuidade dessa política pública de educação, tendo como campo de pesquisa a Escola Municipal Professora Anna Maria Ramalho, localizada no centro do bairro Miguel Couto em Nova Iguaçu. Para percorrer esse caminho, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, análise documental, pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas. O eixo central desse novo programa de atuação do poder público, era construir uma política que valorizasse profundamente a educação pública incentivando a criação de um espaço escolar integrado à comunidade. O Projeto Bairro-escola foi considerado pelos seus idealizadores como uma política bem-sucedida, porém a superficialidade das ações para a sua implantação e a descontinuidade dessa política revelaram suas limitações e resultados modestos.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas públicas, Cidade Educadora, Projeto Bairro-escola, Nova Iguaçu, Miguel Couto.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Priscila Martins de. **The Nova Iguaçu Project Bairro-escola: analysis of implementation and discontinuity at Miguel Couto. 2022. 127 p.** Dissertation (Master in Geography). Institute of Agronomy, Department of Geography. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2022.

The Nova Iguaçu School District Project, which operated from 2006 to 2010, under Mayor Lindberg Farias of the Workers' Party (PT), was a public educational policy whose main objective was to transform the various spaces of the neighborhoods into large classrooms, seeking to value not only educational aspects but also recognize the importance of social values, cultural, moral and ethical aspects in the formation of the human being. It was also an urban intervention project that had as its kickoff and as the finish line the search for comprehensive education. Its main assumption was the recognition that people educate themselves in the city, in their social networks, in the places, territories where they live. This work has as general objective to analyze the implementation and consequences of the discontinuity of this public education policy, having as research field the Municipal School Professor Anna Maria Ramalho, located in the center of the Miguel Couto neighborhood in Nova Iguaçu. To follow this path, the methodology used was bibliographic review, documentary analysis, field research and semi-structured interviews. The central axis of this new program of action of the public authorities was to build a policy that deeply valued public education by encouraging the creation of a school space integrated with the community. The Neighborhood-school Project was considered by its creators as a successful policy, but the superficiality of the actions for its implementation and the discontinuity of this policy revealed its limitations and modest results.

KEYWORDS: Public Policies, Educating City, Project Bairro-escola, Nova Iguaçu, Miguel Couto.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1:** Mapa das Cidades brasileiras que compõem a Rede Brasileira das Cidades Educadoras
- FIGURA 2:** Foto de Mural grafitado pelo Projeto 100 muros do Bairro-escola paulista
- FIGURA 3:** Foto de Mosaico de azulejo em poste
- FIGURA 4:** Foto de panfleto de divulgação da Prefeitura de Nova Iguaçu
- FIGURA 5:** Foto de oficina realizada pelo Programa Segundo Tempo, no âmbito do Bairro-escola Nova Iguaçu
- FIGURA 6:** Mapa do Bairro Miguel Couto em Nova Iguaçu
- FIGURA 7:** Mapa da Cidade de Nova Iguaçu
- FIGURA 8:** Foto da Rua Santos Filho, em Miguel Couto
- FIGURA 9:** Mapa do bairro Miguel Couto, com a localização dos espaços parceiros
- FIGURA 10:** Mapa dos lugares de aprendizagem e circulação de alunos
- FIGURA 11:** Resquícios do “caminho pedagógico” localizado na Rua Santos Filho em Miguel Couto

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1:** Quadro Analítico de Programas e Ações articulados ao Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu.
- QUADRO 2:** Tabela das Notas do IDEB referentes a Nova Iguaçu, no período de 2005 a 2011

LISTA DE ABREVIACOES

- AICE**- Associação Interamericana Das Cidades Educadoras
- CEU**- Centros Educacionais Unificados
- CF**- Constituição Federal
- CIEP**- Centro Integrado De Educação Pública
- CMSMA**- Casa Do Menor São Miguel Arcanjo
- FME**- Forum Mundial Da Educação
- FUNDEB**- Fundo Nacional De Desenvolvimento Da Educação Básica
- IBGE**- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
- IDEB**- Índice De Desenvolvimento Da Educação Básica
- IDH**- Índice De Desenvolvimento Humano
- INEP**- Instituto Nacional De Estudos E Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
- IPF**- Instituto Paulo Freire
- IPTU**- Imposto Predial Territorial e Urbano
- ISS**- Imposto Sobre Servios
- LDB**- Lei De Diretrizes E Bases Da Educação
- ONG**- Organização Não Governamental
- ONU**- Organização Das Nações Unidas
- PAC**- Programa De Aceleração Do Crescimento
- PC do B**- Partido Comunista Do Brasil
- PDT**- Partido Democrático Trabalhista
- PEU**- Programa De Estruturação Urbanística
- PT**- Partido Dos Trabalhadores
- REBRACE**- Rede Brasileira De Cidades Educadoras
- SEMED**- Secretaria Municipal De Educação De Nova Iguau
- SESC**- Servio Social Do Comércio
- UNESCO**- Organização Das Nações Unidas Para Educação, Ciência e Cultura.
- UNICEF**- Fundo das Nações Unidas para a infância.
- URG**- Unidade Regional De Governo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - DO MOVIMENTO DAS CIDADES EDUCADORAS AO BAIRRO-ESCOLA EM NOVA IGUAÇU	14
1.1 Algumas concepções: Cidade, cidadania e Cidade Educadora	14
1.2 As Cidades Educadoras e a cidade de Nova Iguaçu neste contexto	18
1.2.1. Cidade escola aprendiz, a tecnologia para integrar escola e comunidade.....	23
1.3 Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu: o espaço citadino, atores e articulação de estratégias	30
CAPÍTULO II - A CIDADE DE NOVA IGUAÇU CRIANDO CONEXÕES ENTRE POLÍTICAS URBANAS E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS.....	40
2.1 O que é uma política pública de educação para a cidade	40
2.2 O Projeto político de educação da “Era Lindberg” (2005-2010).....	43
2.3 O Bairro-escola Nova Iguaçu e os caminhos de implantação do projeto Miguel Couto	46
CAPÍTULO III - REFLEXÕES SOBRE AS MARCAS DO BAIRRO-ESCOLA NO BAIRRO MIGUEL COUTO EM NOVA IGUAÇU.....	53
3.1 O contexto espacial do Bairro.....	53
3.2 Reflexos do Bairro Escola – presenças e ausências em Miguel Couto.....	57
3.2.1. Retratos do Projeto Bairro-escola em Miguel Couto	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

O Brasil, um país continental de grandes desigualdades sociais e educacionais, que deve buscar maior qualidade em sua educação formal, considerando que até o século XX, ela não era tida como uma prioridade das diferentes esferas administrativas de governo, entendemos ser de grande relevância para futuros projetos de políticas públicas educacionais, refletir criticamente sobre os projetos políticos de educação desenvolvidos no país. Entendendo a importância das políticas públicas como a forma de agir do Estado, decidimos nos debruçar sobre o Projeto Bairro-escola ocorrido de 2006 a 2010, na Cidade de Nova Iguaçu – RJ, com características de política pública educacional que se utilizava de ações intersetoriais.

Os países que possuem uma educação de qualidade são aqueles que para além de investir em políticas públicas educacionais, têm formulado essas políticas com base em demandas e anseios da população. As dificuldades de se fazer políticas públicas educacionais efetivas no Brasil, começam pelas dificuldades territoriais, por ser um país muito extenso, as chances das ações não atingirem toda população igualmente, são muito grandes.

Para se entender essa carência educacional, mister se faz entender o contexto de desenvolvimento da educação brasileira. Durante anos de sua história, a educação não foi considerada prioridade; apenas no século XX que os governantes do país demonstraram alguma preocupação com educação e desta forma iniciaram os primeiros movimentos de formulação de políticas públicas educacionais, através de marcos regulatórios, como por exemplo o Decreto 19.850, de 11 de abril de 1931, que criou o Conselho Nacional de Educação, entre outros.

Ao realizar essa pesquisa, nos deparamos com uma infinidade de definições de políticas públicas, mas percebemos que essa diversidade é consequência do entendimento que o Estado figura como ator, o ato de se fazer política pública é a forma do Estado se mostrar em ação, para suprir as necessidades da sociedade. Desta forma, política pública de educação pode ser definida, de maneira bem simplificada, como sendo as ações que o Estado desenvolve para a área de educação.

Desta forma, a consolidação de projetos educacionais tem sido um grande desafio, isso ocorre tanto por que há um descaso histórico com os setores da educação pública no país, quanto da ausência de projetos e programas de Estado, como também do grave problema da descontinuidade das políticas públicas no país.

Diante disso, este trabalho se propõe a analisar o projeto Bairro-escola, uma política pública educacional, de contornos intersetoriais que funcionou na cidade de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro.

O referido projeto foi fruto da política de governo do Prefeito Lindbergh Farias, do PT e teve sua vigência nos seus dois mandatos, nos anos de 2006 a 2010. Essa política tinha como premissa básica universalizar o horário integral para toda rede municipal de ensino, e tinha como foco principal a valorização da educação pública e o reconhecimento de que as pessoas se educam nas cidades, nas suas redes de convívio, através das suas trajetórias e histórias de vida, desta forma, incentivando a criação de um espaço escolar integrado à comunidade.

O objetivo geral da pesquisa portanto, é estudar os aspectos relativos à implantação, os aspectos políticos que embasaram seu funcionamento, as heranças deixadas no bairro e as consequências da sua descontinuidade. Por ser uma política pública de educação, parte-se da premissa que as políticas públicas são instrumentos capazes de garantir a integralidade dos direitos humanos e que para tornar-se um cidadão no mundo não é necessário apenas nascer, e sim ter acesso a direitos básicos e reconhecê-los.

O Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu objetivava atuar seguindo os três eixos: educação integral apoiada no horário integral, a requalificação urbana e a defesa dos direitos humanos e redução da mortalidade infanto-juvenil. Para isso, a gestão se utilizou de integração da

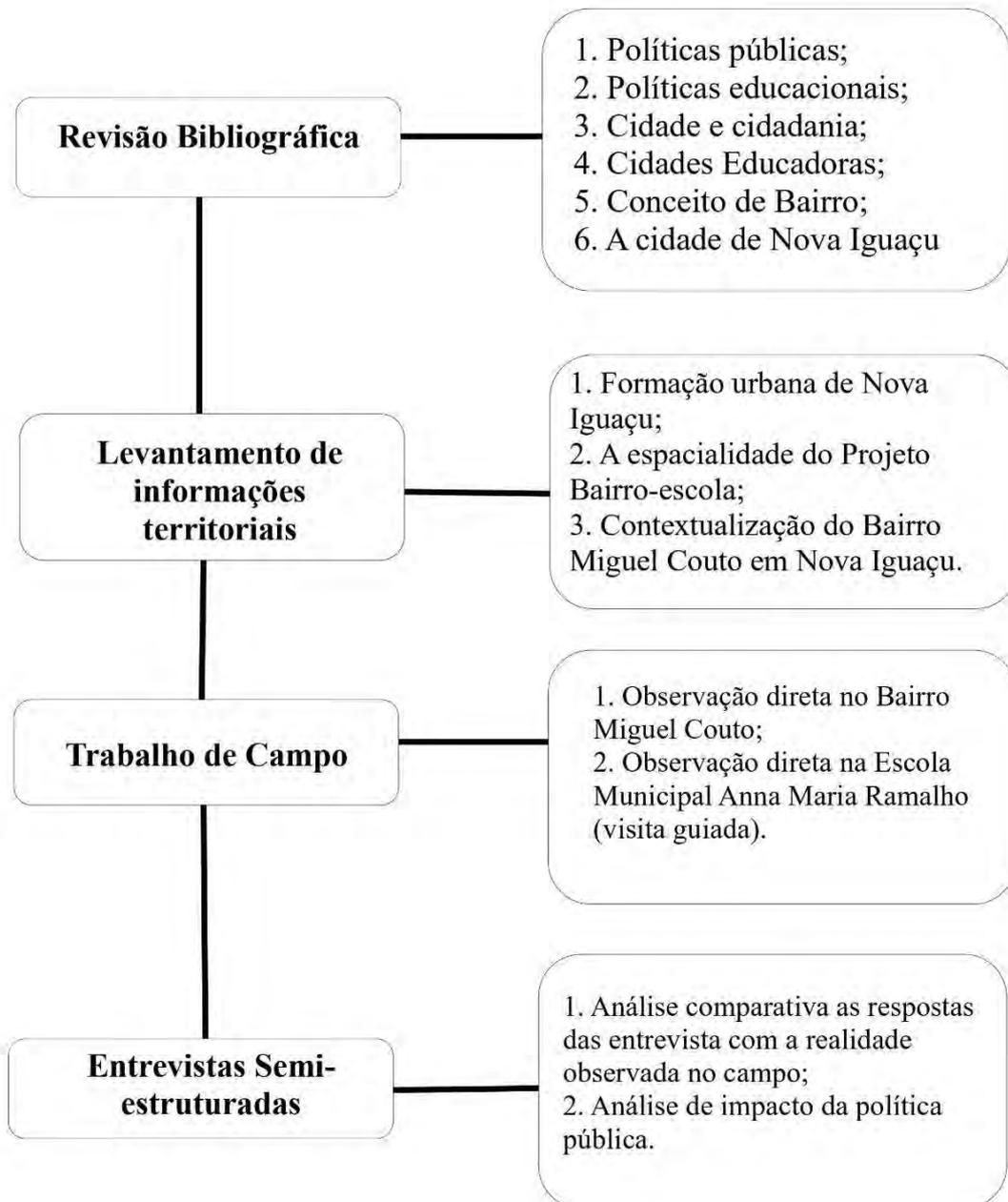
administração pública reunindo diversos programas e projetos dos três níveis de governo: municipal, estadual e federal.

Por se tratar de um Projeto que teve abrangência em todo o município, acabamos por dar enfoque, nesse estudo, ao projeto no Bairro Miguel Couto, por se tratar de um importante bairro para a cidade, pois é o segundo maior bairro em extensão territorial e em arrecadação, ficando atrás apenas do Centro. Também foi o segundo bairro a ter o Projeto Bairro-escola implantado. O primeiro bairro foi Tinguá, esse com características bastante diferentes por se tratar de uma área rural com pouca movimentação de pessoas e veículos. Devido a grande importância financeira de Miguel Couto para a cidade de Nova Iguaçu, o bairro já foi alvo de disputas territoriais com o município vizinho, Belford Roxo, em 2009. A escolha da Escola Municipal Anna Maria Ramalho, ocorreu pois essa foi a primeira escola do bairro a receber o projeto, que segundo a gestão, ocorreu de forma definitiva, pois os Coordenadores do Projeto não queriam que ele fosse implantado de forma experimental.

Este trabalho é baseado em uma pesquisa qualitativa, portanto objetivando alcançar tais intentos propostos, foram adotados como procedimentos tanto a leitura de referências bibliográficas, quanto a de fontes primárias, documentos produzidos na vigência do projeto. Também foram realizados trabalhos de campos, que se sistematizaram com visitas ao Bairro Miguel Couto, com a percurso no entorno da Escola Anna Maria Ramalho e visita específica à Escola Municipal Anna Maria Ramalho para o levantamento de documentos, identificação dos atores envolvidos no projeto e para a realização de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de levantar as possíveis heranças que o projeto Bairro-escola deixou naquela localidade.

Tendo em vista que a metodologia é um dos aspectos mais importantes da pesquisa, pois é através dela que se percorre o caminho para a produção do trabalho científico, foi elaborado um quadro metodológico explicativo, com o objetivo de facilitar a compreensão das etapas a serem realizadas para conceber o embasamento teórico-metodológico desta dissertação. Vejamos:

QUADRO METODOLÓGICO



Partindo dessas primeiras considerações, podemos explicitar a questão central que norteia esse trabalho: quais os desdobramentos das políticas educacionais para a cidade, ocorridos por meio do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu no Bairro Miguel Couto, e quais aspectos ainda refletem a sua implementação nesse bairro?

A fim de responder essa pergunta, essa dissertação foi organizada de forma a realizar um breve histórico do Projeto, no qual se expõe os seus antecedentes e a sua implantação, como também a localização territorial do município, o projeto político vigente, o funcionamento do projeto e os possíveis impactos na vida dos moradores daquela cidade.

O primeiro capítulo será formado por uma abordagem teórica onde se fará uma tentativa de associar o conceito de políticas públicas, enquanto Estado em ação, com conceito de cidadania sob a ótica de Milton Santos e a educação na cidade, da cidade e para a cidade de Helena Coppetti Callai, na qual se reconhece a educação em vários lugares, inclusive fora da escola, e o impacto delas na vida social e política dos moradores das cidades. Relacionando esses conceitos com as propostas do Projeto Bairro-escola, tem-se o ponto de convergência entre a política de educação e a geografia: o papel transformador da escola e as transfigurações da cidade na relação espaço e tempo.

No primeiro capítulo, ainda, serão apontados os antecedentes do Projeto Bairro-escola, que foram: O Movimento das Cidades Educadoras e a ONG Cidade Escola Aprendiz. O Movimento das Cidades Educadoras surgiu em 1990, e partia do princípio que as cidades deveriam se comprometer em se apropriar, de maneira planejada, dos espaços urbanos, objetivando estabelecer novas práticas educativas, usando para tal a dimensão cotidiana da cidade. Já a ONG paulista Cidade Escola Aprendiz, partindo do conceito de educação comunitária, buscou ampliar os espaços de aprendizado integrando a escola à comunidade, transformando praças, becos e vielas do Bairro Vila Madalena em São Paulo em uma grande sala de aula aberta.

No segundo capítulo, serão abordadas as questões relativas à importância das políticas públicas de educação, o papel das políticas de educação para a cidade e as principais conexões entre as políticas educacionais e urbanas. Neste capítulo também, será traçado um panorama da conjuntura política da cidade de Nova Iguaçu durante a gestão do Prefeito Lindbergh Farias nas suas duas gestões e suas implicações para aquele território.

Ainda no segundo capítulo, será detalhada a implantação e o funcionamento do Projeto Bairro-escola. E de que forma, o uso das parcerias surgiu como uma alternativa para o aumento da permanência dos alunos na escola, sem que fossem necessárias a construção ou reforma de prédios escolares e a contratação de mais professores, e ainda como se deu a prática das políticas de requalificação urbanas ligadas a uma política educacional.

O terceiro, e último capítulo trará, em seu bojo, a contextualização espacial da cidade de Nova Iguaçu, com a contextualização histórica deste município, a fim de localizá-lo geograficamente, ao ponto de trazer a compreensão do contexto socioespacial do recorte espacial deste trabalho que é o Bairro Miguel Couto. A segunda parte deste capítulo, será o resultado dos estudos teórico-metodológicos aqui propostos, ou seja, fruto dos dados coletados no campo e através das entrevistas semiestruturadas, com o intuito de desvelar quais os aspectos educacionais, políticos e urbanos do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu ainda estão presentes naquele território e seus impactos na vida dos munícipes.

CAPÍTULO I Do Movimento das Cidades Educadoras ao Projeto Bairro-Escola em Nova Iguaçu.

Neste capítulo inicial apresentaremos discussões sobre os principais conceitos que permeiam esta investigação. Falaremos sobre o conceito de educação na cidade e para a cidade por Helena Copetti Callai e como o processo de reconhecer a educação em vários aspectos, tanto dentro da escola como fora dela, pode impactar na vida social e política dos moradores das cidades. Discorreremos também, sobre a cidadania, na ótica do Geógrafo Milton Santos, destacando que, para ser um cidadão não é necessário apenas nascer, se faz necessário ter acesso a direitos como, educação, saúde, alimentação, trabalho, justiça, liberdade e dignidade.

Busca-se ainda historicizar e contextualizar os movimentos que deram origem ao Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, que foram o Movimento das Cidades Educadoras, que surgiu na década de 1990 e traçou diretrizes para que as cidades signatárias da sua Carta de intenções, pudessem aproveitar o potencial educativo das cidades, aproveitando-se, não só, das instituições de educação formal, como também dos aspectos da vida cotidiana. E, o Projeto Cidade escola aprendiz, que se intitulava como um laboratório de pedagogia comunitária, o qual integrava a escola à comunidade, transformando o Bairro Vila Madalena, em São Paulo, em uma grande sala de aula fora da escola.

O principal objetivo deste capítulo é mostrar quais as bases teórico-metodológicas e como ocorreu a construção e implantação do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu como uma política pública de educação na cidade, da cidade e para a cidade.

1.1 Algumas concepções: Cidade, cidadania e Cidade Educadora.

A cidade, desde os períodos mais antigos, foi o local do desenvolvimento humano em diversas vertentes. Primeiramente, sociais, mas também econômicas e políticas. A captura da cidade pelo modo de produção capitalista, e a conseqüente ampliação de espaços de produção econômica promoverão inerentemente o crescimento espacial e quantitativo de cidades, intensificando o fenômeno urbano em todo o mundo (SANTOS, 1993). A produção do espaço urbano é desigual (CORRÊA, 1993), as experiências e os modos de vivências nas cidades apontam para o fato de que fazem parte de sua produção social (...) Produzir, no sentido amplo, é produzir espaço. Isto posto, discute Ana Fani Carlos:

A humanidade produz espaço ao mesmo tempo em que este dá sentido a sua vida, as relações sociais ganham objetividade enquanto relações espaciais. As cidades estão como condição e suporte para a realização e materialização das relações sociais, ao mesmo tempo produto e meio pelo qual a sociedade se realiza no plano real. (CARLOS, 2001, p. 9-10)

Se o espaço é produzido pela vida humana, como podemos conceituar a cidade? A cidade é social, pois ela muda à medida que a sociedade muda e também modifica a sociedade no seu conjunto. Sobre os conceitos de Cidade e espaço, Carlos, em seu trabalho o qual discute a obra de Lefebvre, levanta um questionamento sob perspectiva crítica que explica bem esse binômio espaço-cidade, vejamos:

Nessa perspectiva crítica, a análise geográfica do mundo é aquela que caminha no desvendamento dos processos constitutivos do espaço enquanto produção social e histórica. A questão espacial se elabora no plano da construção do humano e na medida em que o ato/atividade de produzir espaço é em si um ato e atividade de produção da vida. Isto é a sociedade se constitui realidade prática através de um conjunto de produções: uma delas é o espaço. (CARLOS, 2001, p. 354)

A cidade moderna foi forjada segundo a prática espacial capitalista de produção, e uma das principais consequências dessa prática foi a “periferização” da cidade. A qual separa os locais de moradia dos locais de trabalho, dos locais de lazer:

Revela-se assim pela fragmentação dos elementos da prática socio-espacial urbana em espaços e tempos separados enquanto elementos autônomos da vida. (CARLOS, 2001, p. 355)

A compreensão de que a cidade e o urbano formam uma relação dicotômica, é um ponto importante para se compreender como os habitantes da cidade podem dela se apropriar. Nela, contempla-se que a cidade colocou-se ao longo da história como uma obra e que a cidade precisa ser reconstituída como obra, não como era antes, mas produzindo uma nova realidade. De uma realidade que passa a ser a obra dos seus habitantes e significa pensar a sociedade para além do capital, produzindo na cidade uma vida urbana como uma atividade criativa e criadora, se impondo sobre a ideia que minimiza o papel da cidade apenas aquela função de habitar.

Neste sentido, pensar a cidade está diretamente associada a quem vive nela e em sua prática: o indivíduo que mora, estuda, trabalha, produz sua cultura, desenvolve suas ações na cidade - o cidadão. Todavia, a cidadania, termo amplo que designa direito político e civil, precisa ser pensada de forma mais concreta. Milton Santos destaca que o homem-cidadão é aquele detentor de deveres e direitos e que os reconhece. Porém, existe escala de cidadania, há cidadão de classes diversas; há os que são mais cidadãos, os que são menos cidadãos e os que nem mesmo ainda o são (SANTOS, 2007 p. 24).

Essa escala de cidadania se deve ao fato de que a atividade econômica e a herança social causam a distribuição desigual do homem no espaço. Essa discrepância na distribuição espacial, causa a má distribuição do acesso a bens, serviços e direitos, que está diretamente ligada ao lugar socioeconômico e geográfico onde este homem se localiza.

O panorama econômico traçado por Santos, referente ao Brasil pós redemocratização, o qual se fundou em alguns poucos setores produtivos e se baseou também em alguns lugares específicos, causou o agravamento das desigualdades e reforçou distorções entre pessoas e lugares. Pela crítica de Santos “O homem vale pelo lugar onde está (...) A possibilidade de ser mais ou menos cidadão, depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está” (SANTOS, 2007 p. 107).

Desta forma, Santos conclui que o cidadão não possui o mesmo valor, nem acesso a direitos dependendo do lugar o qual está localizado no espaço. Ele sempre, suscita discussões sobre as questões relacionadas ao lugar, para ele a acessibilidade afeta diretamente o reconhecimento do que é ser um cidadão, pois quanto mais distante dos produtos e serviços este homem está, menos

cidadão ele é, pois a distância dos grandes centros, afeta a qualidade e frequência no acesso aos serviços públicos.

E, quais as alternativas para que o homem se reconheça como cidadão? Para Helena Coppetti Callai, se faz necessário que a escola assuma o papel de educar para uma formação cidadã. Para que a educação assim se consolide é preciso lançar mão dos conceitos de lugar, cotidiano e cidadania, sob a ótica da multiescalaridade. Educar para a formação cidadã, é desenvolver metodologias para que:

O aluno se reconheça como sujeito que pode ser atuante no lugar em que vive e ao compreender que os espaços são construídos pelo trabalho dos homens pode compreender também que o espaço adquire um poder que é político pela forma de organização das pessoas. (CALLAI, 2014, p.05)

Para que o sujeito em formação, aluno, assim se reconheça, a escola deve exercer o papel fundamental de ensinar o que é cidadania, por ser ela o local que ensina o que a humanidade produz, que fornece os recursos para a construção do conhecimento e que proporciona ao aluno a possibilidade de construir conhecimento, sua visão de mundo, seu reconhecimento enquanto sujeitos das suas ações e que por fim, exerça a sua cidadania.

O papel da escola nesse contexto é prover uma educação que “responda à justiça social e que leve estudantes a construírem a sua identidade e pertencimento social a este mundo, com a consciência necessária” (CALLAI, 2014, p.03).

Seguindo o caminho teórico-metodológico de Moacir Gadotti (2007), no qual ele define que para uma educação cidadã se concretize, se faz necessário que a cidade seja utilizada como estratégia de educação. Assim sendo, a educação deve ser direcionada na cidade, para a cidade e também aglutinar a cidade. Para o autor, a relação da educação com a cidade deve abranger essas três dimensões, a saber: aprender na cidade (lugar), aprender a cidade (conteúdo), aprender para a cidade (agente). Aprender **na** cidade é utilizar o conjunto de espaços nela disponíveis. Nessa dimensão podemos enquadrar não somente a escola, como também os espaços de educação não-formal e informal, como praças, parques, ruas, cinema, teatro, museus entre outros. Aprender **a** cidade é entendê-la como agente educativo, com aptidão para ensinar através das relações ali existentes, por exemplo, interação entre pessoas e interação entre pessoas e o ambiente, a cidade pode ter essa função educativa tanto de forma espontânea, quanto de forma intencional. E, finalmente, a terceira dimensão que é aprender **para** a cidade, que diz respeito a usar os recursos que a cidade dispõe, identificar-se com a cidade e participar das decisões políticas que impactam na cidade.

Assim, identificamos que para proporcionar ao cidadão o seu reconhecimento como tal, como um indivíduo com deveres e direitos, que ocupa um lugar na cidade e que nela pode aprender e também exercitar sua cidadania, que é necessário promover políticas que buscam a integralidade das ações, que permeia o território em sua singularidade. As políticas de Educação na e para a cidade necessitam ser nutridas deste aparato. No Brasil, há inúmeras iniciativas que tentam, de alguma forma trazer essas ações à tona, além das muitas iniciativas, movimentos populares da educação que associam ONGs, movimentos de bairros e profissionais da educação, encontramos de forma sistematizada o Movimento das Cidades Educadoras. Esse movimento é considerado aqui importante porque, posteriormente, influenciou a criação do Projeto Bairro-escola em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que figura como objeto de análise desta dissertação.

No início da década de 70, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, numa tentativa de pensar propostas educativas para um mundo pós-guerras, que passava por crises e mudanças, no ano internacional da educação em 1970, já começava a se utilizar do conceito de Cidade educativa. As grandes guerras arrasaram com o mundo, trouxeram mudanças significativas nas instituições tradicionais, nos meios de produção, meios de comunicação, nas relações sociais e relações de trabalho. Beneficiaram alguns poucos e pioraram a pobreza e a miséria de muitos.

Numa tentativa de melhorar esse cenário, a Comissão Internacional para o desenvolvimento da educação, estabelecida pela UNESCO em 1971, produziu o relatório “Aprender a ser”. O objetivo dos trabalhos dessa comissão era estabelecer uma forma de compreender a relação entre a educação e seus processos educativos, os sistemas de ensino, a escola, a sociedade e o tempo, porém, o aspecto que mais preocupa os estudiosos da comissão encarregada de pensar uma nova forma de educação nesse mundo em mudança é a formação para o mercado de trabalho. Um dos subitens que se encontram nesse relatório e que chamam a atenção é Instituição escolar e cidade educadora.

Uma das soluções apresentadas neste relatório, para o problema da educação em relação ao desemprego, consiste na adoção de uma educação permanente, realizada no contexto da cidade educativa. Vejamos um trecho do relatório:

Se o que é necessário aprender é a reinventar e a renovar constantemente, então o ensino torna-se educação e, cada vez mais, aprendizagem. Se aprender é ação de toda uma vida, tanto na sua duração como na sua diversidade, assim como de toda uma sociedade, no que concerne que às suas fontes educativas, quer às sociais e econômicas, então é preciso ir ainda mais além na revisão necessária dos “sistemas educativos” e pensar a criação duma cidade educativa. (FAURE, 1974, p.34)

O que buscamos mostrar com essas informações é que a cidade já era vista como um espaço, no qual se materializa a vida social, econômica e produtiva do ser humano e que por si só e por todos os acontecimentos gerados nela, faz com que tenhamos a necessidade de explorar as funções educativas da cidade, para atualizar o processo educativo e explorar a educação permanente. Aproveitando-se das características dela, da cidade, para abranger os processos educativos do homem em toda a sua vida.

Considerando o papel educativo da cidade, surgem debates em torno da cidadania e a formação cidadã que são trabalhados na escola. Jogando luz sobre a influência que os conteúdos, os livros didáticos e os temas transversais exercem sobre a construção de uma educação cidadã, tendo o espaço citadino como um dos seus espaços de atuação e influência. A autora Helena Callai, enfatiza que antes de verificar se os conteúdos trabalhados na escola estão alinhados com uma educação cidadã, é preciso detectar o que a comunidade escolar entende por cidadania:

É possível fazer um ensino e ter uma escola que prime pela construção da dignidade humana, fazendo uma educação para a formação cidadã. Uma educação que, através dos conteúdos das diversas disciplinas escolares, consiga abordar os problemas sociais, ter uma escola que responda a justiça

social e que leve estudantes a construir a sua identidade e pertencimento social a este mundo com a consciência necessária. (CALLAI, 2014, p.03).

Levando em conta que o espaço citadino é a reprodução da vida cotidiana do homem, este espaço precisa ser compreendido como tal e valorizado na formação integral dos alunos, para valorizar os aspectos da sua vida como parte da sua história, permitindo que esse aluno se reconheça como sujeito político, atuante e que ele pode modificar seu espaço a partir do momento que se reconhece como um cidadão. Por outro lado, vemos também o papel da cidade com um potencial educativo. Nesse espaço onde circulam pessoas e mercadoria, onde se produz, permanentemente cultura e aprendizado através da vivência. Mas para Moacir Gadotti, existe a possibilidade de uma cidade vir a ser educadora intencionalmente, da seguinte forma.

Para uma cidade ser considerada educadora, ela precisa promover o protagonismo de todos- crianças, jovens, adultos e idosos - em busca de um novo direito, o direito à cidade educadora. (GADOTTI, 2006, p. 134).

Essas são características muito difundidas pelo Movimento das Cidades Educadoras: a cidade como espaço de aprendizagem, a inclusão de aspectos da vida cotidiana nos temas trabalhados na escola e a educação cidadã com foco no exercício da democracia, como forma de fazer com que o homem se reconheça como partícipe da sua cidade, que possa ter consciência do seu papel de aprendiz e cidadão.

1.2 As Cidades Educadoras e a cidade de Nova Iguaçu neste contexto.

Surgido no início da década de 90, o Movimento das Cidades Educadoras, uma das iniciativas que deu origem ao Projeto Bairro-Escola Nova Iguaçu-RJ, foi fruto do I Congresso das Cidades Educadoras em Barcelona, na Espanha¹. Nessa Conferência, gestores de cidades do mundo inteiro redigiram e assinaram um documento chamado “Carta das Cidades Educadoras”. Nela, as cidades signatárias assumiram compromissos em traçar o perfil educativo da cidade, fazendo com que seus habitantes aproveitem ao máximo a capacidade educativa do espaço citadino. Com efeito, a cidade dispõe de um extenso leque de iniciativas educadoras, de origem, intenção e responsabilidades diversas. Ela dispõe de instituições de educação formal, de meios de intervenção não formais com objetivos pedagógicos preestabelecidos, assim como propostas ou experiências que surgem de uma forma aleatória ou por finalidades comerciais. As cidades educadoras se comprometem em desenvolver parcerias para a troca das suas experiências; num espírito de cooperação apoiar-se-ão mutuamente para pôr em prática projetos e experiência que se dignem a incentivar a proposta educacional na cidade.

Para o Movimento das Cidades Educadoras, o processo educativo deve ser permanente e integrador, aproveitando-se de todos os fatores que a cidade apresenta e valorizando aspectos de organização da cidade, sejam eles: cultura, recreação, meio ambiente, planejamento urbano, participação política, dentre outros. A Carta atribui para as Cidades educadoras, o seguinte papel:

1. Informação encontrada em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/cidade-educadora/> acesso em 01/jul/2020.

A cidade educadora deve exercer e desenvolver esta função paralelamente às suas funções tradicionais (econômica, social, política de prestação de serviços), tendo em vista a formação, promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes. Deve ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida. As razões que justificam esta função são de ordem social, econômica e política, sobretudo, orientadas por um projeto cultural e formativo eficaz e coexistencial. (Carta das Cidades educadoras, p.02)

Os princípios expressos na carta das Cidades Educadoras são: 1. O direito a uma Cidade educadora; 2. O compromisso da Cidade e 3. Ao serviço integral das pessoas. O item 1, que diz respeito ao direito a uma cidade educadora, prevê que os cidadãos têm direito a boas condições de vida, liberdade, igualdade, oportunidades, lazer e desenvolvimento pessoal. Para isso, se faz necessário, que os governantes dotem medidas necessárias de planejamento e política para dirimir as barreiras impeditivas do pleno exercício desse direito a uma vida digna na cidade, para isso ocorra, a saída é promover a educação na diversidade, combatendo toda forma de discriminação, favorecendo a liberdade de expressão, acolhendo iniciativas inovadoras, a cultura popular e corrigindo desigualdades.

No item 2, o compromisso da cidade, deve-se preservar a identidade local, valorizando costumes e origens. Deve-se incentivar a participação popular nas tomadas de decisões e fomentar projetos de instituições civis e sociais que visem desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes.

No item 3, o serviço integral das pessoas, a cidade deverá valorizar as famílias, dando a elas condições de educar os seus filhos para aprender na cidade. Oferecerá aos seus habitantes a possibilidade de ocuparem um lugar na sociedade, de obter orientação pessoal e profissional o que possibilitará sua participação na sociedade. Especificamente nas relações escola e trabalho, deverá se estabelecer uma relação estreita entre o planejamento pedagógico e as necessidades do mercado de trabalho.

No ano de 1994, ocorreu a III Conferência das Cidades Educadoras. Nesse encontro participaram mais de 450 cidades, do mundo inteiro. A primeira carta das cidades educadoras foi atualizada, e o resultado desse evento foi a criação da Associação Internacional das Cidades Educadoras, cuja sede latino-americana fica em Rosário, na Argentina.

Desde 1990 até os dias atuais, ocorreram vários outros congressos das Cidades educadoras, e em todos eles houve reformulação da Carta das cidades educadoras, seguindo seu princípio de que seria um documento aberto a atualizações. Os documentos internacionais que serviram de base para formulação e reformulação da Carta das cidades educadoras foram: Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001).

Atualmente, 22 municípios brasileiros compõem a Rede Nacional de Cidades educadoras²: Belo Horizonte (MG), Camargo (RS), Carazinho (RS), Caxias do Sul (RS), Curitiba (PR), Gramado (RS), Guarulhos (SP), Horizonte (CE), Marau (RS), Mauá (SP), Nova Petrópolis (RS), Porto Alegre

2. Informação encontrada em: <https://www.edcities.org/rede-brasileira/> acesso 07/dez/2021.

(RS), Santiago (RS), Santos (SP), Santo André (SP), São Bernardo do Campo (SP), São Carlos (SP), São Gabriel (RS), São Paulo (SP), Soledade (RS), Sorocaba (SP) e Vitória (ES). A cidade de Curitiba é o município que assume atualmente a posição de cidade coordenadora, auxiliada por Vitória e Guarulhos, que são os dois municípios que compõem a Comissão de Coordenação. Conforme podemos observar no Figura 1, a maioria das Cidades Educadoras brasileiras concentram-se nas regiões sul e sudeste do país, porém não existe nenhum município do Estado do Rio de Janeiro que faça parte a REBRACE:

Figura 1: Mapa da Rede Brasileira das Cidades Educadoras.



Fonte: Organização. LAGEP - Laboratório de Geografia Econômica, Política e Planejamento - UFRRJ (2022)

Cabe ressaltar que a Cidade de Nova Iguaçu nunca fez parte formalmente da AICE/REBRACE, porém ao analisar os documentos produzidos para elaboração e implantação das propostas de educação da gestão do prefeito Lindberg Farias, nos seus dois mandatos (2005-2008 e 2009-2010)³, percebemos que os fundamentos e propostas do Movimento das Cidades educadoras foram o ponto de partida para a criação do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu. Vejamos o que falam Jailson de Souza e Maria Antônia Goulart, respectivamente, Secretário municipal de educação de Nova Iguaçu e Coordenadora Geral do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, sobre a influência das proposições expressas na Carta das Cidades Educadoras considerando a possibilidade de tornar o urbano, um espaço educativo:

³ Documentos presentes nos anexos do Livro: Bairro-escola: a experiência da Educação integral em Nova Iguaçu.

As redes sociais não existem no espaço vazio, elas existem em espaços concretos, nos lugares, nos territórios. Ela acontece nas casas, nas ruas, nas organizações comunitárias, nos clubes, nas igrejas, nas ONGs e tudo mais. A educação acontece então na cidade. Por isso, acreditamos na ideia de uma cidade educadora. (SILVA e GOULART. 2011 p.18)

Tendo como ideia inicial as premissas da Carta das Cidades Educadoras, a gestão municipal passou a pensar na forma de colocar essas ideias em prática, já que para concretizar uma iniciativa tão inovadora e que envolve tantos atores sociais, como escola, família, poder público, iniciativa privada, era preciso planejar as intervenções formais e não formais, para concretizar objetivos pedagógicos, as suas propostas, sem deixar de lado as vivências dos envolvidos.

Primeiramente, algumas crenças e padrões precisavam ser modificados, por exemplo, a ideia de que somente a escola era responsável pelo desenvolvimento científico e racional das pessoas, que somente o professor era detentor de todo conhecimento, desvalorizando os saberes pretéritos do outro protagonista da unidade escolar, o estudante. Era preciso derrubar a falsa ideia de que o aluno era uma ‘caixa vazia’ que precisava ser preenchida pelo conteúdo formal escolar. Sem, contudo deixar de reforçar que o papel formal da escola não seria descartado, mas a passaria a ser valorizado junto com ele, o papel social do alunado, e toda sua complexidade, enquanto ser que se relaciona com outros, que tem anseios, histórias de vida, certezas, fragilidades, experiências, desta feita, a condição de ser humano desse aluno passa a ser exposta, valorizada e trabalhada. Vejamos:

Quando a escola não considera alunos como pessoas inteiras, integrais, ela assume uma perspectiva institucional e tecnicista. Ela desconsidera a criança, adolescente, o jovem e mesmo o adulto que a frequentam, em suas diferenças e semelhanças. (SILVA e GOULART. 2011, p.19).

Para implantar os fundamentos das Cidades Educadoras, foi preciso primeiro, quebrar os paradigmas da educação tradicional, aquela que permanecia fechada em si, onde todo o saber e todas as práticas pedagógicas giravam em torno de conteúdos fechados que desconsideravam as realidades sociais. Para tanto, investiu-se na concepção de uma educação integral, na qual se valoriza o saber, e o ser humano como um todo. Passou-se a buscar o enaltecimento dos saberes populares, das práticas sociais dos sujeitos envolvidos nessa troca de conhecimento. A educação integral incentiva o reconhecimento de que as territorialidades das políticas pedagógicas devem extrapolar os limites dos muros das escolas.

Nesse sentido, o pontapé inicial do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, foi de tornar as unidades escolares não somente em escolas de horário integral, mas torná-las incentivadoras e propagadoras da ideia de que a educação acontece como um todo, e em todos os lugares, o que seus idealizadores chamaram de educação integral, que tinha como meta, também a melhoria da qualidade de vida da população:

Em Nova Iguaçu, fizemos a opção de apostar na educação como estratégia fundamental para ampliar as condições de exercício da cidadania do morador da cidade. É este cidadão que queremos formar, de forma integral. E, principalmente, aquele mais vulnerável socialmente, que constitui a maioria da população da cidade. (SILVA e GOULART. 2011. p.27).

Então, o processo de implantação do Projeto Bairro-escola de Nova Iguaçu pode ser dividido em dois momentos: primeiramente, de 2006 a 2008, onde o Projeto foi idealizado e difundido, utilizando a ideologia das Cidades educadoras e; posteriormente, de 2009-2010, onde foi efetivada a extensão do horário integral para toda a rede municipal de educação.

Sobre o primeiro momento do projeto, seus idealizadores justificam a opção pelo uso do conceito das Cidades educadoras, pois uma concepção de educação integral com uma política pedagógica tão inovadora se apresentava prejudicada pelas próprias conjunturas do município. A principal barreira que a gestão enfrentava era a de cunho financeiro. Como aumentar/dobrar a carga horária dos alunos sem construir novas escolas e sem aumentar a carga horária dos professores ou contratar novos professores? O município não tinha estrutura de pessoal, muito menos física, para comportar as demandas da educação de horário integral. Portanto, partindo dessa visão política, e partindo das premissas de que a educação integral era vista como uma forma de melhoria na qualidade de vida, não só do aluno, mas de toda a comunidade, todas as instituições que integram a municipalidade, passaram a ser vistas como tendo um excelente potencial pedagógico. Sendo assim, coadunando com as palavras de Alicia Cabezudo e Moacir Gadotti, os quais conceituam uma Cidade Educadora como:

É aquela que converte seu espaço urbano em uma escola. Imagina uma escola sem paredes e sem teto. Nesse espaço, todos os lugares são salas de aula: rua, parque, praças, praia, rio, favela, shopping e também as escolas e as universidades. Há espaços para educação formal, em que se aplicam os conhecimentos sistematizados, e a informal, em que cabe todo tipo de conhecimento. Ela integra esses tipos de educação, ensinando todos os cidadãos, do bebê ao avô, por toda vida. (CABEZUDO e GADOTTI, 2004. p. 09).

Sendo assim, partindo desse conceito de Cidade Educadora e de educação integral, foi que o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu foi idealizado e implantado, com foco inicial no horário integral, balizado por três premissas básicas que eram: 1. Educação integral apoiada no horário integral, 2. Requalificação urbana e 3. Defesa dos Direitos Humanos e redução da mortalidade infanto-juvenil.

As premissas do Projeto Bairro-escola coadunam com a teoria de cidadania concreta de Santos, na qual a igualdade de acesso a bens e serviços garante que o indivíduo viva com o mínimo de dignidade possível.

A educação integral, aquela que valoriza todos os aspectos da vida cotidiana, não apenas a educação escolar, permite que o indivíduo conheça sua história, seus direitos e deveres e que possa ter atuação política no âmbito do seu território. Sobre esse aspecto, destacamos o que Santos aponta:

As populações locais devem ter direito à palavra, não apenas como parcela viva da nação ou de um Estado, mas como membros ativos de uma realidade regional que lhes diz diretamente que a sua voz seja ouvida. (SANTOS, 2007. p. 147)

A defesa dos Direitos humanos e redução da mortalidade infantil, vem como um pilar do projeto Bairro-escola, pois sendo um projeto intersetorial, visava a proteção de direitos básicos, para além da educação, a saúde, emprego, mobilidade urbana entre outros fatores que possibilitam a vida na cidade e o uso do espaço pela população.

Destaca-se a Requalificação urbana, como uma via que viria proporcionar a melhoria do uso dos espaços públicos já existentes, permitindo que as atividades do Projeto Bairro-escola pudessem ser desenvolvidas a contento, mas também permitindo uma renovação e uma melhoria do espaço com vistas a reforçar a função social da cidade.

1.2.1 Cidade Escola Aprendiz, a tecnologia para integrar escola e comunidade.

Também considerado como embrião do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, o Projeto Cidade Escola Aprendiz, que foi um laboratório de pedagogia comunitária, idealizado por uma ONG homônima, nascida em 1998, que ampliou espaços de aprendizado integrando a escola à comunidade, transformando o Bairro Vila Madalena em São Paulo em uma grande sala de aula a céu aberto. Segundo os Organizadores:

A proposta da ONG parte da ideia de que o processo educativo precisa se apropriar da riqueza das ruas, descobrindo trilhas de conhecimento que possam ser percorridas por adolescentes e crianças. (MEDEIROS FILHO e GALIANO, 2005. p.15).

Tendo como base o pensamento do mais importante trio de pedagogos do Brasil- Anísio Teixeira, Paulo Freire e Fernando de Azevedo – o projeto Cidade Escola Aprendiz, se apresentava como sendo:

Uma das mais modernas experiências educacionais de um mundo interconectado, onde há uma crescente necessidade de pensamento global partindo das ideias locais, ou seja, o lugar onde as pessoas vivem – as comunidades. (MEDEIROS FILHO e GALIANO, 2005, 2005. p. 09).

Da Pedagogia libertadora de Paulo Freire, o projeto adotou a concepção de que a escuta e o diálogo são importantes recursos pedagógicos, com eles o estudante e o professor se igualam, pois produzem conhecimento e aprendem um com o outro e são capazes de desenvolver a consciência crítica e o amor pela liberdade.

Por sua vez, Anísio Teixeira, criador da Escola-parque, a qual unia a escola-classe (sala de aula) com escola-parque que era o espaço de brincar e experimentar, sendo projeto do governo estadual da Bahia, que inaugurado na década de 1960, se apresentava como uma nova concepção para o ensino em período integral, o pedagogo também foi importante base teórica para a Cidade escola aprendiz.

Movidos pelas propostas da Pedagogia por projetos e coadunando com as ideias desses estudiosos, foi que surgiu o principal pressuposto da Cidade Escola Aprendiz, que nada mais era do que aprender fazendo e fazer utilizando as novas ferramentas tecnológicas da internet: sites, correio eletrônico e editores de texto.

A redação sobre o significado desse projeto Cidade Escola Aprendiz é uma compreensão e narrativa construída pelos seus idealizadores. Há algumas críticas construídas sobre esse projeto como um alinhamento a partir de uma perspectiva liberal/neoliberal, através da transferência das responsabilidades do Estado para entidades privadas.

A ONG foi idealizada pelo jornalista Gilberto Dimenstein, que via a educação como uma tarefa de todos. Inicialmente, ele coordenava um projeto de educação para comunicação em uma instituição particular de ensino, na capital paulistana. Que, por sua vez, deu origem ao Portal Aprendiz. A partir do ano de 1998, seu projeto virou a ONG Cidade Escola Aprendiz. Para ele, a educação só teria sentido com a ampla participação da comunidade na formulação, execução e avaliação das propostas pedagógicas, partindo da premissa que “todos são educadores e todos são aprendizes”, e que era preciso quebrar as barreiras entre a educação formal e informal, a educação executada dentro e fora das escolas:

A ideia era criar uma experiência que integrasse o bairro e a comunidade com a escola, criando um amplo espaço educativo, para reunir cultura lazer e educação. (DIMENSTEIN, 2004. p. 168).

Uma das primeiras intervenções urbanas no Bairro Vila Madalena, sede da organização, não foi muito eficaz, necessitando de reformulações e adaptações para uma nova versão por parte dos idealizadores. Sendo um bairro central, mas com becos e vielas utilizados por traficantes e usuários de drogas, a ONG resolveu implementar ações de embelezamento e revitalização da área no entorno da sua sede. Para isso, convidou artistas plásticos para a construção de um mural com bolinhas de gude. Segundo Dimenstein, o resultado foi um horror, do ponto de vista político, apesar de o mural ter ficado esteticamente lindo. Na mesma noite da inauguração, todas as bolinhas foram arrancadas, restando apenas as marcas no cimento. O fracasso dessa intervenção artística foi explicado pelo jornalista:

Pela falta de envolvimento dos moradores, a obra não foi apropriada por ninguém; parecia aos olhos deles uma invasão, uma interferência indevida. (DIMENSTEIN, 2004, p.169)

Foi a partir dessa constatação, que o Projeto tomou seu norte: o chamamento da comunidade, agregação de grupos locais no intuito de criar intervenções onde a comunidade se sinta envolvida e pertencente àquela ação. Formou-se um laboratório de ideias com o objetivo de identificar a significação que o lugar tinha para a comunidade e se utilizar do lugar para ampliar o aprendizado, buscando integrar a tudo isso novos atores para o que seria futuramente o Projeto Bairro-escola. Desta feita, para incentivar que a educação extrapolasse os muros da escola, Dimenstein, propôs o Bairro-escola, uma parte do Projeto Cidade escola aprendiz, que se utilizou muito, na sua implantação e execução, das ideias defendidas pelo Movimento das Cidades Educadoras. Para ele, o bairro é um excelente laboratório para desenvolver a cidade, as relações humanas, as crianças e jovens, portanto desenvolver a educação. E neste caso, seriam construídos “planos educativos territorializados” aproveitando os equipamentos presentes no bairro, valendo-se do que já está em andamento, contando com a participação da comunidade. Incorporar a comunidade faz parte das Trilhas educativas, que nada mais são do que caminhos que se abrem conforme aptidões do bairro, por exemplo, igrejas, museus, espaços artísticos ou mesmo um vizinho que possa dar um curso ou oficina para as crianças ou jovens.

Algumas trilhas já puderam ser inicialmente identificadas, mas o Projeto Bairro-escola também conseguiu construir outras para dar solidez ao processo. Com isso, os caminhos do Bairro-escola se auto definiram como em permanente construção. Tendo a escola como ponto central do bairro, e sendo ela, por tradição, a instituição que produz conhecimento, foi a partir dela que se iniciou a mobilização de forças para pôr o projeto em ação. A escola assume um papel de liderança por ter a educação como seu foco. Mas nem sempre foi um processo muito simples. Para qualquer experiência do Bairro-escola o contato com as escolas era de fundamental importância, a maioria das escolas abriu suas portas e incentivou a participação dos seus alunos, porém, inicialmente,

poucas se envolveram e incorporaram as premissas do projeto à sua prática cotidiana. Nas escolas públicas as dificuldades foram ainda maiores, por vários fatores, dentre elas a grande rotatividade das direções escolares e a relação muito fechada entre alunos, pais e professores, contribuíram para a dificuldade em desenvolver trabalhos de longo prazo nessas instituições.

Para transpor esses obstáculos, o projeto Bairro-escola, passou a trilhar os seguintes caminhos:

Envolver os professores - não basta trazer alunos, é preciso envolver os professores nos projetos. (...); unir o corpo escolar- projetos que reúnam, em pé de igualdade, alunos e professores ajudam a estabelecer diálogo dentro do corpo escolar. (...) Inserir o Diretor na comunidade- organizar café da manhã ou chá da tarde com o diretor, professores e pessoas da comunidade ajuda a quebrar barreiras. A ideia é, a partir desses encontros, trazer a comunidade para dentro da escola. (...) Criar o cargo de Professor comunitário. (MEDEIROS FILHO e GALIANO, 2005, p. 41).

As bases do Projeto Bairro-escola estavam calcadas no atingimento de três objetivos: estruturar atividades cada vez mais permanentes, montar uma equipe profissional e ampliar o leque de públicos atingidos, tanto do ponto de vista etário, quanto das necessidades e interesses.

Sobre a equipe de profissionais, cabe aqui salientar a figura do professor comunitário. Gilberto Dimenstein descreve a função do professor comunitário da seguinte forma:

Trabalhando dentro da escola, o professor comunitário será a solução mais barata e eficiente para se criar um bairro-escola. (...) seu papel será o de animador educacional, capaz de fazer a ponte entre a escola e o seu entorno, seja o bairro, seja a cidade. (DIMENSTEIN, 2004, p. 158)

As principais atribuições do professor comunitário eram assessorar a direção da escola para realização de mapeamento das potencialidades da localidade onde a escola estava inserida, ou seja, vislumbrar os possíveis espaços que estariam disponíveis e dispostos a firmar parcerias com o projeto, transformando esses espaços como uma extensão da sala de aula, como por exemplo, cinemas, teatros, empresas, indústrias, cursos de informática e línguas, museus, ONG's e inúmeras outras.

A função de professor comunitário foi provida das seguintes formas: alguém da própria escola destinado a ser o agente de ligação entre a escola e a comunidade (nesse caso, ocorreu tanto com professores da rede privada como da rede pública de ensino); funcionário contratado por uma associação externa a escola, por exemplo, uma associação de pais e mães do bairro; ou ainda, alguém contratado por uma empresa parceira do projeto, para atuar dentro da escola.

O principal foco do Bairro-escola era mesmo a articulação entre as instituições de ensino e os grupos locais, corroborando com uma mudança no pensamento dos cidadãos para com a coisa pública e a educação num sentido amplo. Para se colocar em prática os pressupostos das Cidades Educadoras, o Bairro-escola paulista funcionaria com base nesses três principais pilares:

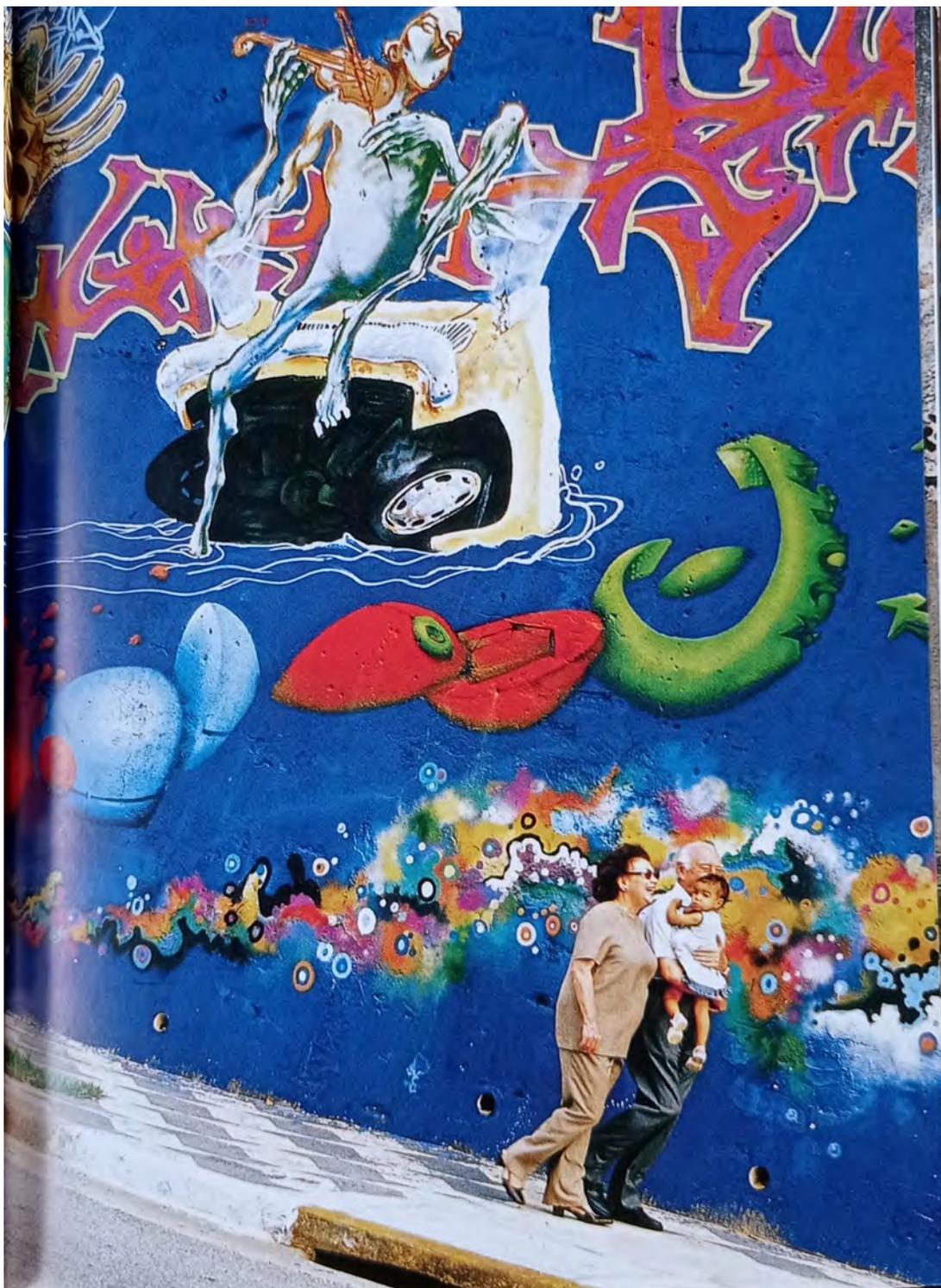
1. Cria programas de comunicação, artes, esportes e meio ambiente, destinados a estimular o estudante a reconhecer-se e localizar-se no cotidiano e na sua comunidade. Esses estímulos devem servir como eixo de interesse para as demais matérias curriculares, como História, Língua Portuguesa, Geografia e Estudos sociais. O ato de aprender, portanto, é o ato de conhecer e intervir no seu meio.

2. Participa da gestão das parcerias, envolvendo escolas, famílias, poder público, empresários, associações de bairro, artesãos, ONGs, voluntários, para que se administrem potencialidades educativas comunitárias.
3. Presta-se como centro de capacitação para que as experiências desenvolvidas ajudem mais educadores a nutrir os sistemas de aprendizado. (DIMENSTEIN, 2004, p. 170)

O que podemos observar nessas três orientações? O Bairro-escola era uma forma de levar o estudante a se conhecer e conhecer o seu entorno, a partir de então, ele entenderia seu papel dentro da sua comunidade, entenderia de que forma o sujeito pode modificar seu espaço e o espaço pode modificar o sujeito. Essa possibilidade é aventada, no momento que, através das práticas educacionais no espaço, a maioria delas ocorrendo através das parcerias, o aluno consegue manter um diálogo entre as matérias do currículo escolar e as diversas outras áreas possibilitadas pela educação informal. E, o terceiro eixo, visava uma continuidade do projeto, de forma a ser um projeto de sucesso que pudesse ser replicado em outros bairros e até mesmo em outras cidades, o Bairro-escola se autodenominava como dissipador de uma experiência exitosa.

O Projeto Bairro-escola cresceu tanto que a sua sede na Rua Belmiro Braga, Vila Madalena, ficou pequena para sua magnitude. Foi então que, o Projeto mudou-se para um Galpão na Rua Auspicueta- também conhecido pelo nome de *Design social*-, no mesmo bairro, onde foram criados projetos de aulas de informática, como foco em cursos de criação de sites na internet, voltados para jovens de escolas públicas e privadas. Ampliou-se também as oficinas de grafiteagem, que eram marca registrada do Projeto Bairro-Escola, pois foi seu ponto de partida, foi no grafite que o projeto de intervenção urbana foi sustentado. Nele, os meninos e meninas apropriaram-se dos espaços públicos utilizando a arte como forma de intervenção urbana importante, como podemos visualizar no mural representado na Figura 2, que segue abaixo:

Figura 2: Foto de muro grafitado pelo Projeto 100 muros, do Bairro-escola paulista.



FONTE: Medeiros Filho e Galiano (2005).

No interior do Design social, não existiam professores, mas sim tutores. que possibilitavam trocas de conhecimento com os alunos, a prática pedagógica que ocorria dentro desse espaço era pautada na transversalidade de temas, os assuntos e matérias se entrelaçaram para gerar algum tipo de produção, por exemplo, murais, cartazes, panfletos, fanzines, websites, e até mesmo um

programa de rádio. A interação entre pessoas de várias faixas etárias possibilitava ainda mais essa troca de conhecimentos. Os mais jovens ensinavam informática básica aos idosos.

Sobre as intervenções artísticas no projeto, ao ter sido ampliadas a dimensão e a temática do Bairro-escola, surgiu a ideia de criar um ateliê de arte-educação denominado de “Escola da Rua”, que foi um marco importante para a profunda mudança visual da comunidade. Foram criados murais de grafite nos muros, nas calçadas, nos bancos das praças e até nos orelhões públicos. Além da grafiteagem, também foram executados por crianças e adolescentes belos e coloridos murais de mosaico nos muros e postes do bairro, vejamos a figura 3 a seguir, onde podemos observar um mosaico de azulejos confeccionado em um poste pelas crianças atendidas no Ateliê “Escola de rua:

Figura 3: Foto de Mosaico de azulejos no poste.



Fonte: MEDEIROS FILHO e GALIANO, 2005.

Após quase uma década do início do projeto, o bairro tinha se transformado completamente. Já era impossível caminhar pelas ruas da Vila Madalena e não se deparar com uma intervenção artística, o modo como esse bairro era visto anteriormente, como um lugar sujo e abandonado, deu lugar ao reconhecimento de toda a transformação que ali ocorreu, o ambiente ganhou um novo

sentido.⁴ Os moradores do bairro e os participantes do projeto foram primordiais para a ressignificação desse espaço urbano.

Essa nova forma de olhar para o espaço público trouxe consequências, a principal delas:

“Em consequência desta mudança, a consequência disso atrai um novo público interessado, tanto em aprender através do projeto, como um alunado das proximidades, quanto uma audiência interessada em consumir arte- o terno consumir é precisamente posto dessa forma, uma vez que todo resultado do processo educacional, necessariamente vira um produto, seja ele de comunicação, arte, capacitação de novos gestores.” (GOMES, 2013, p. 86)

Considerado como um projeto de sucesso e que foi premiado pela UNICEF, seus idealizadores passaram a cogitar a possibilidade de propagar essa experiência para outras localidades. Portanto, no ano de 2007, a própria UNICEF publicou a cartilha do Bairro-Escola⁵, como uma forma de orientar e propagar os pressupostos da educação comunitária, sem deixar de considerar as especificidades de cada lugar. Baseados nos princípios da Cidade Escola-aprendiz e nos escritos do seu idealizador, a cartilha estabelece os seguintes alguns passos como: apostar na riqueza comunitária; identificar um foco geográfico e revitalizar seu espaço público; avaliar e sistematizar periodicamente seu modelo de gestão; construir alianças nos mais variados níveis e nas três esferas de governo; entrar na escola para aprender e desenvolver inovações pedagógicas junto aos professores e, por fim, enfatizar o papel da educação na formação de indivíduos autônomos e solidários e a importância do professor como parte de um processo de aprendizagem que acontece ao longo da vida.

Nessa mesma cartilha, a UNICEF ainda apresenta alguns passos para se estruturar e implementar o Bairro-escola, são eles:

1. A construção de bases político-comunitárias
2. Identificação de referências, identificar alguma ação que esteja em curso no território ou próximo a ele.
3. Realização de um projeto-piloto
4. Mapeamento, identificando locais que mais carecem de uma educação comunitária e registrar seus potenciais educativos.
5. Construção e gestão de trilhas educativas.
6. Expressão, comunicação, mobilização e disseminação.

E assim, foram nesses moldes que o Projeto Bairro-escola, integrante da ONG Cidade Escola Aprendiz, desenvolveu tecnologias de educação integrada à comunidade e passou a disseminar suas ideias para que outros municípios do país pudessem aderir e agregar cada vez mais vivências, temáticas e novas oportunidades de aprendizado.

4 Segundo depoimento de Gilberto Dimenstein, presente na cartilha Bairro-escola passo a passo, no tópico Cidade Aprendiz transforma a Vila Madalena, o espaço utilizado pela Cidade Escola Aprendiz foi a Praça Aprendiz das Letras, um lugar aberto antes abandonado e transformado pela ONG em praça e sala de aula. Nas palavras de Gilberto Dimenstein: “Quem conhece aquela praça hoje e a conheceu antes consegue sentir o gosto de ver uma cidade moldada não pela violência, mas pela educação. Surgiram ali flores, cheiros, árvores, brincadeira, na rua mais violenta e suja do bairro”, descreve. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Bairro-escola_passo-a-passo.pdf.

5 Disponível em: www.unicef.org/brazil/pt/bairro_escola.pdf.

1.3. Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu: o espaço cidadão, atores e articulação de estratégias.

Baseado nos fundamentos das Cidades Educadoras e nas ideias do Bairro-escola proposto pela Cidade Escola Aprendiz, foi que surgiu a concepção do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu. Esse projeto nasceu como a proposta de Política pública para educação visando construir uma nova realidade social na cidade da baixada fluminense. Ele entrou em vigor no ano de 2006, na gestão do prefeito Lindbergh Farias (PT), e tinha como Coordenadora-geral do Programa, a primeira-dama do município, Maria Antonia Goulart.

Quando ainda era candidato ao cargo, na sua campanha política, o programa de governo apresentado por Lindbergh, já demonstrava que a educação seria o centro das suas estratégias políticas. Nele, o futuro prefeito se propunha transformar a educação como fio condutor da sua gestão, colocando em prática as políticas socioeducativas que almejavam instalar na municipalidade uma cultura de combate às desigualdades, de valorização da cidadania e também uma cultura de paz.

O referido programa surge como uma estratégia educativa que pretendia valorizar a educação pública e concretizar a cultura da cidadania, dentro e fora da escola, na qual, segundo seus idealizadores o conceito principal do Programa bairro-escola era:

Um programa de intervenção urbana que tem a educação como ponto de partida e ponto de chegada. O seu pressuposto é o reconhecimento de que as pessoas se educam na cidade, em suas redes sociais, nos lugares e territórios onde vivem. (SILVA e GOULART, 2011, p. 09)

Foi utilizado como fundamentação legal para a elaboração do projeto, o artigo 205 da constituição Federal de 1988 e os artigos 34 e 87 da Lei de Diretrizes e bases da educação nacional, Lei nº 9394, em vigor desde 1996, a saber:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

“Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

Art. 87. É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei. (BRASIL, 1996)

Ao buscar experiências de horário integral que foram significativas no Brasil, o prefeito e a coordenadora do projeto, se depararam com as experiências dos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs, implantados pelo antropólogo Darcy Ribeiro no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola e dos Centros Educacionais Unificados – CEUs, durante a gestão da prefeita Marta Suplicy (PT) em São Paulo. Porém a materialização da educação integral nos moldes dessas duas experiências se mostrava inviável, demandaria, no mínimo a ampliação ou construção de novos prédios escolares, a contratação de novos professores, ou mesmo a ampliação da carga horária dos professores do quadro efetivo da prefeitura. No contexto que o município de Nova Iguaçu se encontrava, sendo uma cidade pobre e periférica, onde as escolas não possuíam uma estrutura física e de pessoal para incorporar as novas demandas do horário integral, o modelo e as diretrizes de implantação do programa Bairro-escola Nova Iguaçu se apresentaram como solução para esse entraves, vejamos:

Um programa de educação integral para pra ser universalizado em uma cidade como Nova Iguaçu, ou em qualquer cidade de grande porte, na qual haja um grande quantitativo de alunos, não tem como seguir o modelo tradicional de dobrar a carga horária do professor e o espaço físico escolar. (...) se tivéssemos que duplicar o número de professores ou sua carga horária de trabalho, também não teríamos ido em frente. Pensar num projeto desse nível que acontecesse todo dentro da escola significaria pensar em algo para ser universalizado em 20 anos. (SILVA e GOULART, 2011, p.20)

Com essa visão holística de todos os elementos necessários à implantação da educação integral e também a constatação desses entraves, falta de recursos para ampliar as escolas ou a carga horária de professores, que os idealizadores do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu se nortearam pelos princípios do Movimento das Cidades Educadoras e também pelas experiências do Bairro-escola da ONG Cidade Escola Aprendiz.

Para eles, como as relações sociais não existem no vazio, havia que se valorizar os espaços concretos, os territórios, os lugares. A escolha da escola como esse espaço de irradiação de ações socioeducativas se deu porque era ela que proporciona encontros e trocas de experiências, porém a educação era tida como muito importante para ficar restrita ao espaço escolar, era preciso valorizar, também, o conhecimento que acontece nas casas, nas igrejas, nos espaços de convivência e etc. Por isso a escolha do nome Bairro-escola para essa política pública de educação foi tão emblemática:

E por isso o nome Bairro-escola é tão significativo para nós. Com ele queremos dizer que a educação é importante demais para acontecer apenas na unidade escolar. (...) acreditamos na ideia de uma cidade educadora. Nela as pessoas aprendem no cotidiano de formas muito variadas, cada um do seu jeito, em diferentes tempo e lugares. (SILVA E GOULART, 2011, p.18)

Pensando em ampliar a permanência dos alunos na escola por pelo menos 7 horas, e pensando em contornar as dificuldades de falta de espaço e de pessoal, foi que entrou em jogo a utilização da experiência do Bairro-escola paulista. Foi uma experiência importante, considerada exitosa que, quando os gestores do município de Nova Iguaçu tiveram contato com ela, passaram a cogitar como uma possibilidade dessa iniciativa ser transformada em uma política pública. A Cidade Escola Aprendiz era uma ONG que partia do princípio da ressignificação e revitalização do espaço do bairro e que envolvia toda a comunidade no processo.

Com a real noção de que o número de escolas não era suficiente para a totalidade da ampliação do horário integral, baseando-se na experiência paulista e tomando por ponto de partida os fundamentos das Cidades Educadoras, que foi construído o modelo próprio de política de educação integral da cidade de Nova Iguaçu, denominado Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu.

A proposta pedagógica era aumentar a permanência das crianças das escolas, por um mínimo de sete horas diárias, porém seriam realizadas atividades em sala de aula e as atividades complementares, contando com a participação de pessoas externas à escola e também instituições parceiras localizadas no raio de um quilômetro da escola.

As estratégias para que o Programa Bairro-escola Nova Iguaçu fosse uma política de sucesso, englobavam os envolvimento de vários segmentos da sociedade, materializando assim o projeto como uma ação integrada de vários protagonistas. E a gestão integrada virou a questão central para viabilizar o Bairro-escola. Segundo Maria Antônia Goulart, a construção de uma estratégia integrada de governo intersetorial com base em um modelo de gestão integrada promoveria a articulação de diversas políticas setoriais. Para isso que a Prefeitura municipal criou a Coordenação do Bairro escola, com ligação direta com o Gabinete do Prefeito que tinha como principal atribuição articular as ações de todas as secretarias de governo (educação, cultura,

esportes, assistência social, saúde, meio ambiente e urbanismo) no âmbito do Bairro-escola Nova Iguaçu.

À coordenação geral do Bairro-escola não coube execução de nenhuma das ações, mas a articulação e a integração das ações educativas integradas e/ou coordenadas pelas Secretarias municipais.(SILVA E GOULART, 2011, p. 121)

Integrando também os princípios orientadores do Programa Bairro-escola Nova Iguaçu, tivemos além da intersetorialidade, a gestão democrática, a intergeracionalidade, a territorialização, foco na aprendizagem e as parcerias público-privadas.

A gestão democrática era um princípio muito valorizado pela gestão municipal. Coadunava com a postura dos governos de esquerda espalhados pelo Brasil no início dos anos 2000. A exemplo dos Orçamentos Participativos, nas gestões do PT nas Prefeituras municipais de Recife e Porto Alegre. A participação popular nas ações de governo era muito incentivada, por sua vez, a gestão participativa proposta pelo Bairro-escola pretendia ampliar e qualificar os percursos democráticos dentro da escola e para com seus parceiros. As principais iniciativas para o fortalecimento da democratização visavam não só a presença física na escola, mas também a oportunidade da participação nas decisões, manifestação de opinião, planejamento e avaliação em diversas áreas da gestão. São exemplos dessas iniciativas: eleição para os diretores das escolas, eleições do Conselho escolar, implantação de Unidades gestoras locais em cada escola municipal e um processo de reflexão e revisão das práticas de gestão escolar.

Dentre as iniciativas para gestão democrática expostas acima, cabe destacar, a eleição para diretor da escola, considerada como uma das ações mais importantes do Projeto Bairro-escola, no sentido de formar nos alunos, nas famílias e nos professores a consciência cidadã, formando um compromisso de todos para com a escola. Até o ano de 2005, os diretores das escolas eram escolhidos através de indicação política, a ideia de implantar a eleição direta para os gestores das escolas havia nascido ainda no período eleitoral, e foi colocada em prática no primeiro ano do mandato do Prefeito Lindbergh. Para o gestor, era necessário que os diretores das escolas tivessem uma maior articulação com a comunidade, fato que pouco acontecia quando da ocupação do cargo por indicação. O diretor indicado pode sempre querer buscar agradecer o responsável pela sua indicação e não busca interagir com a comunidade, além da rotatividade ser muito maior no caso de indicação, o que prejudica em muito a criação de vínculos com a escola e com a população. O Diretor geral da unidade escolar era escolhido dentre os professores do quadro efetivo da escola, eleito por toda a comunidade escolar para um mandato de três anos, podendo ser reeleito por mais um mandato, e sua principal função era:

Promover a integração da comunidade escolar, garantindo o exercício de uma gestão democrática, participativa e envolvida na construção da escola republicana, fazendo cumprir as demandas das ações financeiras administrativas e pedagógicas em sua unidade escolar. (SILVA E GOULART, 2011, p. 129)

A ampliação do horário de permanência dos estudantes nas escolas sempre foi um consenso no processo político pedagógico do projeto. Para eles, quanto mais tempo o aluno permanecesse na escola, mais o seu potencial de aprendizagem e socialização seria trabalhado, o que ocasionaria o melhor rendimento e melhor aprendizado. Tendo como um dos pilares do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, a extensão do horário de aulas fez com que a Prefeitura do município recebesse um maior aporte financeiro do Governo Federal através do FUNDEB – Fundo para o desenvolvimento e manutenção da educação básica e de valorização dos profissionais da educação.

Utilizando as verbas provenientes do FUNDEB, foi que a prefeitura de Nova Iguaçu caminhou para a execução de outro pilar da construção da proposta pedagógica do Projeto Bairro-escola: a valorização do professor da rede municipal. Historicamente, a carreira de magistério sempre foi muito desvalorizada, com pouco ou incentivo à qualificação e também investimento em formação continuada. Soma-se a isso a precariedade das condições de trabalho, com a falta de investimentos na estrutura escolar e em propostas pedagógicas realmente voltadas para o estudante da rede pública. Nesse sentido, com a intenção de enfrentar essa problemática, o reconhecimento do professor como um dos principais protagonistas do processo educacional e a sua valorização foram tratados seguindo três níveis básicos: pagamento de um salário digno e atrativo, formação qualificada e contínua e garantia do tempo de atividade extraclasse, na escola.

A política de valorização do professor do município de Nova Iguaçu foi executada através da implantação de um Plano de cargos, carreiras e salário, organizado por posicionamento através da titulação e da carga horária e não o segmento trabalhado. Também foi estabelecido um piso salarial. Para os professores do primeiro segmento com carga horária de 20 horas, o salário-base ficou em R\$ 1200,00. No caso do professor com Doutorado, o Plano de cargos previa um pagamento de R\$ 3500,00 pelas 20 horas de trabalho. Além disso, todos os professores passaram a receber o pagamento de triênio, quinquênio e auxílio-transporte.

De acordo com levantamentos feitos junto à SEMED⁶, no ano de 2004, ou seja, antes do funcionamento do Projeto Bairro-escola, a rede municipal contava com 98 unidades escolares, sendo 97 escolas urbanas e 01 escola rural, tinha um quadro efetivo de 2185 professores concursados para atender 61.805 alunos matriculados. Já em 2008, com o Projeto Bairro-escola funcionando na quase totalidade das escolas do município, esses números aumentaram, a rede municipal de ensino passou a dispor de 102 unidades escolares, sendo 95 escolas urbanas e 07 escolas rurais, haviam 63.381 estudantes matriculados e o número de professores efetivos aumentou para 2507, em decorrência da convocação, em 2005 e 2006, dos profissionais aprovados no concurso realizado em 2005.

Mesmo o Projeto Bairro-escola tendo a escola como seu centro de forças, um projeto dessa magnitude, no contexto de uma cidade relativamente pobre em termos de arrecadação própria, periférica e com aproximadamente 60 mil estudantes matriculados no ensino fundamental, tornava-se quase impossível que a comunidade escolar sozinha pudesse levar o Projeto Bairro-escola adiante. O voluntarismo e as parcerias público-privadas se apresentaram como sendo a solução para dar conta das demandas que a escola não comportava. Lavinias e Fogaça afirmaram que “O voluntarismo foi a marca registrada desse projeto, em todos os seus níveis desde a criação do Bairro-Escola.”(LAVINAS E FOGAÇA, 2011, p. 06)

A solução que os idealizadores do projeto encontraram para fechar as lacunas das atividades que a escola não poderia fazer, foi valorizando um processo de construção de parcerias entre os setores públicos e outras organizações sociais. Inicialmente, houve uma preocupação em valorizar as parcerias sem se confundir com concepções neoliberais de privatizações e esvaziamento do Estado. A ideia não era a de transferir progressivamente para a iniciativa privada as funções do Estado, pois nessa forma de gestão, a neoliberal, a racionalidade econômica é reforçada e a proclamação do consumidor como alvo das práticas é difundida. O dilema do cidadão versus consumidor se fortalece no discurso neoliberal. Neste mesmo tom podemos retomar a ideia apresentada por Milton Santos (1993), quando aponta a necessidade de superar a compreensão imperativa no Brasil onde a condição de consumidor superaria a da Cidadania. Porém, a gestão do Projeto Bairro-escola se preocupou em reforçar o discurso de que não seguiria por esse caminho, referenciando-se especialmente no pensamento gramsciano:

6 Dados coletados no Setor de Matrículas e Estatísticas da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu, em visita realizada no dia 21/11/2021.

Enquanto os princípios e pressupostos da empresa privada são os elementos mais valorizados pelo pensamento neoliberal, as forças progressistas concebem um novo tipo de Estado, e portanto, de parceria. Na sua proposição, as funções estatais vão sendo progressivamente, partilhadas com instituições da sociedade civil – entendidas como aquelas que não estão inseridas na ‘sociedade política’ ou no ‘mercado’ e que visam atender os interesses de grupos ou categorias sociais mais vulneráveis socialmente e/ou discriminados. (SILVA e GOULART, 2011, p. 32)

Sobre as parcerias, são muitos fatores a serem aqui considerados. Tendo em vista que o Programa Bairro-escola deveria promover a intersetorialidade, foram firmadas um sem-número de parcerias, desde parcerias com pessoas físicas, igrejas, empresas privadas e organizações sociais, como foi o caso, por exemplo do SESC, que foi parceiro da Escola Municipal Heitor Dantas, localizada no Centro da cidade. A ideia era trabalhar com várias instituições, para ampliação de perspectivas, possibilidades de experimentação, ter vivência de outros espaços, em prol disso é que outros agentes sociais precisaram ser envolvidos no projeto pedagógico do Bairro-escola, como podemos observar no panfleto distribuído pela Prefeitura de Nova Iguaçu convocando os comerciantes dos bairros a se tornarem parceiros do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu:

Figura 4: Foto de panfleto de divulgação da Prefeitura de Nova Iguaçu.



Fonte: Nova Iguaçu (2006)

Os Espaços Parceiros eram locais oferecidos pela comunidade para sediar as atividades do Projeto Bairro-escola. Eram mobilizados através de um Edital de parcerias e ao se associarem ao projeto, recebiam uma ajuda de custo para ressarcir gastos provenientes do uso do espaço. E a responsabilidade da escola era manter uma relação de respeito e colaboração com seus parceiros, tendo em vista que, a parceria era bem mais do que apenas o uso de um espaço, fazia parte do processo educativo no seu território.

Além dessas parcerias já citadas, a rede parceira ainda envolvia no âmbito de um bairro, uma ou mais escolas, um núcleo ou Pólo de esportes, o Ponto de cultura, o Núcleo de educação ambiental, a Unidade de saúde da família e os demais parceiros físicos.

As práticas pedagógicas do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu eram divididas em: aulas, oficinas, mobilidade, horário intermediário, atividades especiais e atendimento de saúde, na foto abaixo podemos ver os alunos sendo atendidos pelo Projeto segundo tempo, que tinha como seu carro-chefe as atividades de esporte e lazer, utilizando equipamentos do bairro e espaços parceiros:

Figura 5: Foto de Oficina realizada pelo Projeto Segundo Tempo com os alunos do Bairro-escola Nova Iguaçu.



Fonte: Acervo da Escola Municipal Anna Maria Ramalho (2006).

As aulas regulares aconteciam nos horários tradicionais e seguiam o cronograma da Secretaria de educação e as metas e objetivos pedagógicos traçados, democraticamente, pela comunidade escolar.

As oficinas ocorriam, em geral, em horário de contraturno. Estruturadas entre conteúdos e linguagens, respeitando as especificidades de cada faixa etária, divididas em quatro módulos bimestrais com objetivos previamente definidos. A relação entre oicineiro e os alunos deveria ser pautada na base do diálogo e do respeito mútuo.

A forma como a mobilidade foi trabalhada, ocorreu de uma maneira singular. O trajeto que os alunos faziam para ir da escola até os espaços parceiros onde ocorreriam as oficinas deveria ser considerado parte da Oficina. Ou seja, durante a circulação pelo bairro deveria ser estimulada a

observação, a coleta de informações sobre o espaço percorrido. Paisagem urbana, uso do espaço e meio ambiente deveriam ser problematizados no decorrer do trajeto.

O horário entre as aulas e as atividades de contraturno – entre as 11:00 e as 14:00 horas – compreendia o momento das refeições, das atividades relacionadas à higiene pessoal (banho e higiene bucal) e relaxamento, com contação de histórias e brincadeiras com o objetivo de promover a ‘volta à calma’. Essa atividade era executada pelas Mães educadoras.

As atividades especiais eram atividades complementares às demais atividades, podiam ser visitas externas, passeios, conferências entre outras atividades.

O atendimento de saúde ficava a cargo das equipes de saúde da família que tinha aquele determinado território como sua responsabilidade sanitária. Utilizavam como base as cadernetas de vacinação dos alunos e executavam atividades relacionadas a vacinação, saúde bucal, saúde ocular e auditiva, acompanhamento do crescimento, orientações para alimentação saudável. O traçado metodológico do Programa Bairro-escola defendia que:

As informações levantadas pela Equipe de Saúde da Família devem ser sistematizadas em relatórios para subsidiar o processo de planejamento do Bairro-Escola em cada território. Questões relacionadas com alimentação e nutrição (subnutrição e obesidade infantil), curva de crescimento, cobertura vacinal, entre outras deverão, quando for o caso, orientar a revisão do cardápio da escola e ser incorporadas aos temas tratados com as famílias. (Traçado metodológico, p. 125)

Para que o Projeto Bairro-Escola Nova Iguaçu fosse viabilizado, dessa forma holística e intersetorial foi necessário um rol de Agentes educadores, entre eles os funcionários das escolas e também agentes externos. Diretores das unidades escolares, orientadores educacionais, professores comunitários, universitários bolsistas, monitores do Mais educação, Mães educadoras, Agentes culturais e Agentes de trânsito entre outros que faziam parte de todo o processo educativo do projeto.

Entre os agentes educadores citados, cabe destacar os universitários bolsistas e a figura da Mãe educadora. A forma como esses dois agentes foram inseridos no processo, mostra bem o objetivo do Bairro-escola em termos de integração entre projetos não só da esfera municipal como também nas esferas estadual e federal.

A escolha das mães educadoras era feita pela escola, no universo das mães de alunos matriculados naquela unidade escolar, preferencialmente àquelas que faziam parte do programa federal de transferência de renda, o Programa Bolsa Família. Além disso, recebiam uma ajuda de custo no valor de R\$ 100,00 para atuarem com uma carga horária de 20 horas semanais, sendo 10 horas para as atividades com as crianças e 10 horas para atividades de formação. A participação dessas mães não se limitava apenas ao cuidado com as crianças, as mães educadoras também eram atendidas por programas de saúde da mulher, incentivo ao aumento da escolaridade e participação em oficinas culturais, de artesanato e atividades esportivas, além de serem o elo de aproximação e comunicação entre a escola e as famílias.

Já os universitários bolsistas ingressaram no Programa Bairro-escola Nova Iguaçu através de um outro projeto municipal chamado “Nova Iguaçu Cidade Universitária”. Um dos principais objetivos desse projeto era democratizar não apenas o acesso dos jovens de camadas mais pobres da população ao ensino superior, como também garantir a permanência, visto que existe uma alta taxa de evasão dos jovens mais pobres nos cursos superiores, seus pressupostos também coadunam com as bases das Cidades Educadoras, para a produção de um processo educativo integrado, vejamos:

Nesse caso, o saber universitário e as práticas decorrentes são centrais para a materialização do permanente processo de construção de práticas educativas

cotidianas inovadoras, protagonizados pelos diversos agentes educativos. (SILVA E GOULART, 2011, p. 40)

Cada universitário bolsista recebia uma bolsa de extensão no valor de R\$ 300,00 paga pela Prefeitura de Nova Iguaçu, visando não apenas usar a força de trabalho dos bolsistas mas materializar uma política de incentivo aos alunos atendidos. A carga horária que inicialmente foi pensada para 20 horas semanais, foi diminuída para 12 horas semanais para não sobrecarregar os estudantes universitários que já se sentiam rotineiramente sobrecarregados com os extensos deslocamentos dentro da baixada fluminense ou até mesmo para a cidade do Rio de Janeiro, no caso dos que estudavam nessa cidade. Essa carga horária era dividida em: 8 horas para realização de oficinas e 4 horas para atividades de planejamento e formação.

Posteriormente, o Projeto Nova Iguaçu Cidade Universitária foi transformado em projeto de lei para consolidar essa política de ação afirmativa, com objetivo de que o projeto se tornasse uma política pública de garantia o acesso e a permanência na Universidade e reconhecimento de que esse é um direito dos estudantes mais pobres da cidade.

As ações educativas do Projeto Bairro-escola de Nova Iguaçu foram pensadas de forma a articular programas das esferas municipal, estadual e federal, e também por sua ideologia de integralidade, envolvia nas suas ações as suas Secretarias Municipais de Educação, Assistência social, Saúde, Cultura, Esportes e lazer, Meio ambiente, Urbanização e Trânsito seguindo um modelo de co-gestão, no qual todos os atores sociais se responsabilizavam pelo processo de aprendizagem integral buscado pelo Projeto. Assim, construímos um quadro analítico onde podemos visualizar as ações e abrangências dos projetos que estavam integrados com o Projeto Bairro Escola em Nova Iguaçu:

Quadro 1: Quadro Analítico de Programas e Ações articulados ao Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu.

Projeto	Secretaria	Foco de ação intervenção	Articulação com a cidade	Dimensão educativa
Segundo Tempo	Projeto articulado entre o Ministério dos esportes e a Secretaria Municipal de esportes e lazer	Aprendizados em esporte e lazer para os alunos.	Uso de áreas públicas (praças e quadras para fomento do esporte	Vivência das áreas públicas e saúde coletiva.
Mais Educação	Programa articulado entre e o Ministério da educação e a Secretaria Municipal de educação.	A ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores.	Integração de diferentes saberes, espaços educativos, pessoas da comunidade, conhecimentos, buscando construir uma educação integral.	Vivência de áreas e equipamentos públicos.
Cidade Universitária	Executado pela Secretaria Municipal de Educação.	Alunos de cursos superiores moradores do município de Nova Iguaçu	Convênios com Universidades públicas e privadas interessadas em desenvolver intervenções de docência, pesquisa e	Atuação de professores e alunos universitários em projetos desenvolvidos no âmbito do Projeto Bairro-escola.

Oficinas de acompanhamento pedagógico	Ação efetivada pela Secretaria Municipal de Educação.	Reforço e acompanhamento das atividades pedagógicas	extensão. Construção de uma educação que pressupõe uma relação da aprendizagem para a vida, uma aprendizagem significativa e cidadã.	Foco nas disciplinas regulares: Matemática; Letramento; Línguas Estrangeiras; Ciências; História e Geografia; Filosofia e Sociologia
Alimentação escolar (PNAE- Programa Nacional de alimentação escolar)	Articulado entre o Ministério da educação, Ministério dos esportes e Secretarias municipais de Educação e de Esportes e lazer.	Alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional	Compra direta de produtos da agricultura familiar, medida que estimula o desenvolvimento econômico e sustentável das comunidades.	Valorização dos hábitos alimentares locais e culturais.
Programa Saúde na escola- PSE	Desenvolvido pelo Ministério da Saúde e executado pela Secretaria Municipal de Saúde.	Contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde,	Criação de núcleos e ligações entre os equipamentos públicos da saúde e da educação (escolas, centros de saúde, áreas de lazer como praças e ginásios esportivos, etc).	Enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino.
Programa de erradicação do trabalho infantil- PETI	Programa Federal do Ministério do Desenvolvimento Social e combate à Fome articulado com a Secretaria Municipal de Assistência Social.	Ações direcionadas a retirada de crianças e adolescentes, com idade até 16 anos em condições de trabalho precárias.	Trabalho social com famílias. Transferência de renda e oferta de serviços socioeducativos para crianças e adolescentes que se encontram em situação de trabalho.	Encaminhamento de crianças, adolescentes e suas famílias para serviços, programas e projetos de outras políticas setoriais (saúde, educação, esporte, cultura, aprendizagem, inclusão produtiva, dentre outras) conforme necessidade.
Pontos de Cultura Escola Viva Bairro-escola	Rede de Pontos de Cultura do Ministério da Cultura, coordenada pela Secretaria Municipal de Cultura.	Práticas culturais contemporâneas buscando influenciar nos processos educativos, promovendo a interface educação-cultura.	Locais para experimentação artística e prática cultural nos bairros.	Estímulo à participação social, a colaboração e a gestão compartilhada de políticas públicas no campo da cultura.
Projovem Adolescente	Programa do Ministério do desenvolvimento social e combate à fome integrado a Secretaria Municipal de Assistência Social.	Serviço socioeducativo destinado aos jovens de 15 a 17 anos pertencentes a famílias com perfil de renda do Programa Bolsa-Família	Integração entre CRAS com outra unidade pública (nesse caso, eram as escolas) ou em entidade inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social	Atividades de esportes, cultura e formação geral para o trabalho
Programa Esporte e lazer na cidade	integrado entre o Ministério dos Esportes e a Secretaria Municipal de esportes e lazer.	Aprendizados em esporte e lazer para a comunidade.	Uso de áreas públicas (praças e quadras para fomento do esporte	Vivência das áreas públicas e saúde coletiva.

Fonte: Autora, 2021.

Como pudemos observar, o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu buscou aproveitar-se de todo potencial educativo da cidade, fazendo uso de parcerias, buscou agregar atores sociais diversos daqueles que atuavam seguindo apenas a lógica da educação formal. As estratégias de cooperação coletivas tinham como objetivo utilizar os múltiplos espaços educativos a fim de expandir o aprendizado para fora dos muros das escolas, fazendo uso também de espaços de educação informal e não-formal.

Desta forma, considerando práticas e saberes construídos na cidade, reforçando os objetivos dessa política pública de educação que privilegia os vários atores da cidade e as práticas pedagógicas para a cidadania, a família, a escola, e a cidade tornam-se extremamente importante na educação dos indivíduos, privilegiando vivências urbanas e o cotidiano.

CAPÍTULO II A CIDADE DE NOVA IGUAÇU CRIANDO CONEXÕES ENTRE POLÍTICAS URBANAS E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS.

Esse capítulo pretende explicar o funcionamento das políticas públicas de educação, realizando uma breve explanação sobre o panorama das políticas públicas de educação no Brasil, criando um nó teórico sobre as conexões sobre políticas educacionais urbanas, partindo da ideia que o Movimento das Cidades Educadoras incentivou a apropriação dos potenciais educativos da cidade, dessa forma, ligando as questões educacionais com as questões urbanas. E de que forma a Gestão do Prefeito Lindbergh Farias construiu essas políticas em seu mandato, com a adoção do Projeto Bairro-escola, explicando o exemplo do bairro Miguel Couto.

2.1 O que é uma política pública de educação para a cidade?

As Políticas públicas são um instrumento de atuação do Estado para garantir as suas ações. São ações que o governo escolhe ou não, fazer. Elas têm como meta, garantir os direitos sociais através de prioridades, opções ou decisões e ações previamente planejadas e posteriormente implantadas. Assim, políticas públicas são as ações mas também podem ser inércia, ou seja, o que o governo escolhe fazer ou deixar de fazer dentro das áreas de atuação legal, especialmente no domínio social da educação, saúde e segurança interna dos cidadãos e externa do país. É por meio das políticas públicas que se decide “quem recebe o quê, quando e como”.

No tocante às políticas públicas de educação, podemos situá-las na seguinte definição:

As políticas públicas educacionais dizem respeito às ações ou inações do Estado, ou seja, prioridades de ação que venham a incidir no ambiente onde ocorre a educação formal com o objetivo de melhorar o ensino-aprendizagem, através de ações como: planos educacionais, programas de formação docente, construção de prédios adequados, contratação de profissionais qualificados, programas de gestores escolares, planos de valorização do magistério, entre outras. (NANNI e SANTOS FILHO, 2016, p. 127)

Sobre escolher em qual área agir ou não agir, tocamos em um grave problema no Brasil, no âmbito das atuações políticas: não há diferenciação entre Estado e Governo. O Estado é o conjunto de instituições que formam ‘a coisa pública’, e o Governo diz respeito à gestão da ‘coisa pública’. As feições das Políticas públicas têm forte relação com as ideologias do governo, por esta razão, muitas ações de uma gestão acabam sendo descontinuadas numa próxima gestão, podemos enquadrar, como um exemplo clássico, o objeto de estudo deste trabalho, o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu.

Uma das razões para que existam as políticas públicas é o caráter reparador que elas trazem em seu bojo. Servem para reparar danos histórico-geográficos produzidos pela sociedade (assimetrias de gênero, cor e classe causadas ao longo do tempo). Elas também podem ser definidoras, ou seja, definir quem vai ser atendido por determinada ação do governo; podem ser reguladoras, com diretrizes que irão regular as ações do Estado. E, por fim, são constitutivas, quando implementam as ações, por exemplo de saúde, educação e moradia, constituem diretrizes que serão plenamente atingidas. Não podemos esquecer do sentido da política como liberdade, conceito difundido por Hanna Arendt (2009), no qual o indivíduo ao ter seus direitos garantidos ele passa a usufruir plenamente da liberdade, porém sem deixar de lembrar que o rebatimento espacial da política pode também causar o seu aprisionamento.

Os principais objetivos das políticas públicas são garantir o exercício dos Direitos humanos e sociais, mas por sofrerem interferência das dinâmicas sociais, econômicas, dos jogos de poder e

de seus atores, acabam por não atingir a sua eficácia plena, é nesse bojo que elas podem sair da garantia da liberdade para a prisão (ROCHA, 2012). As políticas públicas, por si só, não serão capazes de resolver feridas mais profundas da sociedade, nesse sentido é que está a importância de se ter uma relação mais orgânica na construção delas. Sobre o rebatimento espacial, ele ocorre porque o espaço aqui retratado é o espaço da vivência, das relações cotidianas. Segundo Milton Santos (2008), o espaço pode se tornar uma prisão à medida que os seres humanos não tenham os direitos necessários para exercer sua liberdade em totalidade, porque os direitos estão fragmentados. A educação tem relação direta com a reparação das epistemes. Ela não só garante o acesso ao Saber mas também a possibilidade de produção do conhecimento.

A configuração do Estado brasileiro é marcada por uma setorização e fragmentação que são frutos da estruturação histórica das políticas públicas, nascidas e planejadas para uma implementação isolada, com isso percebemos a carência de planos e ações de maneira articulada. Esta desarticulação está presente nas três esferas administrativas: municipal, estadual e federal, desde a formulação, coordenação e execução dos serviços públicos, cada área se especializa e viabiliza sua implementação de forma individualizada.

Essa forma de fazer política pública segmentada é consequência de uma lógica gerencialista, de cunho financeiro que, em vez de tratar o cidadão como sujeito detentor de direitos, os enxerga como meros clientes. A fragmentação pode ser observada ao longo de diferentes gestões públicas desde a redemocratização, os principais efeitos dela são a dificuldade de acesso da população alvo e o desperdício de verba pública.

Estratégia de gestão pública democrática, a intersetorialidade de políticas públicas se apresenta como uma resposta à fragmentação. Inojosa (2001, p. 104) define a intersetorialidade como a articulação de saberes e experiências para o planejamento, a realização de avaliação de políticas, programas e projetos, cujo fim é alcançar resultados cooperativos em situações complexas. Através dela, se propõe a participação popular nas decisões políticas, a articulação de diversos setores da sociedade e complementaridade das ações, visando uma atuação holística para atendimento efetivo às demandas dos cidadãos. Colocá-la em prática é desafiador, tendo em vista que se faz necessário construir bases políticas sólidas e mecanismos de elaboração, implementação e avaliação que permitam alcançar os anseios e necessidades da população. Além disso, ir de encontro ao neoliberalismo que, restringe orçamentos, incentiva o Estado mínimo com as privatizações, afastando ainda mais a população das políticas públicas e ações governamentais.

A gestão municipal de Nova Iguaçu apresentou o Projeto Bairro-escola como sendo uma política pública intersetorial, e enfrentaram todos os desafios acima expostos: dificuldades em transpor a estrutura burocrática de governo, mudança na cultura de ações fragmentadas e dificuldades e definir ações prioritárias por falta de verbas. A intersetorialidade atribuída ao Projeto Bairro-escola se fundava na ideia de que as ações promovidas pela gestão municipal partiam de uma política pública de educação, mas também passava, por exemplo, por ações integradas na saúde, cultura, esportes e urbanização, agregando, inclusive ações, programas e orçamento vindos das esferas estadual e federal.

Para discorrer sobre políticas públicas de educação, temos que lembrar que, ao longo da história educacional do Brasil as ações de governo para educação, se limitavam a educação escolar limitada por um sistema. Porém, o Projeto Bairro-escola propôs atuar, pensando em ações que também viabilizassem as características informais da educação, partindo da premissa que a educação também acontece informalmente (GONH, 2010), a partir das interações humanas, inicialmente, sem livros, sem escola, só através da observação, da reprodução, das trocas de experiências e, depois, formalmente com professores, escolas e livros, e que esses dois fatores não precisam se excluir.

A ideia da educação como um serviço vem de uma perspectiva neoliberal, na qual as ações do estado são mediadas pelas relações de consumo, enquanto que a educação como direito tem fulcro na Constituição. No Brasil, há muitas pessoas que não têm acesso a direitos básicos para sua

sobrevivência e há outras que nem sabem que os têm e sem direitos não podemos dizer que essas pessoas são cidadãs. O acesso às melhores escolas e universidades está condicionado à noção de serviço, ou seja, só tem acesso quem pode pagar, aprofundando ainda mais as assimetrias do sistema capitalista. Nesse contexto, qual o sentido da educação? Educar para que? Educar para o desemprego? Educar para o não trabalho? Nota-se a consolidação ético-política e da pedagogia do Capital, dando ênfase a uma pedagogia das competências. Fator verificado como tendência para formação ao mundo do trabalho que caminha para o estímulo ao empreendedorismo (educar para um mundo volátil, incerto, complexo, ambíguo, tendo em vista as altas taxas de desemprego e informalidade). A formação de professores tem essas enormes questões para lidar, além disso, o professor recém-formado, sai da Universidade com diploma na mão para ganhar salários, em média, menores que outros profissionais com formação superior. Mais uma constatação da precarização do trabalho docente. Além de todas essas condições desfavoráveis, agora os professores estão sofrendo mordidas institucionais, ou seja, a liberdade de cátedra cerceada. Fatores esses que prejudicam ainda mais o acesso pleno ao Direito à educação.

No bojo do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, enquadra-se a noção de política pública educacional para/na/da cidade. Nesse enquadramento podemos observar as conexões entre as políticas educacionais e as políticas urbanas. As contribuições do Manifesto das Cidades Educadoras fazem esse elo entre elas, vejamos:

A satisfação das necessidades das crianças e dos jovens, no âmbito das competências do município, pressupõe uma oferta de espaços, equipamentos e serviços adequados ao desenvolvimento social, moral e cultural, a serem compartilhados com outras gerações. (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 1990, p. 06).

A importância da educação para um país é um assunto bastante discutido, e em um primeiro momento pode até parecer um tema simples, porém é algo bastante complexo. Dada a sua importância, a educação deve ser um objeto de estudo visto como um processo que envolve todas as peças da sociedade, discutindo as diversas possibilidades referentes à função social da escola e seus impactos na vida em comunidade. Daí que surge a importância de se estabelecerem políticas públicas de educação, que são, como já visto anteriormente, a forma com o Estado pode agir para atender às demandas educacionais da sociedade, de forma a olhar com equidade para as suas particularidades.

Ao analisar o contexto histórico da educação brasileira percebe-se que o projeto político de educação, ao longo dos anos, foi pensado e executado de forma a privilegiar as classes sociais dominantes, os grupos hegemônicos, de uma maneira que legitimou as diferenças sociais.

A educação não deve ser vista como uma política abstrata e uniforme, pelo contrário, cada escola é um território ímpar, deve-se considerar as particularidades do local onde está inserida, por exemplo. Deve-se considerar a realidade social e cultural do alunado, tratando-os de forma igualitária, na medida das suas diferenças e principalmente promover uma prática pedagógica que privilegie a formação de alunos com senso crítico, como seres reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres enquanto cidadãos e que compreendam a conjuntura social, econômica e política do seu lugar, para que dessa forma sejam capazes de participar ativamente dos processos constitutivos da sociedade através da participação democrática. Inclusive, decidindo a aplicabilidade das políticas públicas propostas ou escolhendo as ações as quais o Estado adotará na solução das suas demandas.

As políticas públicas de educação norteadas para suplantar um projeto de educação excludente, visam combater as práticas hegemônicas atuando de forma a resolver problemas como: falta de estrutura física nas escolas, falta ou inadequabilidade de materiais pedagógicos, desvalorização e falta de capacitação de professores entre outros problemas (MELO, 1991).

A ideia de pôr em prática, políticas públicas de educação efetivas visam impactar positivamente a vida dos cidadãos buscando promover a igualdade de direitos, alcançando todas as classes sociais e por fim, formando cidadãos conscientes da sua cidadania.

O projeto político, urbano e educacional de uma Cidade Educadora previa que todos os seus municípios pudessem desfrutar das mesmas oportunidades de formação, desenvolvimento pessoal e de entretenimento que a cidade pode oferecer. Portanto, no processo de tomada de decisões para formulação de políticas públicas educacionais e urbanas, deve ser levado em consideração o impacto delas. Neste contexto concordamos novamente com Callai (2014) ao destacar a importância de pensar ações educativas que superem os espaços escolares e compreendam a cidade como parte deste ambiente pedagógico.

Para considerar este impacto se faz mister implantar mecanismos de avaliação de políticas públicas (HÖLFLING, 2001). A avaliação de programas e projetos é um instrumento utilizado para a melhoria do processo de tomada de decisões. Através das avaliações pode-se conhecer alguns dos efeitos produzidos pelos programas e projetos avaliados, tendo em vista a comparação dos resultados esperados e os efetivamente atingidos. Nas avaliações é possível analisar as mudanças ocorridas nas variáveis envolvidas e as principais consequências ocorridas na vida da população que se desejava impactar. É de suma importância que a avaliação seja realizada a cada etapa da implantação de um projeto ou política, pois dessa forma, é possível assinalar os pontos fortes e fracos, e as estratégias de melhoria a serem adotadas, se for o caso. Com essas informações e dados, os gestores públicos têm a possibilidade de melhorar o projeto inicial para dar andamento à expansão da sua implementação, ou mesmo modificar o objeto de forma a atingir os objetivos de forma plena. Além disso, podem fundamentar decisões e melhorar a prestação de contas sobre gastos de verba pública.

Através da intersetorialidade, o Projeto Bairro-escola buscava também que a cidade oferecesse aos pais dos alunos uma formação que lhes permitisse ajudar os seus filhos a crescer e utilizar a cidade num espírito de respeito mútuo. Todos os habitantes da cidade têm o direito de refletir e participar na criação de programas educativos e culturais e dispor dos instrumentos necessários que lhes permitam descobrir um projeto educativo que viabilize o uso do espaço urbano. Em contrapartida, o gestor público deve pensar em ações e estratégias de requalificação de espaços públicos, equipamentos de lazer, melhoria da saúde da população viabilizando o saneamento básico, e discutindo todas as ações junto aos moradores, tendo como palco a escola, que por sua vez ocupa um lugar de centralidade no bairro, e trazendo para o debate público de escolha das ações prioritárias desse governo, promovendo a mobilização da sociedade para a afirmação de direitos e assumindo a importância da sua participação direta na gestão da vida pública, efetivando o processo democrático de se fazer política pública.

2.2 O Projeto político de educação da “Era Lindbergh” (2005-2010)

O prefeito Luiz Lindbergh Farias Filho⁷, nasceu em 8 de dezembro de 1969 em João Pessoa na Paraíba. Transformou-se uma figura política ao tornar-se líder do movimento estudantil conhecido como “os caras-pintadas”. Esse movimento surgiu na década de 1990, nele milhares

⁷ Quando concorreu ao cargo de prefeito de Nova Iguaçu, em 2004, Lindbergh passou a utilizar a grafia do seu nome sem a letra "H", segundo o próprio, seria uma forma de tornar o nome mais simples para o eleitor. A utilização dessa grafia ocorreu até as eleições de 2010, na qual concorreu ao Senado. Portanto, em muitos textos e artigos sobre o Bairro-escola e sobre Lindbergh Farias, pode-se encontrar o seu nome escrito das duas formas. Nessa dissertação optamos por grafar da forma que o político utiliza atualmente. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/168540/lindbergh-tira-o-h-e-diz-querer-facilitar-vida-do-eleitor>

de jovens protestavam nas ruas contra os esquemas de corrupção do primeiro presidente eleito democraticamente após o fim do regime militar, Fernando Collor de Melo. A onda de protestos promovida por jovens pintados de verde, amarelo e preto simbolizou a primeira leva de mobilização democrática pós-ditadura militar no Brasil.

Seguindo os passos do seu pai, Lindbergh tornou-se presidente da UNE, em 1992. Dois anos depois, foi eleito Deputado Federal pelo PCdoB – Partido Comunista do Brasil, no Rio de Janeiro, sendo um dos candidatos mais votados na eleição de 1994. Em 2002, conseguiu voltar à Câmara dos Deputados, porém dessa vez, já filiado ao PT.

Sua campanha para Prefeito de Nova Iguaçu, seguiu o discurso de governar de uma forma diferente do que se apresentava na Baixada Fluminense, se apresentando como: “um governo de ruptura com o quadro político conservador e gestão deplorável prevalentes na baixada fluminense” (FOGAÇA e LAVINAS. 2011, p. 06).

A gestão de Lindbergh se confunde com o funcionamento do Projeto Bairro-escola, pois a proposta era que todas as ações de governo tivessem como ponto de partida as ações desse projeto, tendo em vista a intersetorialidade atribuída a essa política pública. A gênese do seu nascimento pode ser percebido, implicitamente, já nas propostas de governo. Implícita porque os elementos estruturais de onde se pode derivar o Programa Bairro Escola já estavam presentes, percebe-se a presença dos elementos ideológicos dele e também percebe-se movimento de materialização e a vontade política de integrar e articular ações. Desta feita, os conceitos e estruturas que vão dar corpo a realização do projeto Bairro Escola já se apresentavam no discurso que compunha o programa de governo.

Este elo pode ser observado quando, por exemplo, na apresentação das propostas de governo, desvela-se a demanda por implementar políticas públicas efetivas de combate à exclusão social. Ações que sejam integradas pelas mais diversas secretarias cuja estreiteza ocorrerá por meio da consolidação de parcerias: entre cada secretarias envolvidas na execução das políticas, os atores e instituições sociais como um todo, inclusive, outras esferas de governo, estadual e federal, objetivando também captar recursos, programas e projetos para o município.

Podemos observar também que, no programa de governo as parcerias visavam especificamente atuar na educação formal, como uma forma de complementar a ação educativas, por exemplo ofertando turmas para a alfabetização de jovens e adultos. Seguindo essa linha de atuação, o plano já vislumbrava o possível estabelecimento de parcerias com instituições privadas ou ONG's, a exemplo das igrejas, associações de moradores e clubes para o uso do espaço ocioso no intuito de implantação dessas classes.

No que concerne às ações para a educação não formal, apresentou-se ainda no programa de governo, como alternativas, os programas Criançando e Escola Aberta. O primeiro teria por objetivo complementar o horário escolar promovendo de atividades de reforço escolar e merenda, atividades culturais e esportivas realizadas em, pelo menos, três horas no contra turno escolar atendendo crianças e jovens na faixa etária de 7 a 14 anos de idade. O programa Criançando já trazia em seu bojo a estratégia de ser implantado no sistema de parcerias com organizações não governamentais – ONGs, e usando mão de obra da comunidade e espaços subaproveitados nas igrejas, agremiações e clubes. Já o programa Escola Aberta, seria executado a partir da integração de diversas secretarias municipais, com o objetivo de estimular e solidificar a relação entre a escola e a comunidade a qual estava inserida, promovendo especial incentivo à participação de pais e jovens. O funcionamento do Programa Escola Aberta consistiria na abertura da escola aos finais de semana para realização de atividades culturais, esportivas e recreativas para toda a comunidade.

Sendo assim, já no programa de governo podemos claramente observar os elementos estruturais que mais tarde viriam a configurar os pressupostos e características formadoras do

Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, que foram: as parcerias como forma de organização e ação do governo, a idealização da educação integral e também da educação comunitária.

Com relação a lançar mão do uso das parcerias, podemos notar que elas seriam materializadas inicialmente como cooperação técnica e financeira entre os vários setores do governo municipal, em geral, suas secretarias. Entretanto, elas não se restringiriam ao âmbito do governo municipal vindo também, a incorporar outros entes federados, empresas privadas que viriam a se tornar alvo de ações de captação de recursos e a sociedade civil como um todo, organizada ou não. O conceito de educação integral, tal como foi desenhada no referido programa de governo, não inovou significativamente se comparado a outras concepções já utilizadas no contexto da educação brasileira. Já concepção de educação comunitária sob a ótica do Escola Aberta, trouxe nas entrelinhas componentes novos, na sua idealização, apresentando-se como uma crítica de que a educação apenas de realiza dentro da instituição escolar, a consequência disso traria a possibilidade de se construir novas formas de educação e a, incentivando a sociabilidade e novos arranjos sociais por meio da escola assim como também, a inserir a escola na comunidade e a comunidade de outra forma, modificando a maneira como a comunidade se relaciona com escola e como a escola se relaciona com o território a qual a instituição escolar está inserida.

Ao vencer a eleição e assumir a gestão do município, o Prefeito Lindbergh e a Primeira-Dama Maria Antônia Goulart, resolveram colocar em prática uma política pública de educação integral, intersetorial, que promovesse o aumento da permanência dos estudantes na escola, com a adoção do horário integral. Para isso, contaram com a assessoria do Instituto Paulo Freire - IPF, que por sua vez apresentou aos gestores o que viriam chamar de Escola Cidadã em Nova Iguaçu⁸. O IPF apresentou o embasamento teórico da proposta de Educação cidadã, que para além das diretrizes do Movimento das Cidades Educadoras, também trouxe como proposta os fundamentos e princípios filosóficos, educacionais e político do movimento da Escola-cidadã e categorias-chave do pensamento freiriano⁹. Nesse sentido, apresentados os desafios de implantação de uma proposta de educação integral e cidadã, em uma região tão peculiar como é a Baixada Fluminense, o projeto inicial precisou ser alterado, com o objetivo de se adequar à realidade do município de Nova Iguaçu. Essa nova Gestão, trazia em seu bojo, uma dinâmica de rupturas no cenário político, para tanto quis iniciar um ciclo novo na formatação de políticas públicas direcionadas ao enfrentamento das questões como desigualdade, pobreza e violência; com foco na transformação social do município. Sendo assim, o governo adotou como elemento mais importante da gestão: o Projeto Bairro Escola, cujo objetivo passou a ser a transformação de Nova Iguaçu em uma Cidade Educadora.

Cabe aqui ressaltar que, o Projeto Bairro Escola Nova Iguaçu não foi criado por uma lei ou decreto municipal específico, e sim por um conjunto de documentos legais (leis, decretos, editais) que regulamentavam a inclusão de projetos, os papéis dos diversos atores (como estagiário, oficinairos, mães educadoras) e as contrapartidas para os parceiros, como por exemplo, a Lei Municipal nº 3.815 de 29 de dezembro de 2006, que segundo sua ementa, instituiu a política de incentivos fiscais para os parceiros do Programa Bairro Escola, na qual estavam previstas isenções de ISS (Imposto sobre serviço) e IPTU (Imposto Predial e territorial urbano) para parcerias que previam a cessão de espaços.

Como já explicado anteriormente neste trabalho, o Projeto Bairro Escola iniciou-se em 2005, de forma experimental, no bairro rural de Tinguá e em 2006, já no caráter definitivo, foi implantado nas escolas do bairro Miguel Couto e expandiu-se para as outras escolas de outros bairros do município.

8 Vide Processo de Elaboração do Projeto Eco-político pedagógico, nos anexos.

9 Vide Anexos 1 e 2.

Foi também no ano de 2006, mais precisamente de 23 a 26 de março de 2006, que ocorreu o Fórum Mundial da Educação em Nova Iguaçu, com o tema, “Educação cidadã para uma cidade educadora”. Esse Fórum foi considerado um marco para a Baixada Fluminense, pois desde a sua primeira versão no Brasil, essa era a primeira vez que o FME ocorria fora de uma capital, anteriormente, realizou-se em Porto Alegre/RS nos anos de 2001 e 2003; e em São Paulo/SP no ano de 2004.

O tema “Educação cidadã para uma cidade educadora”, já havia sido debatido no encontro anterior de 2004 na cidade de São Paulo, mas voltou a ser destaque na versão de Nova Iguaçu, pois o objetivo era continuar discutindo a defesa da garantia dos direitos sociais para todos, segundo projetos político-pedagógicos que valorizassem os processos de ensino-aprendizagem nos mais diversos espaços educativos. O outro mote do encontro foi proporcionar aos moradores da cidade, da Baixada Fluminense em geral e também aos visitantes, outro olhar sobre esse território. De um lugar violento, sujo e abandonado, a Baixada se mostrou um local de troca de ideias, produção de conhecimento, e formulação de alternativas para buscar a superação de entraves na educação pública sofridos por países pobres de todo o mundo.

No ano de 2008, após o Programa Bairro-escola Nova Iguaçu se encontrar estabelecido no município e ser vitrine para todo país, inclusive sendo replicado em outras cidades, o Estado do Rio de Janeiro recebeu mais uma vez o Fórum Mundial para Educação, que dessa vez foi realizado com o título: Fórum Mundial da Educação na Baixada Fluminense, o qual contou com a organização e participação de Nova Iguaçu e outras 12 cidades da Baixada. Nessa versão, o Projeto Bairro-escola foi apresentado como uma política implantada, em funcionamento e com bons resultados, dentro da ótica da busca por soluções viáveis para a democratização do acesso à educação de qualidade.

Esses dois grandes eventos internacionais, serviram, entre outros fatores, para alavancar a carreira política de Lindbergh Farias no âmbito da Baixada Fluminense. Ele saiu do desconhecimento, tendo em vista que não era oriundo da Baixada, inclusive durante a campanha para prefeito, seus opositores o chamavam de turista, e tornou-se líder da Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense, que, segundo Rocha (2009) possuía entre outras finalidades, buscar uma coesão política de reivindicação junto às esferas estaduais e federais para os problemas da localidade.

Essa visibilidade política proporcionou a Lindbergh alcançar, antes mesmo do término do seu segundo mandato como prefeito, uma das cadeiras de Senador da República pelo Estado do Rio de Janeiro nas eleições de 2010.

2.3 O Bairro-escola em Nova Iguaçu e os caminhos da implantação do projeto no Bairro Miguel Couto

Considerando que, já foram explanados os antecedentes do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, o qual surgiu com base nos princípios das Cidades educadoras e seguindo os modelos de uso e ocupação do espaço citadino descritos no modelo do Bairro-escola paulista da ONG Cidade Escola Aprendiz. Considerando também que já traçamos os caminhos ideológicos percorridos pelo projeto, que já pormenorizados os princípios orientadores do conjunto de atividades e que foi explicado o papel de cada ator no contexto do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, passemos a elucidar os processos de implantação e o seu funcionamento, na prática cotidiana.

Ao analisar o processo de implantação do Bairro-escola Nova Iguaçu, percebemos que duas fases do projeto ficaram bem delimitadas: um primeiro momento que ocorreu de 2006 a 2008, que ficou marcado como sendo a experiência de implantação e experimentação do Projeto, apesar de a gestão afirmar que não queria fazer projeto-piloto, foi preciso iniciar em algum lugar, nesse caso, o bairro escolhido para inaugurar o Projeto foi o Bairro de Tinguá; o segundo momento ocorreu de

2009-2010, que marcou a expansão do projeto com a adoção do horário integral para todas as escolas do município, expansão que foi possível devido a articulação entre o Bairro-escola e o Programa Mais educação¹⁰. (Nota de rodapé: as falas dos entrevistados, principalmente do Coordenador Geral do Bairro-escola na Escola municipal Anna Maria Ramalho, deixa muito claro que o projeto teve duas fases bem distintas durante sua vigência nos dois mandatos do Prefeito Lindbergh)

Inicialmente, o bairro escolhido para o Projeto foi o Bairro de Tinguá, mais especificamente a Escola Barão do Tinguá, que foi o laboratório do projeto. Algumas características do bairro chamavam a atenção, Tinguá era a região que apresentava o pior IDH- Índice de desenvolvimento humano da cidade. É um bairro com características rurais com pouco trânsito de pessoas e veículos no horário escolar em dias úteis; a Reserva Biológica de Tinguá situa-se nas proximidades da escola, cabendo ressaltar que a Reserva também figurou como uma das parceiras do programa. Outros parceiros da Escola Barão do Tinguá, que cabe aqui destacar foram a Associação dos moradores de Tinguá, a ONG Onda Verde, o Esporte Clube Recreativo do Tinguá e a Igreja católica Nossa Senhora da Conceição.

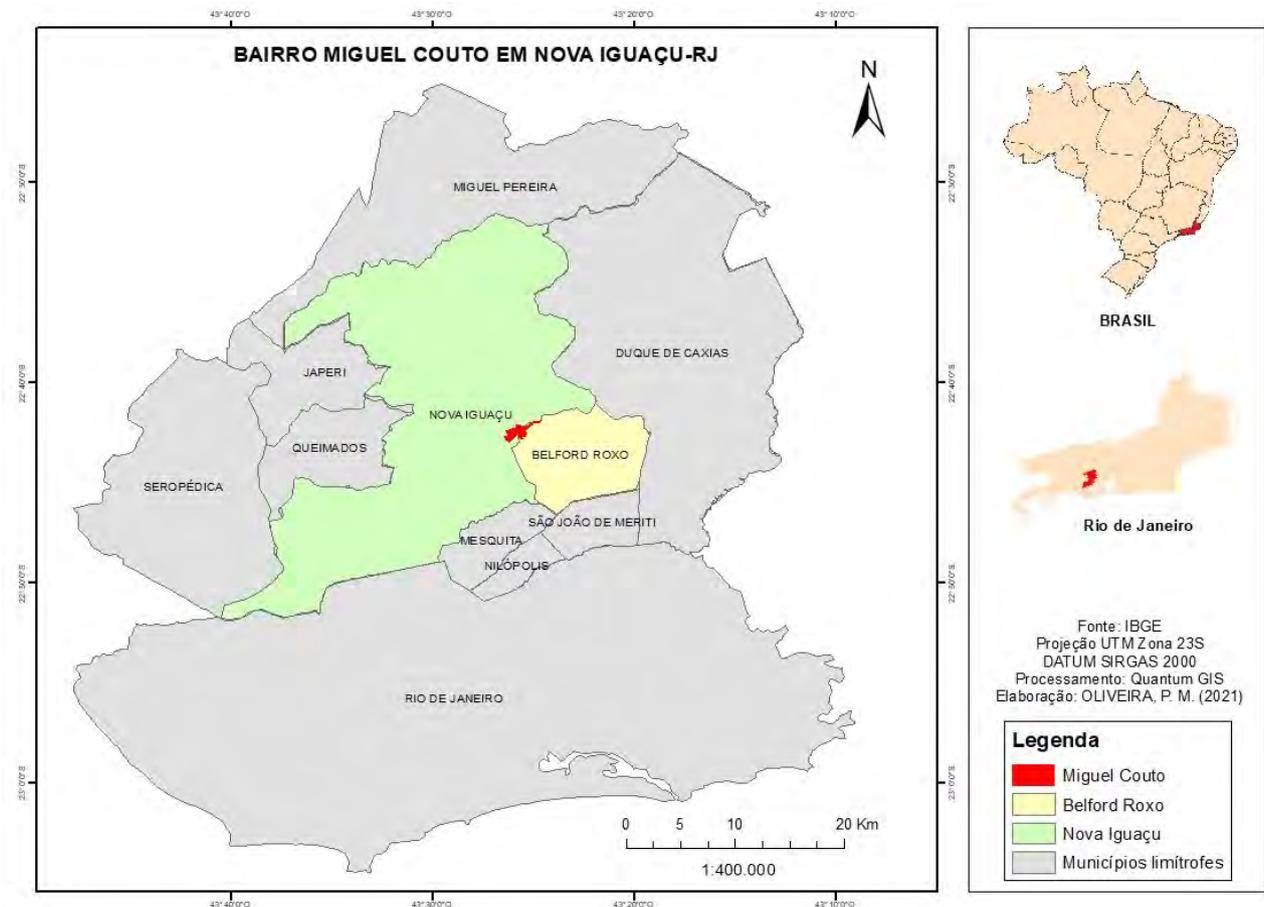
Apesar de ter como princípio norteador e como objetivo da sua implantação, a Gestão democrática, a primeira fase do Projeto foi marcada por uma “centralização decisória”, que segundo Lavinias e Fogaça foi:

O momento inicial a gestão do programa era centralizado na Coordenação-Geral do Bairro-escola cuja função era articular as secretarias municipais tendo em vista a realização dos objetivos do programa. (...) na primeira fase do programa, as escolas foram escolhidas pela Coordenação-geral e convocadas a se engajarem ao PBE. (FOGAÇA e LAVINAS. 2011, p. 07).

Com a percepção de que o bairro de Tinguá tinha particularidades espaciais que não possibilitam uma correta experiência laboratorial, pois as características rurais do lugar não configurava como uma situação ideal urbana, considerando que a grande maioria das escolas de Nova Iguaçu estão localizadas em bairro de grande circulação de pessoas, veículos e mercadorias, a Coordenação-geral do Bairro-escola decidiu dissipar, ainda em 2006 no segundo semestre, a experiência do Bairro-escola para o Bairro de Miguel Couto, no mapa a seguir, podemos observar a localização deste bairro. Desta feita, as escolas municipais Anna Maria Ramalho, Janir Clementino e Professor Ruy Afrânio Peixoto, todas no centro de Miguel Couto, passam a funcionar em horário integral.

¹⁰ As falas dos entrevistados, principalmente do Coordenador Geral do Bairro-escola na Escola municipal Anna Maria Ramalho, deixa muito claro que o projeto teve duas fases bem distintas durante sua vigência nos dois mandatos do Prefeito Lindbergh. Vide Anexos.

Figura 6: Mapa do Bairro Miguel Couto em Nova Iguaçu.



Fonte: Autora (2021)

A intenção era experimentar o projeto em uma área com alto fluxo de trânsito, situação corriqueira no município e que deveria ser tratada como questão imprescindível pela gestão, para a melhor circulação dos alunos pelo entorno das escolas, garantindo a desobstrução de passeios e a correta sinalização de trânsito. O bairro de Miguel Couto foi escolhido justamente por ser um bairro com características de desordenamento urbano, pouquíssima sinalização de trânsito, e uma maior distância entre os parceiros, esses fatores desfavoráveis imporiam desafios que o Projeto Bairro-escola deveria encarar para planejar soluções e estratégias para o seu correto funcionamento.

A Região de Miguel Couto não possui a maior população da cidade, porém foi escolhido pela Prefeitura para dar continuidade ao Projeto por sua posição geográfica, é um bairro considerado de ligação entre diversas regiões do município e de também de outros municípios, portanto a sua melhoria espacial poderia incentivar a melhoria comercial, gerando assim mais arrecadação de impostos.

Cuidando do seu caráter democrático e buscando a cada dia mais firmar parcerias para o Projeto, a Coordenação Geral do Bairro-escola realizou diversas reuniões com os atores de Miguel Couto, por exemplo, comerciantes e empresas de ônibus. O intuito era explicar a dinâmica da circulação das crianças pelo bairro, desta forma conscientizar os comerciantes que usam as calçadas

para expor seus produtos a promover a livre circulação dos alunos e alertar os motoristas de ônibus para que se atentassem a esse aumento do fluxo de crianças nas ruas.

Sobre buscar apresentar o Projeto Bairro-escola aos munícipes de Miguel Couto e receber deles o retorno a respeito de qual cidade eles desejariam construir, vejamos as atitudes ações realizadas pela Coordenação-geral em Miguel Couto:

Foram realizadas assembleias públicas para apresentar o Bairro-escola e discutir a respeito do que deveria ser melhorado no Bairro para que o projeto prosperasse. Assuntos como falta de espaços abertos de lazer, problemas com o trânsito, necessidade de sinalização horizontal e vertical nas vias, ordenamento do fluxo de pedestres e a falta de mobiliário urbano foram algumas das demandas apresentadas. A comunidade ‘sinalizou’ seu sentimento de desamparo pelo poder público e demandou que sua participação fosse mais solicitada para discutir assuntos do bairro. (GOMES, 2013, p. 99)

No final do primeiro semestre de 2007, o projeto já estava instalado em 31 escolas do município, espalhadas por 20 bairros diferentes atendendo, com horário integral, mais de 25 mil estudantes. Em agosto de 2007, o número de alunos já era de mais de 42 mil, envolvendo 290 mil moradores, 360 voluntários, 300 espaços parceiros, 420 estagiários e 3 mil bolsistas de programas federais e estaduais, segundo Relatório parcial de pesquisa I (2008).

O segundo momento do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, ficou caracterizado pela universalização do horário integral. Esse período ocorreu de 2009-2010, já no segundo mandato do Prefeito Lindbergh Farias. Em termos de gestão, como já falado anteriormente, a primeira fase do Projeto foi marcada pela centralização na Coordenação Geral do Projeto, porém a partir do momento em que houve um aumento expressivo da quantidade de escolas atendidas e da complexidade do programa em termos de organização burocrática e gestão das parcerias, a Coordenação Geral teve que se dedicar a resolver questões mais complexas como captação e destinação de recursos, negociação para obras entre outros. Assim sendo, aos poucos a Coordenação Geral foi deixando a linha de frente do projeto a cargo do Comitê Gestor e da Secretaria municipal de Participação Popular, que era a responsável pelos Conselhos, pela formação, gestão e mobilização dos Conselhos, segundo Santos:

O Conselho Bairro Escola consiste no primeiro passo para a implantação do Programa Bairro Escola em um dado bairro. O referido conselho pode ser definido como uma instância colegiada de caráter deliberativo, normativo e consultivo dividida tematicamente por coletivos que acompanham e regulam a implantação e execução local do programa. (SANTOS, 2010, p.107)

Portanto, a segunda fase do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu começa com uma equipe renovada, inclusive, com o deslocamento da Coordenação Geral do Bairro-escola que era ligada diretamente ao Gabinete do Prefeito, para a Secretaria Municipal de Educação. Essa mudança ocorreu com o objetivo de centralizar algumas ações, que em geral, pela magnitude do projeto, a quantidade de programas governamentais e de parceiros, acabavam chegando ao município de maneira desarticulada. Dentre as mudanças realizadas, ressalta-se a mudança de Secretário de Educação, o início do segundo mandato do Prefeito Lindbergh contou com Jailson de Souza e Silva como secretário. Na prática, a entrada de Jailson visava fortalecer a nova estrutura do Projeto e estreitar os laços com as escolas, para isso, ele introduziu a prática de reuniões mensais entre o secretário de educação e os diretores das unidades escolares, criou o Coordenador de aprendizagem

e o Coordenador do projeto político-pedagógico, a intenção era garantir a sintonia entre os projetos desenvolvidos nas escolas e a ligação entre as atividades escolares e extraclasse. A partir de então, a escola passa a ser fortalecida como núcleo central do projeto e não mais um entre tantos parceiros pelo bairro.

Foi nesse mesmo período que os vínculos do Projeto Bairro-escola se estreitaram com o Programa Mais Educação fazendo com que a meta de universalização da educação integral ganhasse um sentido mais forte, deixando para trás os ideais de reconfiguração urbana trazidos pelo conceito de Cidade Educadora. O caráter escolar das ações educativas foi amplamente enfatizado.

Apesar dos gestores do Projeto Bairro-escola considerarem que ele era uma iniciativa inovadora, no Brasil, em termos de política pública intersetorial, e que obteve sucesso, percebe-se que houve muitos problemas de articulação das atividades, por se tratar de uma gama imensa de ações advindas de outras esferas de governo e até mesmo das várias secretarias municipais envolvidas nele. Todo Projeto perpassa por fases para ser bem-sucedido, uma das fases mais importantes de um projeto é a avaliação, que funciona como uma forma de perceber e reforçar as estratégias e metodologias que estão dando certo e de rever e reformular aquilo que precisa de conserto. A metodologia de implantação da gestão participativa, que era tida como um dos fundamentos do projeto, não conseguiu direcionar os interesses diversos que eram apresentados pelos envolvidos. Por exemplo, quando do levantamento dos espaços parceiros e da implantação do projeto, foram realizadas inúmeras reuniões com a população e com os futuros parceiros. Outras reuniões foram feitas para comunicar a implantação, sem discutir ou planejar com os interessados. E só! Após o início do projeto não foi mais possível à população local discutir sobre as ações que viriam a interferir no seu cotidiano ou mesmo expressar suas ideias ou demandas. Em alguns momentos, a gestão teve que recuar de algumas ações em decorrência da dificuldade em manter parcerias para disponibilização de espaços para as atividades ou oficinas e também enfrentou dificuldades para discutir a implementação do projeto em alguns bairros pois a população se mostrava muito insatisfeita com as condições daquele lugar. Em outros bairros, que mesmo passando por obras de melhoria e com o Bairro-escola já implantado, houve baixa adesão da população às suas propostas.

Diante de toda essa problemática e diante dos atrasos nos cronogramas de implantação, a gestão do Projeto Bairro-escola tomou algumas decisões no sentido de viabilizar a execução das ações, reduzindo os processos participativos, por exemplo.

Em agosto de 2009, foi estabelecido o Decreto nº 8345, que tornou obrigatória a oferta de horário integral para todas as escolas localizadas em áreas urbanas, no município de Nova Iguaçu, esse foi um importante marco legal para o ensino de tempo integral, incentivado pela parceria como Programa Mais Educação.

A dimensão estrutural e quantitativa da rede de escolas públicas do município de Nova Iguaçu parece ter tido um avanço, com o aumento da quantidade de escolas na rede municipal, aumento da quantidade de alunos e o aumento do número de professores concursados. Na dimensão qualitativa, os índices verificados pelo INEP, através do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica¹¹, revelam uma melhora um pouco modesta, para a importância atribuída a essa nova política de educação, vejamos os índices na tabela abaixo:

11 A Nota do IDEB é calculada a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação na série) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo INEP.

Quadro 2: Resultados do IDEB do Município de Nova Iguaçu

IDEB OBSERVADO NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU				
SEGMENTO	2005	2007	2009	2011
FUNDAMENTAL I 4 ^a SÉRIE/ 5º ANO	3,6	3,9	4,0	4,1
FUNDAMENTAL II 8 ^a SÉRIE/ 9º ANO	3,5	3,6	3,5	3,5

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Disponível em <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> acesso em 10/11/2021.

O Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, foi concebido também com a premissa de uma requalificação urbana. Esse eixo do Bairro-escola visava a melhoria do espaço público com a recuperação de calçadas, recapeamento de ruas e avenidas, recuperação de praças e parques, instalação de sinalização de trânsito, com placas, faixas de pedestres e semáforos, com o intuito inicial de facilitar a movimentação de crianças no bairro durante as atividades do horário integral e por consequência trazer benefícios a todos os moradores da cidade. Porém, nesse quesito, a gestão do Projeto deixou muito a desejar.

A cidade de Nova Iguaçu tinha uma infinidade de problemas de estrutura urbana que precisavam ser resolvidos com urgência para garantir melhor qualidade de vida para sua população. Como a prioridade da gestão era a educação, já que era o foco das políticas de governo, então as ações de urbanização também eram pensadas como sendo um braço do Bairro-escola, para que assim, a modificação do uso e a interpretação do território pudesse promover uma nova identidade e maior participação cidadã. Emergem aí os desafios de construção tanto da cidadania quanto da incorporação da cidade a uma dimensão pedagógica (CALLAI, 2010). O que na verdade ocorreu foi, por dispor de poucos recursos para investir em melhoria urbana, os poucos locais que passaram por reformas se limitavam especificamente ao trajeto percorrido pelos alunos até os locais onde as atividades extraclasse eram realizadas, isso trouxe consequências:

Um dos conflitos observados nos bairros foi a cobrança por melhorias nas ruas dos moradores vizinhos àquelas que ligavam os equipamentos utilizados pelo Bairro-escola. As obras de qualificação dos passeios só eram feitas nas ruas que compunham a rede educativa do bairro, ou seja, onde as crianças circulavam durante o horário escolar. (AVILEZ, 2013, p.193)

Sendo assim, ao estudar sobre o período de vigência do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, fica perceptível que não houve um acompanhamento sistemático do projeto. Houve uma preocupação em avaliar as ações em separado, e houve algumas propostas de mudanças para ações pontuais. Essa ausência de definições de estratégias de acompanhamento e avaliação, vale destacar, é uma prática cultural na lógica de formulação e implementação de políticas públicas no Brasil, não somente na área de educação. E, as diferentes frentes de trabalho decorrente da intersetorialidade das ações pertinentes ao projeto dificultou ainda mais que a força das ações fossem direcionadas para atingir os objetivos principais do Bairro-escola: a educação integral, a gestão democrática e o urbanismo.

Além disso, os anos de vigência do Projeto Bairro-escola foram marcados por uma descontinuidade política. Foram três secretários de educação diferentes em cinco anos de existência do programa. Esse é outro fator que pode ter trazido entraves ao processo, pois descontinuidade causa ausência de informações e documentos, que podem se perder nessa troca de equipes entre outros transtornos.

Em abril de 2010, o prefeito Lindbergh licenciou-se do cargo para concorrer a uma das duas vagas ao Senado pelo estado do Rio de Janeiro. A vice-prefeita da cidade, Sheila Gama – PDT, assumiu a prefeitura e conseqüentemente a gestão do Projeto Bairro-escola. A Prefeita, que tem formação em pedagogia, manteve os titulares da equipe Central do Bairro-escola (Coordenação integrada do programa e Secretarias de educação e cultura), na perspectiva de dar continuidade ao trabalho de efetivação do horário integral para a totalidade da rede municipal. Porém, houve centralização de decisões, mudanças na ideologia do projeto, tornando-o totalmente com foco nas questões educativas o que conseqüentemente, afastou o projeto das bases político-pedagógicas da sua origem.

Após Lindbergh Farias deixar seu cargo na Prefeitura, o programa perdeu força política e aos poucos foi deixando de existir nos bairros.

CAPÍTULO III REFLEXÕES SOBRE AS MARCAS DO BAIRRO-ESCOLA NO BAIRRO MIGUEL COUTO.

Este capítulo é resultado dos esforços de traçar um elo entre o embasamento teórico e os dados colhidos na pesquisa de campo. O objetivo principal é refletir sobre as principais heranças deixadas pelo Programa Bairro-escola em Miguel Couto. Para isso, se faz necessário localizar geograficamente o bairro Miguel Couto, no contexto da cidade de Nova Iguaçu e conseqüentemente no contexto da Baixada Fluminense, a fim de explicar algumas especificidades desse lugar. Como também, fazer um paralelo entre as ideias principais do Projeto Bairro-escola, o que realmente foi efetivado, para conseqüentemente observar quais aspectos do projeto ainda se refletem na dinâmica do bairro.

Para alcançar esse objetivo, este capítulo tem por base, análise de fontes documentais, trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas.

3.1 O contexto espacial do Bairro.

Quando nos voltamos para a história das sociedades, percebemos as transformações realizadas no ambiente, pelo homem, para que ele fosse adaptado às suas necessidades. O ambiente urbano, quando analisado cronologicamente, nos remete a análise nos aspectos que desenvolveram esse processo histórico, quer sejam eles econômicos, políticos ou sociais. Sobre esse processo histórico, Callai (2005) nos apresenta a seguinte definição:

O lugar é cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também da relação entre eles e a natureza. (CALLAI, 2005. p. 234)

Em tempo hodierno, podemos considerar o bairro como sendo um desses arranjos espaciais das cidades. Consideremos o bairro como a menor parcela de uma cidade, segundo explica Maria Therezinha de Segadas Soares (1990, p. 105) a cidade é um conjunto de bairros, unidades administrativas ou fiscais. Porém, segundo a mesma autora, há que se considerar duas acepções distintas quanto à noção de bairro. A primeira de origem “popular”, a qual assume um caráter extremamente idiossincrático. Para o habitante de uma cidade, o bairro traz no seu bojo, um complexo de elementos particulares, que inclui questões bem específicas quanto a materialidade e o conteúdo social. E a segunda acepção, diz respeito ao já citado conceito, o de âmbito apenas territorial, amplamente utilizado pelas gestões públicas como forma de espacializar as ações de governo no espaço citadino (1990, p.107). O bairro é uma das escalas onde a vida se realiza em sua concretude, as relações afetivas, sociais, a vida materializada na moradia no deslocamento diário pulsa a importância de entender as relações dos lugares, em especial dos bairros de locais periféricos (SANTOS, 2004). Esse é o mote de olhar para o Bairro Miguel Couto, em Nova Iguaçu.

Antes de falarmos sobre as características deste bairro, cabe aqui contextualizar a Cidade de Nova Iguaçu, ao qual, nosso recorte espacial pertence.

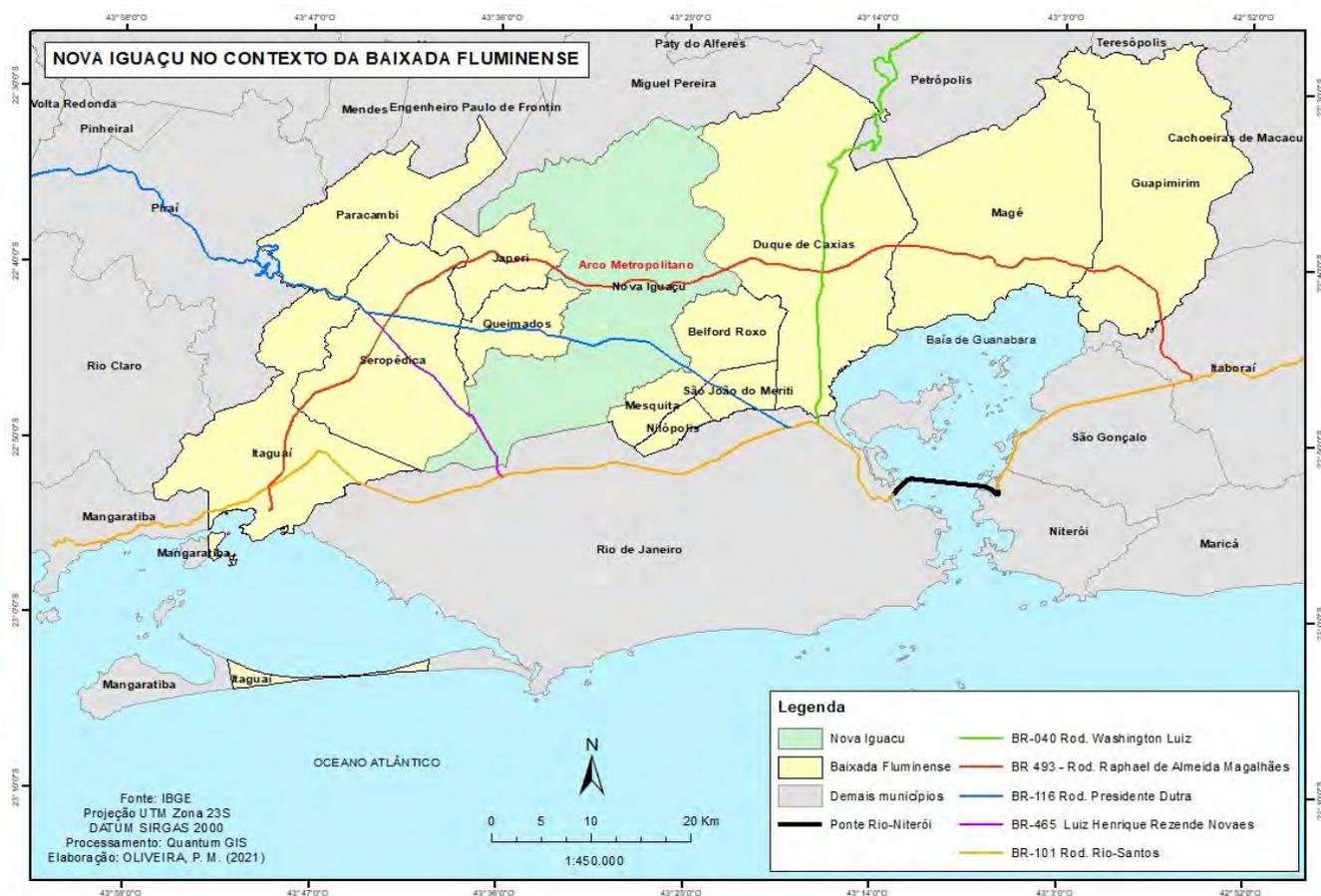
A cidade de Nova Iguaçu é um dos mais importantes municípios componentes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, podemos observar sua localização geográfica no mapa 2, abaixo, sendo seu PIB, no ano 2000, de R\$3.996.084,00.¹² Possui uma área central de aparência moderna, e a seu arranjo urbano é bem característico de contextos de fragmentação e desigualdades, frutos de um crescimento desordenado impulsionado pelo processo de industrialização e metropolização no entorno do Rio de Janeiro a partir dos anos 1950, processo que ocorreu, principalmente pela relação que a região da baixada sempre teve como elo da Capital com sua hinterlândia. Condição que indica uma região afastada do centro urbano, no caso o Rio de Janeiro e sua importância como cidade

12 Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama> acesso em 10/11/2021.

portuária em relação às Minas Gerais, produtores de ouro e outras pedras preciosas. No ápice do período de Mineração no Brasil, a Baixada Fluminense ocupava uma posição geográfica intermediária entre as Minas Gerais e o Rio de Janeiro e essa condição foi de fundamental importância para a formação e urbanização desse território.

A cidade participa do conjunto de municípios que integram o território conhecido como Baixada Fluminense sendo parte da região metropolitana do Rio de Janeiro. No Censo de 2010¹³, a população estimada de Nova Iguaçu foi de 796.256 mil habitantes segundo dados do IBGE¹⁴. No mapa a seguir (Figura 7), podemos observar a localização da cidade de Nova Iguaçu, os municípios que são conurbados com ela e as principais vias de acesso e trânsito de pessoas e de mercadorias:

Figura 7: Mapa do município de Nova Iguaçu



Fonte: Autora (2021)

Rocha (2014) destaca que a composição da Baixada Fluminense pode ser interpretada de formas distintas, a depender do lugar de observação, pois não há um consenso sobre o que é a Baixada Fluminense. O conceito de Baixada Fluminense está intimamente ligada a representações espaciais que podem mudar a composição espacial da baixada, em função de uma seletividade espacial. Por conseguinte, Rocha (2013), afirma que Nova Iguaçu e a cidade de Duque de Caxias,

13 Em Decorência do distanciamento social para o enfrentamento da Pandemia de COVID- 19 não foi realizado o Censo em 2020.

14 Fonte: (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>) acesso em 10/11/2021.

são consideradas como cidades centrais à Baixada fluminense e no seu entorno estão as cidades de São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, Queimados, Japeri e Seropédica. Santos, ainda salienta que, dependendo das interpretações de atores diversos: “os de dentro” e os “de fora” os municípios de Magé, Guapimirim, Paracambi, e Itaguaí, constituem-se ou não, como sendo parte da Baixada Fluminense.

A fundação do município de Nova Iguaçu é datada de 15 de janeiro de 1833, segundo dados da Prefeitura da Cidade e da Câmara de Vereadores que descrevem que o município de Nova Iguaçu surgiu como Vila de Iguaçu, às margens do Rio Iguassú, que acabou por lhe dar o nome. Era utilizada como caminho de tropeiros desde o século XVII. O ciclo do café trouxe modernidade para a Vila, pois foi nesse período que foi aberta a primeira Estrada Real, em 1822, que fazia interligação entre os portos de Iguassú, que possibilitava o trânsito de mercadorias como o próprio café, pedras preciosas e também cana-de-açúcar, que seguiam para o Rio de Janeiro. Foi o aumento do escoamento dessa produção que elevou a Vila à condição de município.

No ano de 1858, foi inaugurada a Estrada de Ferro Pedro II, que propiciou o crescimento do Arraial de Maxambomba, pois na sua proximidade havia uma estação do trem, que trouxe como resultado, o povoamento do seu entorno. Em explicação sobre o impacto dos meios de transporte sobre o crescimento, desenvolvimento e urbanização da baixada fluminense, SOARES (1962) explica:

A técnica moderna, revolucionando os meios de transporte, possibilitou a expansão desmensurada da cidade (Rio de Janeiro) nessa direção (Baixada Fluminense). Ao longo desses (sic) tentáculos gigantes, que são as ferrovias e as rodovias, a metrópole cresceu inicialmente para depois preencher os espaços intermediários com uma poeira cada vez mais densa de construções. (SOARES, 1962, p. 162. *Grifo nosso*)

As Ferrovias ali instaladas funcionaram como grande agente urbanizador dessa região. Em consequência dessa expansão, a sede administrativa do Município foi transferida da Vila Iguaçu para esse novo centro econômico. Maxambomba se transformou em Nova Iguaçu no ano de 1916.

No início do século XX, Nova Iguaçu passou a ter como principal produção econômica a citricultura. As plantações de laranja se estendiam por toda cidade, indo da Estrada de Madureira, passando por Cabuçu, chegando até a abranger Itaguaí. No auge da produção de laranja, Nova Iguaçu ficou conhecida como “Cidade Perfume” por causa do cheiro dos pomares. O cultivo e a exportação de laranja foram muito afetados pela Segunda Guerra Mundial, que causou uma forte crise que levou à explosão demográfica do espaço da Baixada Fluminense, e consequentemente resultou na divisão da Cidade de Nova Iguaçu, que perdeu territórios.

A divisão do território de Nova Iguaçu começou no ano de 1943, com a emancipação do território de Duque de Caxias. São João de Meriti e Nilópolis se separaram de Nova Iguaçu em 1947. Após isso, já na década de 1990, foi a vez de Belford Roxo e Queimados se emanciparem em 1990, Japeri em 1991 e Mesquita em 1999.

Cabe destacar que em 1952 foi inaugurada a Rodovia Presidente Dutra que liga o Rio de Janeiro à São Paulo, cortando a maioria das cidades da Baixada fluminense e incentivando o desenvolvimento econômico da região e levando ao aumento populacional, que teve como causa principal o crescimento industrial da região, que atraiu uma grande quantidade de pessoas, inclusive vindas de outras regiões do país. Acrescente-se a isso modernização do centro da capital Rio de Janeiro, que através de uma política de limpeza da cidade, acabou por expulsar daquela região grande parte dos pobres que ali moravam. Em outros termos, tínhamos nesse processo um alarmante volume populacional procurando local para residir.

Desta feita, o destino desses desalojados foi então a periferia mais próxima, isto é, a Baixada Fluminense. A escolha dessa região se deu, não apenas por sua proximidade em relação à capital, mas também pela existência das ferrovias levavam à cidade do Rio de Janeiro, e pela instituição de

uma tarifa única para qualquer que fosse o destino do passageiro do trem. Tem se então a facilidade do deslocamento da população até a cidade do Rio de Janeiro, local onde a maioria dessa população desenvolvia suas atividades econômicas. Além disso, o fenômeno do loteamento da baixada também contribuiu para esse deslocamento, preços convidativos e facilidades concedidas pelas prefeituras para atrair compradores.

Podemos dizer que, atualmente, Nova Iguaçu se localiza, no contexto do Rio de Janeiro como uma cidade de importante dinamismo econômico, e ao mesmo tempo marcada por intensas desigualdades. Mesmo após os sucessivos desmembramentos, o município ainda é extremamente populoso. Sendo a população Nova Iguaçu a segunda maior da Baixada, atrás apenas de Duque de Caxias. A cidade de Nova Iguaçu é reconhecida como um dos pólos comerciais mais importantes do Estado do Rio de Janeiro.

O município de Nova Iguaçu possui uma área de aproximadamente 521 km², sendo o maior município da Baixada em extensão territorial. A organização político administrativa do município se estrutura nas chamadas URG (Unidades Regionais de Governo), divididas em nove unidades regionais, as quais agrupam os 68 bairros da cidade como uma forma de facilitar a gestão municipal. O bairro Miguel Couto participa da URG - Miguel Couto, acompanhado de outros quatro bairros a saber: Boa esperança, Genenciano, Grama e Parque Ambai¹⁵.

Com mais de um terço coberto por florestas da vegetação de Mata Atlântica, o Município constitui-se, portanto, como uma região de grande abrangência de área de proteção ambiental, representada em 67% do total de sua área. Nesta ampla área verde, encontra-se, por exemplo, a Reserva Biológica Federal do Tinguá. Mencionamos ainda, que as principais bacias hidrográficas da cidade são os Rios Iguaçu, Sarapuí e Guandu¹⁶.

O Bairro Miguel Couto, localizado a 5,56 km do Centro de Nova Iguaçu, possui um comércio de médio e grande porte e está entre os bairros iguaçuanos que mais arrecadam em impostos para a cidade, cerca de R\$ 30.000.000,00/mensais. É um dos principais bairros de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, com uma população de aproximadamente 90 mil moradores, uma economia sólida que resulta de uma área comercial bem desenvolvida. Considerado como o segundo centro comercial do município e conta com diversas redes de grandes supermercados, lojas de departamento e uma ampla oferta de serviços que incluem ensino público e privado, unidades médicas privadas e públicas, escolas privadas de línguas, consultórios odontológicos, clínicas de estéticas, redes bancárias e de dezenas de bares e restaurantes.

Presumivelmente, além de todas as características geográficas e econômicas de Miguel Couto, também a convergência entre as informações sobre as escolas mais suscetíveis às condições de bases políticas do governo pulverizadas no município, fizeram com que a Coordenação Geral do Bairro Escola escolhessem, além do bairro de Tinguá, Miguel Couto como sendo os locais mais oportunos para a implantação inicial do Bairro-escola.

É no bairro de Miguel Couto que estão localizados equipamentos importantes como uma unidade da Casa do Menor São Miguel Arcanjo (existem outras unidades pelo Brasil). Ela atua desde 1986 sob a tutela da igreja católica, tendo como presidente-fundador o Padre Renato, figura conhecida nacionalmente e internacionalmente, dada sua origem italiana e sua dedicação aos jovens e menores da Baixada e moradores de rua. Esta instituição, que abriga crianças e adolescentes até os 18 anos de idade, nasceu do enfrentamento à violência que atingia a Baixada Fluminense desde a década de 1980, com ocorrência de diversas chacinas. A CMSMA conta com uma grande escola de profissionalização que oferece cursos diversos para a juventude da região, foi um dos espaços parceiros do Projeto Bairro- escola Nova Iguaçu. Da Perspectiva religiosa temos a importante igreja Matriz de São Miguel Arcanjo se destaca no bairro, pela grande arquitetura e sua torre e tem por vizinhas igrejas evangélicas em grandes números pelo bairro. Miguel Couto também é conhecido

15 Decreto Municipal de Nova Iguaçu nº 6083 de 1999, atualizado pelo Decreto Municipal de Nova Iguaçu nº 6629 de 17 de fevereiro de 2003.

16 Fonte: <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/cidade/> acesso em 10/nov/2021.

como o lugar de mãe Beata de Iemanjá, figura referência do candomblé e do ativismo dos direitos humanos e do combate ao racismo. Tanto as Igrejas católicas, como as igrejas evangélicas e a casa da Mãe Beata, todas elas firmaram parcerias com o Projeto Bairro-escola.

O bairro faz divisa com o município de Belford Roxo, que em 2009, se tornou alvo de disputa territorial entre esses os dois municípios¹⁷. A Câmara de Vereadores de Belford Roxo aprovou um projeto de lei incorporando parte do Bairro Miguel Couto ao seu território. Ao perceber a inconstitucionalidade dessa lei, a Prefeitura de Nova Iguaçu ingressou com um pedido no STF - Supremo Tribunal Federal, para que a referida lei fosse invalidada. Em 2010, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro declarou a inconstitucionalidade da lei que permitia a transferência do Bairro Miguel Couto para o Município de Belford Roxo.

Mesmo Miguel Couto não sendo o bairro iguaçuano com o maior contingente populacional do município, ele é dotado de um fator favorecedor para a cidade, a sua posição geográfica que tem a vantagem de interligar regiões dentro e fora do município, o que contribui para incentivar a sua melhoria comercial que conseqüentemente aumenta a arrecadação de impostos.

A partir do Projeto Bairro-escola, por exemplo, com as mudanças sugeridas pela equipe de Coordenação, para melhorar a dinâmica de circulação de alunos pelo bairro, reuniões foram realizadas com os vendedores ambulantes com o objetivo de liberação das calçadas e passeios, o que levou esses vendedores a ocupar novas áreas, como por exemplo, o Mercado Popular do bairro.

3.2 Reflexos do Projeto Bairro Escola – presença e ausência na dinâmica do Bairro Miguel Couto.

A participação da população na definição das ações do poder público municipal era tida como uma das prioridades do governo. Esta participação era direcionada para que ocorresse respeitando o contido nos três eixos estruturadores do Bairro-Escola: a educação integral, a requalificação urbana e a defesa dos direitos humanos, retratados pelos programas de Educação Integral; Requalificação Urbana; Democratização da Cultura; Valorização da Vida e Proteção contra a Violência; Trato da Juventude; Participação e Sustentabilidade Social.

Com a intensa busca da participação ativa da comunidade na para se mesclar e intervir no processo educacional do Bairro-escola, apresentou-se a necessidade de mudanças no espaço urbano. O espaço aqui relatado, o bairro, deveria ter estrutura para atender e facilitar o trânsito de alunos pelos diversos espaços participantes como parceiros.

Na área de requalificação urbana e meio ambiente, as ações eram geridas pelas Secretarias da Cidade e de Meio Ambiente. Através das ações priorizadas no Bairro-Escola, a administração municipal visava, além de outras ações, universalizar o saneamento básico, dar tratamento ao sistema hidrográfico da cidade e reflorestar áreas como, por exemplo, a Serra da Madureira.

Desta forma, pode-se observar que o projeto pedagógico do Bairro-Escola tentava articulação com o projeto urbanístico e com o planejamento e a gestão do espaço público, para isso associava o trabalho das secretarias municipais, junto às três instâncias de governo e também às parcerias público-privadas.

No primeiro momento do Bairro-escola, muitas dificuldades se apresentaram para que essas ações fossem tiradas do papel. Os principais problemas com os quais a Gestão se defrontou foram: a falta de recursos financeiros para dar andamento às obras apontadas como prioridades, por exemplo reforma de prédios escolares e requalificação urbana e dificuldades burocráticas que se apresentaram no âmbito da estrutura da prefeitura, no sentido de articular ações específicas que até então aconteciam de forma isolada.

¹⁷ Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/rio/belford-roxo-nova-iguacu-disputa-pelo-bairro-miguel-couto-386852.html>. Acesso em: 19/ jun/ 2021.

Para transpor a barreira da falta de verbas, a administração municipal lançou mão do financiamento proveniente de parcerias entre órgãos de nível federal, destacamos que após o ano de 2007, o Bairro-escola passou a aglutinar as ações vindas do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC (FOGAÇA e LAVINAS. 2011, p.08).

O PAC era um programa federal de investimentos em infraestrutura com vistas a impulsionar o crescimento da economia nacional. Entre as obras que o Governo Federal se comprometeu a investir, através do PAC, estavam projetos de infraestrutura social, urbana, logística e energética. Uma característica importante do PAC foi o uso das parcerias público-privadas nas suas contratações.

Visando promover melhorias nas condições de mobilidade da população, ambientais, de saneamento, que foram apontadas pelos moradores como sendo prioritárias, foi criado o Programa de Estruturação Urbanística Bairro-Escola – PEU, que objetivava aumentar a auto-estima dos cidadãos, construindo uma cidade saudável social, urbana e política.

As principais ações do Programa de Estruturação Urbanística foram pautadas em um estudo que resultou em um diagnóstico das condições urbanas do município de Nova Iguaçu. Na escala do município foram definidas como prioridades as ações de melhoria da mobilidade urbana e na escala do bairro o enfoque foi para a melhoria das condições das ruas, calçadas, praças e parques com vistas a reorganização desses espaços, para uso pelas ações do Bairro-escola.

No bairro Miguel Couto, por exemplo, houve modificação no trânsito, sinalizações como faixas de pedestre, placas de trânsito foram instaladas, guarda-corpo nas calçadas para proteção dos pedestres e pinturas nas calçadas para identificar o trajeto diário dos alunos. O Eixo da requalificação urbana previa não só essas mudanças, como também a instalação de equipamentos em praças e jardins, construção e reforma de escolas da rede municipal, arborização, pinturas nos muros como forma de comunicação visual, melhoria e implantação de ações de saneamento básico, entre outros. Para além de beneficiar o tráfego de crianças, essas ações também pretendiam recuperar a qualidade de vida urbana, ao transformar espaços degradados e em desuso pela comunidade.

As ações de melhoria nos caminhos dos alunos foram peça chave para a proposta de uso do espaço das ruas como sala de aula: os alunos eram incentivados a criar mapas mentais que reproduzisse seu percurso diário entre casa/escola e escola/casa, o que contribuiu para o trabalho pedagógico sobre o território e os vínculos subjetivos e afetivos que conectam a memória ao espaço urbano. Depois disso, os próprios vizinhos das escolas passaram a cuidar mais dos seus espaços e passaram a oferecer os seus muros à confecção de painéis e grafites, muitas das vezes pintados em oficinas do Bairro-escola ou por jovens artistas locais, o que demonstrava o trabalho realizado no âmbito do projeto.. As praças degradadas e terrenos baldios foram transformados em pontos de realização de oficinas e campeonatos esportivos, sob a forma de campos e quadras para ginástica, jogos e recreação.

Como já foi amplamente discutido no capítulo 2, um dos eixos norteadores para o desenvolvimento do Bairro-escola foi a apropriação do espaço urbano para fins educativos e educadores. Com efeito, as ações de intervenção urbana nasciam atreladas às atividades realizadas por determinada escola, em determinados espaços parceiros. Eram ações que além de melhorar o espaço do bairro, visavam aproveitar esses recursos para ampliação da jornada escolar, ou seja, intimamente ligadas a implantação do horário integral.

3.2.1 Retratos do Bairro-escola – a partir dos documentos e visitas de campo

Neste Subcapítulo, apresentaremos aspectos da realidade do Bairro Miguel Couto em Nova Iguaçu, a partir da centralidade da escola, comparando esse território na época do funcionamento do Projeto Bairro-escola e atualmente. Na imagem (figura 08) abaixo, podemos visualizar a fachada da escola e sua localização, na qual a seta vermelha indica a direção da Estrada Iguaçu, principal

avenida do bairro, onde se encontram os principais comércios do bairro e onde há uma grande circulação de veículos e trânsito intenso de pessoas.

Figura 8 - Imagem da rua Santos Filho, Miguel Couto.



Fonte: Autora, 2021.

A escola está intrinsecamente na vida do bairro. Durante as visitas de campo, realizadas no ano de 2021, ou seja, mais de dez anos após o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu ser finalizado, conseguimos coletar entrevistas e documentos que permitiram alguns apontamentos. Salientamos que foram encontradas muitas dificuldades em levantar documentos da época. Em visita à SEMED para o levantamento de documentos do período da vigência do projeto, a Superintendente de Educação alegou que por motivo de trocas de gestão, ao longo desses onze anos, os documentos se perderam, e que desta forma seria impossível que ela fornecesse documentos oficiais.

Por sua vez, a gestora da Escola Municipal Anna Maria Ramalho, relatou que, por motivos de insegurança, visto que a unidade escolar sofreu várias invasões nos últimos anos, os computadores nos quais estavam arquivados documentos, relatórios e fotos do período, foram furtados. E, a sala destinada ao arquivo da escola sofreu perdas irreparáveis por causa de infiltrações e mofo, vindo a deteriorar inúmeros documentos.

Durante as visitas, ocorreram inúmeras conversas com a direção e professores nas quais algumas características do Projeto e suas nuances foram esclarecidas. Por exemplo, como ocorreu a implantação, como foi a aceitação pela comunidade escolar, e em que medida foi percebido que houve um projeto de requalificação urbana para o bairro Miguel Couto, inter-relacionado com as ações do Projeto Bairro-escola. Em geral, os atores se sentiram à vontade para o registro em áudio das entrevistas, que foram de suma importância para esclarecer a dinâmica da implantação do horário integral, o cotidiano dos alunos, professores e parceiros e o impacto dessas ações na realidade escolar, já que os documentos fornecidos pela escola foram muito escassos para evidenciar esses aspectos.

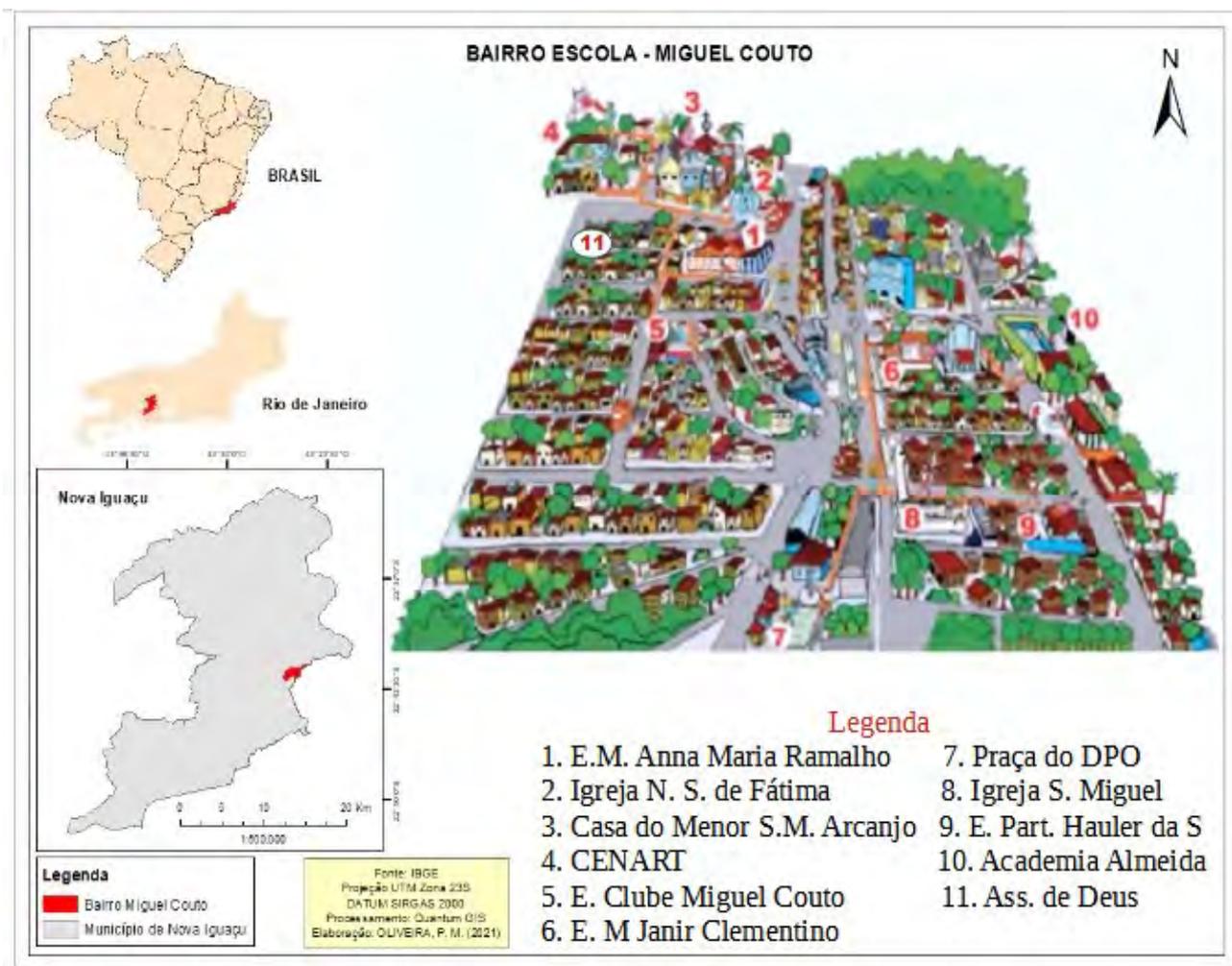
O procedimento de pesquisa documental inclinou-se especificamente sobre os seguintes documentos escolares fornecidos pela direção da escola e que encontram-se na íntegra, nos anexos: Proposta pedagógica - Oficinas de aprendizagem; Informe IPF sobre o Processo de Elaboração do Projeto Eco-Político Pedagógico das escolas de Nova Iguaçu; Organograma do Bairro-escola-Escola da Integralidade; Informativo SEMED- PBE de maio de 2007; Termo de Compromisso Todos pela Educação de Nova Iguaçu; Carta de Apresentação do projeto Amigos da Escola como

uma possibilidade de parceria para as escolas; Documento de formação informativo sobre o eixo “Escola Cidadã”; Relatório do horário Integral da Escola Municipal Anna Maria Ramalho e Relatório de demandas encontradas na Escola Anna Maria Ramalho.

Como já visto anteriormente, o eixo principal da educação de Nova Iguaçu era a educação integral, que ocorreu por meio da ampliação da permanência do aluno na escola, o horário integral somado às atividades complementares. Essas atividades complementares, também chamadas de atividades de contraturno, eram realizadas por meio das oficinas, nos espaços parceiros. Na prática, os alunos permaneciam sob a responsabilidade da escola, mas, não necessariamente no espaço da escola. Essas atividades ocorriam todos os dias da semana, com duas atividades por dia, cada qual com uma hora de duração, nas quais os alunos eram separados por faixa etária.

Os principais parceiros da Escola Anna Maria Ramalho eram a Casa do Menor São Miguel Arcanjo, o Esporte Clube Miguel Couto, A Igreja Nossa Senhora de Fátima, o CENART e a Igreja Assembléia de Deus, segundo o Relatório de demandas encontradas na Escola Municipal Anna Maria Ramalho, na prática as realidades eram as seguintes: A Casa do Menor São Miguel Arcanjo cedia o Auditório, com restrições, para oficinas de dança e duas salas para o desenvolvimento de oficinas de artes e aprendizagem; a Igreja Nossa Senhora de Fátima cedia duas salas mas não haviam bebedouros ou banheiros que pudessem ser utilizados pelos alunos; o Esporte Clube Miguel Couto cedia a quadra poliesportiva e a piscina que era promessa de aulas de natação, que demorou a iniciar por falta de materiais e uniformes adequados, no Esporte Clube os alunos utilizavam os vestiários regularmente; o CENART cedia três salas de aula e um auditório para aulas de teatro e uma área coberta para o desenvolvimento de atividades artísticas, porém não havia bebedouros, nem chuveiros disponíveis no local. Podemos visualizar a localização dos espaços parceiros no mapa a seguir:

Figura 9: Mapa do Bairro Miguel Couto com indicação da localização dos espaços parceiros no bairro.



Fonte: Autora, 2021.

Reforçamos que a conjugação de fixos e fluxo, fazem parte da tessitura do espaço, na prática conjugam aí a relação indissociável de objetos e ações. Para Milton Santos (2004) esses objetos e ações qualificam e identificam e trazem singularidades aos espaços. Como o Bairro Miguel Couto, faz parte da dinâmica espacial da cidade de Nova Iguaçu, a composição entre lugares de aprendizagem (fixos) com a circulação de alunos (fluxos), configuram um verdadeiro espaço de interação e troca que chamaremos aqui de ‘espacialidade de interações e práticas do Bairro-escola’, essa espacialidade de interações pode ser ilustrada pela linha vermelha no mapa acima (Figura 9), que mostra o trajeto do caminho pedagógico que os alunos realizavam entre a escola e os espaços parceiros para a realização das atividades do contraturno.

Entendemos que esta linha vermelha, representativa do Caminho pedagógico, é apenas uma síntese desta interação, que certamente era mais pulsante e rica, devido à própria dinâmica da vida urbana deste bairro periférico. Essa interação nos impulsiona a pensar nas potencialidades da permanência de projetos que tragam de fato a cidade como um conteúdo pedagógico.

É importante frisar a temporalidade desta espacialidade. Segundo depoimento o Coordenador Geral do Bairro-escola na Escola Anna Maria Ramalho, o Projeto teve um bom

funcionamento nos anos de 2006 a 2008, mesmo que ele tenha sido implantado de uma forma muito abrupta, pois ele foi idealizado e começou a funcionar sem que houvesse nenhuma experiência anterior, as soluções para os problemas foram sendo pensada à medida que eles aconteciam. Por exemplo, a caminhada dos alunos até os espaços parceiros em dias de chuva, representavam um grande desafio, quando não havia capas de chuvas para todos, as atividades tinham que ser redirecionadas para não prejudicar os alunos.

Nos anos iniciais do projeto, haviam muitos espaços parceiros habilitados e uma infinidade de estagiários com os quais a escola podia contar para desenvolver as atividades do horário integral. Porém a medida que o tempo passou e dificuldades com pagamento de bolsas e de contrapartida para o parceiros ficaram escassas, um pouco do sentido do projeto se perdeu, pois as atividades do contraturno passaram a ficar mais limitadas ao espaço interno das escolas. Nesse período, a partir de 2008, o Programa Mais Educação do Governo Federal já era uma realidade na estrutura do Bairro-escola, e modificou bastante o perfil do projeto, que aliado a esse movimento de diminuição das parcerias mudou completamente a feição do horário integral, tornando este predominantemente intraescolar.

Na vertente da requalificação urbana, eixo que teve atuação diretamente sobre o Bairro Miguel Couto, percebeu-se, nos depoimentos e entrevistas¹⁸, que houve mudanças significativas. A sinalização de trânsito, com a implantação de faixas de pedestre, semáforos, placas e guarda-corpos foram relatadas como de grande importância para o funcionamento do projeto e de grande impacto na vida cotidiana dos moradores. Pode-se perceber que nesse eixo, não apenas os alunos puderam se beneficiar, mas os moradores do bairro como um todo perceberam as mudanças.

Tanto a Diretora, quanto a Agente pedagógica relataram que o calçamento das ruas no entorno da escola trouxe melhorias, inclusive na frequência dos alunos. Na fala da senhora Iara, Agente Pedagógica ela apontou a seguinte situação:

Em dia de chuva, por exemplo, a frequência era baixíssima, a gente já sabia, porque as crianças moravam nas ladeiras, nos morros que tem aqui próximo, nas comunidades não conseguiam sair de casa, ou mesmo com medo de escorregar, se sujar. Elas viam com sacola plástica nos pés. A porta da escola era triste de ver, ficava cheia de sacolas de supermercado sujas de barro. Eles amarravam essa sacola até o joelho, até duas sacolas e viam andando. Parecia até que tava todo mundo de bota, olhando assim de longe. Mas eram sacolas, que eles usavam pra não se sujar e não ficar com o pé molhado né? E eles deixavam tudo na porta, do lado de fora, pra poder entrar pra aula. *(Trecho da entrevista realizada com Iara Maria Pessanha, Agente pedagógica do Bairro-escola, em 16 dezembro de 2021, em resposta à pergunta: Durante a vigência do projeto Bairro-escola quais ações de requalificação urbana foram observadas no Bairro Miguel Couto?).*

Paradoxalmente a isso, foi observado um traçado pintado nas calçadas, na cor vermelha, era o chamado caminho pedagógico, através do qual, os alunos caminhavam da escola até os espaços parceiros. Mesmo depois de alguns anos do fim do Bairro-escola, pode-se observar que as calçadas não sofreram modificações substanciais, em muitos trechos, por exemplo, observa-se que alguns obstáculos não foram corrigidos, como por exemplos, postes foram contornados e degraus foram ignorados, conforme observa-se na imagem (Figura 11) a seguir, demonstrando que as mudanças foram superficiais, não houve, por exemplo, uma preparação para a acessibilidade:

18 Para íntegra das entrevistas, vide anexos.

Figura 11: Resquílios do “caminho pedagógico” localizado na rua Santos Filho, em Miguel Couto.



Fonte: Autora, 2021.

Outro fator, apontado como muito importante para escola e para o bairro era a presença dos Agentes de trânsito. Tanto Guardas municipais, quanto policiais militares, trabalhavam no sentido de garantir a segurança na circulação dos alunos pelas ruas do bairro e na ordenação do trânsito. Segundo os depoimentos colhidos na unidade escolar, a presença do poder público através desses agentes, trazia a sensação de segurança, tanto no tráfego, com a diminuição dos acidentes de trânsito, quanto na diminuição da violência. Era possível transitar com câmeras para fotografar e filmar os alunos durante os deslocamentos e as atividades ao ar livre, sem tanto medo de assaltos e furtos. A presença dos Agentes de segurança não perdurou em todo o período de vigência do projeto, ao final do segundo ano de funcionamento, já não era mais possível observar a presença deles. Essa ausência também causou um grande impacto na movimentação das crianças pelas ruas do bairro. Cada vez mais as atividades foram deixando de ocorrer fora dos limites da escola, por falta de apoio.

Ainda sobre a atuação do Bairro-escola no eixo de requalificação urbana, não se pode deixar de apontar um espaço de suma importância para o bairro que é Praça do DPO, praça central que fica ao lado de uma Delegacia de Polícia ostensiva e que, por isso, recebe esse nome. Ela foi recuperada por meio de intervenções do eixo requalificação urbana para servir de espaço parceiro

para as unidades escolares Anna Maria Ramalho e Ruy Afrânio Peixoto. Ela foi muito utilizada no período do projeto, inclusive com a implantação de equipamentos de academia ao ar livre, porém, com o passar dos anos deixou de receber manutenções periódicas e o seu uso pelos moradores do bairro ficou mais raro.

Um equipamento, que pode-se dizer que foi fruto da ordenação urbana de Miguel Couto, proporcionada pelo eixo de requalificação urbana do Bairro-escola, e que permanece até hoje é o Mercado Popular do Bairro. A imagem a seguir (Figura 12), permite visualizar o Mercado.

Figura 12 : Fotografia do Mercado Popular em Miguel Couto



Fonte: Autora, 2021

Em visita realizada no trabalho de campo, pode-se observar que o mercado continua em pleno funcionamento, com pequenas lojas de roupas, artigos eletrônicos e um setor de venda de hortifrúteis. E no seu entorno, não há comércio irregular nas calçadas. O prédio fica em uma posição estratégica no bairro, entre as duas avenidas principais.

Traçando um paralelo entre o panorama do bairro Miguel Couto na época do Projeto Bairro-escola e a situação atual, a fim de perceber as conexões existentes entre as transformações espaciais e a implementação do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu, pode-se apontar as seguintes situações: o bairro, apesar de não ser próximo ao Centro de Nova Iguaçu, é um bairro bastante movimentado, com uma intensa circulação de pessoas e veículos. A Estrada Iguaçu, principal avenida do bairro, é bastante congestionada, e apesar disso, conta com apenas um semáforo. Não foram detectadas as placas de sinalização e faixas de pedestre, tal qual como havia na época da vigência do Projeto Bairro-escola, evidenciando a falta de manutenção desses equipamentos importantes de segurança. Também não foram visualizados agentes de trânsito.

No contexto do Bairro-escola, o papel da urbanização não era simplesmente, pavimentar ruas, construir calçadas ou instalar infraestruturas, mas sim de transformar o espaço urbano para ser usado intensamente, para oferecer condições adequadas de circulação das crianças durante as atividades, era transformar o espaço dos bairros em uma cidade que educa, e também expandir todos os benefícios dessa transformação a todos os moradores igualmente, dessa forma democratizando a oferta de espaços e equipamentos adequados. Promovendo assim, a transformação da realidade e do cotidiano da população local.

Para um bairro que experimentou a presença do poder público com o funcionamento de uma política pública de educação intersetorial, o Bairro de Miguel Couto passou por modificações muito modestas. No que se referiu às melhorias urbanísticas propostas, observamos que, apesar de algum

benefício para o bairro, em termos de calçamento e pavimentação, observa-se nitidamente que o que foi realizado se perdeu com o passar dos anos, devido aos desgastes naturais e a carência de manutenção por parte dos órgãos públicos responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto neste trabalho, o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu foi uma política pública de educação que funcionou nos anos de 2006 a 2010, na gestão do prefeito Lindbergh Farias do partido dos trabalhadores (PT), na cidade de Nova Iguaçu - RJ, e tinha como principal objetivo transformar os diversos espaços dos bairros em uma grande sala de aula, valorizando não só os aspectos educacionais como também a aquisição de valores sociais, culturais, morais e éticos do ser humano.

Foi um projeto de educação que se utilizou da intervenção urbana com propósitos educadores e que teve como seu pontapé inicial e como linha de chegada a educação integral. Seu principal pressuposto foi o reconhecimento de que as pessoas se educam na cidade, em suas redes sociais, nos lugares, territórios onde vivem. O eixo central desse programa de atuação do poder público, era construir uma política que valorizasse profundamente a educação pública incentivando a criação de um espaço escolar integrado à comunidade, apropriando-se das premissas básicas do Movimento das Cidades Educadoras, o qual incentivava o uso intencional das potencialidades educativas da cidade para transformar a forma de educar, privilegiando, para isso a espacialidade da cidade, dos bairros e das ruas. A espacialidade de interações e práticas do Bairro-escola traduz o reconhecimento da educação em várias dinâmicas, dentro e fora da escola, e pode causar impacto na vida social e política dos habitantes desse lugar (CALLAI, 2010).

A representação da qualidade da educação quando associada à educação integral, também compreende diversos significados, mas dois deles são recorrentes, a qualidade como melhoria do desempenho do aluno, medida através de provas e avaliações, usualmente ligados aos aspectos cognitivos da aprendizagem, quando o seu foco são as aulas de reforço; e a qualidade como um processo de formação desenvolvido de forma mais ampla, abarcando as dimensões cognitivas, e também as sociais, afetivas, artísticas, políticas e éticas, incorporando a busca de uma educação integral enquanto preparação para a cidadania, para a consciência crítica e a emancipação dos indivíduos, tão presente no pensamento de Milton Santos.

A escolha da noção de Bairro-escola como política pública do município de Nova Iguaçu, pelo governo eleito em 2005, foi fruto da vontade de implementar uma política intersetorial que articulasse diversos setores de governo em torno da educação, em especial da educação integral em tempo integral, visando suplantar os diversos problemas sociais e históricos que afetavam o município pobre da Baixada Fluminense. Contudo, a referida ideia esbarrou, justamente, no limite do orçamento que se mostrava insuficiente para dobrar o tempo de permanência dos estudantes na escola. Daí a opção de Bairro-escola ser colocada como a forma que permitiria a construção e execução de um modelo de educação integral em tempo integral no qual o tempo de permanência do aluno na unidade escolar podia ser dobrado, porém se utilizando de outros espaços educativos, fora dos muros da escola.

Inicialmente nos debruçamos sobre entender e explicar os antecedentes do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu. Do Movimento das Cidades Educadoras, o Bairro-escola Nova Iguaçu se apropriou dos princípios de uma educação permanente, da transformação das cidades, de maneira intencional em potenciais lugares educativos e na valorização da vivência cotidiana como forma de valorizar os saberes populares. Com efeito, a cidade dispõe de um extenso leque de iniciativas educadoras, de origem, intenção e responsabilidades diversas. Ela dispõe de instituições de educação formal, de meios de intervenção não formais com objetivos pedagógicos preestabelecidos, assim como propostas ou experiências que surgem de uma forma aleatória ou por finalidades comerciais. As cidades educadoras se comprometem em desenvolver parcerias para a troca das suas experiências; num espírito de cooperação apoiar-se-iam mutuamente para pôr em prática projetos e

experiência que se dignem a incentivar a proposta educacional na cidade. Características muito marcantes dos preceitos das Cidades Educadoras são a valorização da cidade como espaço de aprendizagem, a inclusão de aspectos da vida cotidiana nos temas trabalhados na escola e a educação cidadã com foco no exercício da democracia, como forma de fazer com que o homem se reconheça como partícipe da sua cidade, que possa ter consciência do seu papel de aprendiz e cidadão.

O outro projeto antecedente ao Bairro-escola Nova Iguaçu foi o projeto paulista Cidade Escola Aprendiz, idealizado por Gilberto Dimenstein. Este projeto se intitulava como um laboratório de pedagogia comunitária, ou seja, integrava a escola à comunidade, se utilizando de parcerias, desta forma, o Bairro da Vila Madalena em São Paulo virou uma grande sala de aula fora da escola. Partindo dessa premissa, que a gestão de Nova Iguaçu tomou por base a adoção de parcerias para realização das atividades de contraturno dos seus alunos.

O foco principal do Bairro-escola Nova Iguaçu era a extensão da oferta de horário integral, e para tanto se balizava em três premissas básicas que eram: 1. Educação integral apoiada no horário integral, 2. Requalificação urbana e 3. Defesa dos Direitos Humanos e redução da mortalidade infante juvenil. Seus principais objetivos congregavam com a teoria de cidadania concreta de Santos, na qual a igualdade de acesso a bens e serviços garante que o indivíduo viva com o mínimo de dignidade possível.

Desta maneira, esmiuçamos a implantação do Projeto, o qual teve seu processo dividido em dois momentos: de 2006 a 2008, que correspondeu a sua idealização e difusão; e 2009-2010, que caracterizou a efetivação da extensão do horário integral para toda a rede municipal de educação, articulado ao Programa Federal de horário integral, o Mais Educação.

Adiante, buscamos explicar as conexões entre as políticas públicas educacionais e urbanas. Para chegar a essa preleção, foi percorrido o caminho da explicação conceitual de política pública, a importância das políticas públicas de educação e as políticas urbanas. Para tanto, houve a necessidade de se buscar explicar o projeto político do prefeito Lindbergh Farias, sua atuação no contexto da cidade de Nova Iguaçu e também na Baixada Fluminense, tendo em vista que a sua eleição representou uma nova imagem para a Baixada, por ter se apresentado como sendo uma novidade no cenário.

Por conseguinte, conseguimos observar, na idealização e na implantação, como o Bairro-escola Nova Iguaçu trabalhou a espacialidade, enquanto prática da produção do espaço social, e a forma com que os atores envolvidos no processo passaram a interagir com os espaços escolares e os de fora dos muros da escola. A partir do momento que as ruas do bairro, os espaços das praças e até mesmo instituições religiosas passam a figurar como locais de produção de conhecimento identificamos que um conjunto de ações foram realizadas para reconfigurar esses espaços, reconfigurações materiais (com a realização de obras) e imateriais (com a modificação do uso original daquele equipamento, com a finalidade educativa) e que os envolvidos passam a perceber e aproveitar as potencialidades do seu bairro e da sua cidade.

Apesar dos gestores do Projeto Bairro-escola afirmar que o projeto foi uma política bem-sucedida, ao analisar os documentos e depoimentos pode-se perceber que os anos de vigência do Projeto Bairro-escola foram marcados por problemas, por exemplo, ao ampliar o horário integral sem ampliar o espaço escolar e ampliar efetivamente o quadro de professores do município uma vez que grande parte do pessoal destinado ao trabalho com a escola de horário integral compunha-se de estagiários e profissionais contratados, causou um sem-número de transtornos, com a suspensão, muitas vezes, das atividades por falta de pagamento de bolsas e contrapartida de parcerias.

Do ponto de vista da educação que utilizou a espacialidade do bairro, essa ampliação do espaço educativo proporcionou a experiência de participação coletiva da comunidade escolar, de melhoria de alguns espaços no bairro e de processos educativos mais privilegiaram das vivências cotidianas desses estudantes. Do outro lado, transferir algumas responsabilidades, disfarçada como o envolvimento da sociedade civil para viabilizar a educação integral, leva a uma possível

desresponsabilização do Estado para com a educação, o que a fragiliza enquanto direito. O sistema de voluntariado e as parcerias, utilizado para desenvolver as ações educacionais complementares do Programa, apresentou diversos entraves como: falta de pagamento de bolsas e subsídios para os espaços parceiros, ocasionando rotatividade dos monitores, dificultando a articulação dessas atividades com as da escola regular. No tocante aos espaços parceiros, percebeu-se uma precariedade das instalações utilizadas, conforme consta no Relatório de Horário Integral e Relatório das demandas encontradas na EMPAMR, ambos localizados nos anexos.

Ocorreram, ainda, outros problemas trazidos por descontinuidade política. Foram três secretários de educação diferentes em quase cinco anos de existência do programa. A cada novo secretário as feições do projeto eram modificadas. Esse é fator que pode ter trazido entraves ao processo, pois descontinuidade causa ausência de informações e documentos, que podem se perder nessa troca de equipes entre outros transtornos. Para que as políticas não sejam interrompidas a cada mandato, são necessários: compromisso político pela continuidade e transparência, que possa proporcionar a possibilidade da participação popular nas escolhas dos direcionamentos das políticas e a possibilidade cobranças por parte da população.

Conclui-se, através dos dados de avaliação do INEP, por exemplo, que houve uma modesta melhoras nos indicadores da educação no município, porém não é possível determinar o Bairro-escola como o responsável por esses resultados, tendo em vista que práticas educativas para gerar bons resultados precisam de um tempo médio para se efetivar, o que não pode ser aplicado ao Projeto Bairro Escola por seu pouco tempo de execução, em educação, políticas eficazes, demoram anos para demonstrar resultados.

Seguindo o caminho teórico metodológico, o terceiro capítulo trouxe as considerações sobre o projeto de requalificação urbana na cidade, tendo como marco espacial o Bairro de Miguel Couto, especificamente a Escola Municipal Professora Anna Maria Ramalho, a primeira escola urbana a receber o Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu.

Com a clara intenção de ponderar quais as conexões existentes entre as transformações espaciais e a implementação do Projeto Bairro-escola no bairro Miguel Couto e se ainda existem aspectos que refletem a implementação neste bairro, foram realizadas coleta de dados na escola, documentos, entrevistas dirigidas e trabalho de campo.

Após a realização dessas etapas, foi possível inferir que os seus idealizadores tiveram boas ideias para, através da educação, realizar mudanças no cotidiano dos moradores da cidade, partindo dos alunos da escola pública e perpassando, inclusive, pela requalificação urbana. Porém, a forma como a Gestão resolveu implementar a Política pública, se valendo de parcerias com a iniciativa privada e organismos externos, expuseram a fraqueza do governo. Mesmo alegando que suas escolhas teóricas, ideológicas e práticas eram contrárias ao neoliberalismo, por exemplo, percebemos que o repasse de serviços públicos por meio da ampliação da participação da iniciativa privada através das parcerias, comprometeu a qualidade do serviço que deveria ser ofertado pelo município.

Outrossim, percebeu-se que, apesar de a Requalificação Urbana ser um dos eixos estruturantes do Bairro-escola, as ações percebidas nesse eixo, em Miguel Couto, foram muito modestas. Algumas ações pontuais de sinalização de trânsito, com placas, semáforos e faixas de pedestre e calçamento em poucas ruas, em geral, próximo à escola, foram realizadas para permitir o deslocamento das crianças até os espaços parceiros. Desta forma, as propostas de mudança feitas pela Gestão, não conseguiram realizar melhorias profundas para a vida e o cotidiano dos moradores da cidade, se mostraram como uma política paliativa revestida de política pública de educação, que não conseguiu se mostrar forte o suficiente para conseguir uma base sólida.

Esse desfecho se deve principalmente ao fato de que, no Brasil, as políticas públicas têm feições de governo e não de Estado. Situação que necessita ser superada, em favor da melhoria da oferta de serviços públicos, do acesso a bens e direitos e economia de recursos públicos. Tendo em

vista que a cada troca de gestão, percebe-se que as ações políticas iniciam do zero ou sofrem modificações de acordo com o projeto ideológico em curso.

A questão da não efetividade dos programas está na forma com que se fazem políticas de governo nos municípios do Brasil em geral. Cada governo que assume o poder modifica a forma de fazer política pública, de acordo com suas ideologias, dessa forma promovem a modificação das suas características, uma nova organização e uma nova forma de utilizar dos espaços e programas, para assim, atender as características de uma nova gestão. Ocorrem novas contratações de empresas prestadoras de serviço, cancelamento, encerramento e até o abandono de programas e obras da gestão anterior, caracterizando o problema de descontinuidade das políticas públicas.

Deste modo, concluímos que, o Projeto Bairro-escola, parafraseando Lavinias e Fogaça, foi uma boa ideia fracassada¹⁹, que contava com muito elementos que poderiam ter levado ao seu sucesso, com grande impacto para a vida dos munícipes iguaçuanos, por exemplo, a melhoria das condições de vida na cidade, a ampliação do tempo e do espaço dos alunos na escola, a valorização do professor, o uso do conhecimento cotidiano como forma de se educar na/da/para a cidade. Porém, por questões políticas, por pressa em expandir todo o projeto para as quase 100 escolas da rede, o projeto tornou-se superficial e mecânico, não promoveu uma mudança profunda e significativa na cidade. Os reflexos atuais no Bairro Miguel Couto são mínimos, restaram as ruas calçadas, algumas praças, o Mercado de Miguel Couto e algumas marcas dos caminhos educativos, na calçada. Essa pintura desgastada nas calçadas manifesta características da ausência do poder público na vida dos cidadãos. Sobrepuja a necessidade de se construir profundamente uma cidade que reflita os benefícios de uma sociedade menos desigual.

19 FOGAÇA, Azuete. LAVINAS, Lena. Bairro-escola: o fracasso de uma boa ideia. Caxambu: 35º Encontro Anual da ANPOCS. 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emílio et.al. **Governo Lindberg: entre a escola cidadã e a exclusão educacional**. Nova Iguaçu, CEAPE, 2006, 129 p.

ARENDT, H. **O que é Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

AVILEZ, Carlos Rodrigo. **Bairro-escola: da prática à reflexão**. In: WERNER, Claudia Maria Lima, OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. RIBEIRO, Patricia Tavares (Org). **Políticas públicas: interações e urbanidades**. Rio de Janeiro: Letra capital, 2013. p. 185-199.

BRASIL. Lei nº 9694, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

CABEZUDO, A. Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais. In: GADOTTI, M.; PADILHA, P. R. e CABEZUDO, A. (Orgs.). **Cidade Educadora, princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, 2004.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos Cedes, v. 25, p. 227-247, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (org.). **Coleção explorando o ensino: geografia**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Cap. 1. p. 25-42. (Vol.22).

CALLAI, Helena Copetti. MORAES, Maristela Maria. **Educar para formação cidadã na escola**. XIII Coloquio Internacional de Geocrítica: Universidad Barcelona, Barcelona, 2014.

CÂMARA Municipal de Nova Iguaçu. Disponível em: <https://www.cmni.rj.gov.br/site/>. Acesso em: 24/nov/ 2021.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani A. I VERDAGUER, Carles Carreras. **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. Contexto, 2004.

CASTRO, Carmem Lúcia Freitas de. GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga. **Dicionário de Políticas Públicas**. Barbacena: EDUEMG, 2012.

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS. Disponível em <http://www2.cmevora.pt/aec/Downloads/Cartadascidadeseducadoras.pdf>. Acesso em 30/nov/2019.

DIMENSTEIN, G. **Bairro-escola: uma experiência de reaprendizado na rua**. In: PINSKY, J. (Org.). **Práticas de cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004.

DIMENSTEIN, G. **Tirar os muros entre viver, aprender, ser e fazer**. São Paulo. Cadernos Cenpec, n. 2. 2006. p. 86-90.

FAURE, Edgar. **Aprender a ser**. São Paulo: Difusão Editorial do Livro, 1974.

- FOGAÇA, Azuete. LAVINAS, Lena. **Bairro-escola: o fracasso de uma boa ideia**. Caxambu: 35º Encontro Anual da ANPOCS. 2011.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed, São Paulo, Cortez, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **A escola que na cidade educa**. São Paulo. Cadernos Cenpec, n.1. 2006. p. 133-139.
- _____. **Educação Cidadã para uma Cidade Educadora**. Instituto Paulo Freire, SP, 2007.
- GREGORY, Derek. SMITH, Graham. MARTIN, Roy. **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. São Paulo: Editora Zahar, 1996.
- GOMES, Marcos Vinícius. **Para além dos muros da escola: caminhos para compreensão da educação na cidade**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- HÖFLING. Eloisa de Mattos. **Estado e políticas (públicas) sociais**. Caderno Cedes, ano XXI, nº 55, p. 30-41, novembro/2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso: 01/dez/2019.
- INOJOSA, Rose Marie. **Sinergia em políticas e serviços públicos: desenvolvimento social com intersetorialidade**. Cadernos Fundap, São Paulo, n. 22, p. 102-110, 2001.
- CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- LAVINAS, Lena. (coord) **Bairro-Escola: inovação na estruturação da rede de proteção local em Nova Iguaçu**. Relatório Parcial I. jan./março, 2008.
- LAVINAS, Lena. (coord). **Bairro-Escola: inovação na estruturação da rede de proteção local em Nova Iguaçu**. Relatório Parcial II. jun, 2008.
- LAVINAS, Lena. (coord). **Bairro-Escola: inovação na estruturação da rede de proteção local em Nova Iguaçu**. Relatório Parcial III: screening, amostra e survey. Dez, 2008.
- LAVINAS, Lena. (coord). **Bairro-Escola: inovação na estruturação da rede de proteção local em Nova Iguaçu**. Relatório Parcial IV: análise descritiva dos resultados do survey do Programa Bairro-Escola em Nova Iguaçu. Jan, 2009.

LAVINAS, Lena. (coord). **Bairro-Escola**: inovação na estruturação da rede de proteção local em Nova Iguaçu. Relatório Parcial V: avaliação sobre o processo de implementação do Bairro-Escola: Parceiros e Diretoras das escolas envolvidas com o Programa. Jun, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das relações de produção**. (tradução da 1ª parte de La survie du capitalisme). Porto, Edições Escorpião, 1973.

MACHADO, Andréa; GOMES, Marcelo. **Belford Roxo e Nova Iguaçu**: disputa pelo bairro Miguel Couto. 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/belford-roxo-nova-iguacu-disputa-pelo-bairro-miguel-couto-386852.html>. Acesso em: 19/ jun/ 2021.

MEDEIROS FILHO, Barnabé; GALIANO, Mónica Beatriz. **Bairro-escola**: uma nova geografia do aprendizado. São Paulo: Tempo D'Imagem, 2005.

MELLO, Guiomar Namó de. **Políticas públicas de educação**. Estudos Avançados, v. 5, n. 13, p. 7-47, 1991.

NANNI, Giovanni; SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Importância da avaliação das políticas públicas educacionais**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 18, n. 1, jan./jun. 2016. p. 125-138

NOVA IGUAÇU, Prefeitura da Cidade de. **Bairro-Escola**: fazendo de Nova Iguaçu uma cidade educadora. Encarte. Nova Iguaçu: 2006.

PREFEITURA de Nova Iguaçu. Disponível em: <https://www.novaiguacu.rj.gov.br/>. Acesso em: 19/nov/2021.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Thiago Alves Luiz dos. **Inovações e desafios do Programa Bairro Escola de Nova Iguaçu/Rj**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SOARES, M. T. S. Conceito Geográfico de Bairro e Sua Exemplificação na Cidade do Rio de Janeiro. In: BERNARDES, L. M. C.; SOARES, M. T. S. **Rio de Janeiro**: Cidade e Região. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. P. 105-120.

SOARES, M. T. S. Bairro, bairros suburbanos e subcentros In: BERNARDES, L. M. C.; SOARES, M. T. S. **Rio de Janeiro**: Cidade e Região. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p. 121-138.

SOARES, M. T. S. **Nova Iguaçu**: Absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio. Rio de Janeiro. In Revista Brasileira de Geografia, vol 24, n.2, abril-jun de 1962.

ROCHA, André Santos da. **Baixada Fluminense**: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ROCHA, André Santos da. **Seletividade espacial das políticas públicas e o território urbano**; algumas reflexões. Geo UERJ – Ano 14, nº23, vol, 1, 2012, p.99-113.

ROCHA, André Santos da. “**Nós não temos nada a ver com a Baixada!**” - problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. *Recôncavo - Revista de História da UNIABEU*, v. 3, p. 1-22, 2013.

SILVA, Jailson de Souza. GOULART, Maria Antonia. **Bairro Escola**: a experiência da educação integral em Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: Observatório de favelas, 2011.

VIANA, A. L. D. **Novos riscos, a cidade e a intersetorialidade das políticas públicas**. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, RJ, v. 32, n. 2, p. 23 a 33, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7697>. Acesso em: 8/nov/2021.

ANEXOS

Anexo 1: Processo de Elaboração do Projeto Eco-Político Pedagógico (PEPP) das escolas de Nova Iguaçu



INSTITUTO PAULO FREIRE
R. Cerro Corá, 550 – 2º andar – sala 22 - CEP 05061-100 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (011) 3021-5536 – Fax.: (011) 3021-5589
E-mail: ipf@paulofreire.org - Website: www.paulofreire.org

PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO ECO-POLÍTICO-PEDAGÓGICO (PEPP) DAS ESCOLAS DE NOVA IGUAÇU¹

"O que caracteriza a Escola Cidadã é uma formação para a cidadania. É uma escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. É uma escola que, brigando para ser ela mesma, viabiliza a luta para que os educandos e educadores, também sejam eles mesmos e, como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de companheiros." (Paulo Freire)

I - CONCEPÇÃO DO PROJETO BAIRRO-ESCOLA: ESCOLA CIDADÃ DE NOVA IGUAÇU, DEFINIÇÃO DAS PRIORIDADES E PROPOSTAS DE AÇÃO DO PROJETO ECO-POLÍTICO-PEDAGÓGICO

- Estudos relacionados à concepção de Educação, aos fundamentos e princípios filosóficos, educacionais e políticos do Movimento da Escola Cidadã e categorias-chave do pensamento freiriano.
- Esclarecimentos e troca de experiência sobre a elaboração do PEPP das escolas.
- Estudos sobre a definição do Marco Referencial do PEPP com toda a comunidade escolar (1. Visão de natureza humana/o mundo em que vivemos; 2. Utopias e sonhos que nos movem; 3. Escola dos Nossos sonhos)²
- Avaliação dos resultados da escola no/s ano/s anterior/es: **LEITURA DO MUNDO (Festa da Escola Cidadã (item 2, abaixo) e registro da cultura e dos saberes locais, saídas a campo, levantamento e interpretação de dados)**. A partir da Leitura do Mundo, chegaremos à definição dos temas geradores das escolas, dos seus currículos, com o que cada unidade escolar definirá tanto o seu PEPP (com objetivos e metas de curto, médio e longo prazos), quanto as suas propostas pedagógicas anuais, para cada curso, séries e períodos, conforme a organização curricular da escola).
- Definição de prioridades e propostas de ação do PEPP e do Plano Municipal de Educação (PME) – **Entregar à SEMED documento com as prioridades das escolas (definir prazos compatíveis com o projeto em andamento)**
- Estudos relacionados à escrita (estrutura) possível do PEPP (considerando as experiências prévias/instituídas da escola)
- Estudos sobre a consolidação do PEPP da escola e de sua proposta pedagógica
- Continuidade da realização da Leitura do Mundo (Festas da Escola Cidadã preparadas no processo) – estudo de viabilidade e definição de cronograma indicativo.

LEITURA DO MUNDO

Para Freire, educar é promover a capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la, impregnando sentido a vida cotidiana. Para isso, a educação não pode se dar alheia ao contexto do educando, nem o conhecimento pode ser construído ignorando o saber dos alunos. Daí a importância da **Leitura do Mundo**.

¹ Sugestões para organização das escolas e da SEMED de Nova Iguaçu para a realização do PEPP pelas unidades escolares, incluindo a Leitura do Mundo (Festa da Escola Cidadã, levantamento e interpretação de dados) e a gestão democrática.

² Vide livro de Paulo R. Padilha: *Planejamento dialógico: como construir o PPP da escola*. São Paulo, Cortez/IPF, 5 ed., 2004. Ver também textos complementares disponíveis no site do Instituto Paulo Freire: www.paulofreire.org (vá em biblioteca freiriana; textos: 1) Planejamento Dialógico, Projeto Político-Pedagógico e Proposta Pedagógica da Escola: desfazendo nós, apontando caminhos, Paulo Roberto Padilha. 2) Projeto Político-Pedagógico, Caminho para uma Escola Cidadã mais bela, prazerosa e aprendente, Paulo Roberto Padilha; 3) O Eu e o Outro compartilhando Mundo e a Festa da Escola Cidadã, Paulo Roberto Padilha e Ângela Antunes e, 4) Projeto Político-Pedagógico, Leitura do

O conhecimento construído no processo educativo na perspectiva emancipadora e humanizadora da pedagogia brasileira tem a função de motivador e impulsionador da ação transformadora. O ser humano deve entender a realidade como modificável e a si mesmo como capaz de modificá-la. Sua pedagogia proporciona aos educandos a compreensão de que a forma de o mundo estar sendo não é a única possível. Ela revela como possibilidade tudo aquilo que a totalidade opressora apresenta como determinação.

Nesse processo de leitura e de releitura do mundo, de leitura e de releitura da palavra, uma leitura mais crítica do mundo e da palavra forma o sujeito, que constrói uma visão de mundo e que pode, a partir dessa visão, não apenas vê-lo, entendê-lo melhor, mas pode, assim fazendo, entender melhor como somos capazes de mudar o mundo pela nossa ação. A construção do conhecimento parte sempre de temas relacionados ao contexto do educando e da compreensão inicial que este tem do problema, para, por meio de um processo dialógico, da relação entre educandos e educadores, ampliando a compreensão dos alunos, construindo e reconstruindo novos saberes. O respeito, então, ao saber prático implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. A partir dela, uma "re-admiração" da realidade inicialmente discutida em seus aspectos superficiais vai sendo realizada com uma visão mais crítica e mais generalizada.

O Projeto Eco-Político-Pedagógico (PEPP) e o Plano Municipal de Educação (PME) pressupõem a "Leitura do Mundo": uma aproximação crítica da realidade em que as escolas estão inseridas. Isso significa conhecer mais profundamente a própria escola, o bairro, os alunos, a comunidade, os moradores dos bairros, seus sonhos, sua visão de mundo, as utopias que os movem, a cidade em que vivem, etc. A partir da **Leitura do Mundo, do conhecimento mais profundo do contexto**, define-se o projeto da escola.

A FESTA DA ESCOLA CIDADÃ

A Festa da Escola Cidadã (FEC) é uma forma envolvente de ler o mundo, de conhecer a realidade e de possibilitar às pessoas de se conhecerem melhor. No processo de Leitura do Mundo, a Festa incorpora formas que permitem, ao mesmo tempo, a aproximação crítica da realidade local e a vivência de situações que são estimuladoras da capacidade inventiva e da criação de laços de afetividade, cumplicidade e comprometimento **necessários à construção coletiva do projeto eco-político-pedagógico**. A Festa é um movimento que procura superar uma cultura escolar para a qual os sentidos e o valor da "festa" limitam-se a um evento que, de tempos em tempos, consegue levantar recursos para reformar o prédio, para comprar materiais necessários para a limpeza da escola ou para outros fins. Ela é um momento de descontração, de encontro, de **comunhão contagiante**, de **partilha de sonhos**, de satisfação e resgate das **culturas populares**, pois é capaz de propiciar a expressão dos saberes, dos interesses populares e da reflexão sobre o cotidiano vivido.

É dos mais variados registros e formas de **sistematização da Festa** que a comunidade, escolar e local, podem encontrar valiosos elementos de realidade, de utopia e de desejos coletivos que podem e devem alimentar projeto da escola. Perceber, registrar, analisar e dar destaque para os valores e significados atribuídos coletivamente a tais elementos, e à Festa como um todo, é uma forma de iniciar ou re-iniciar o processo de construção do projeto eco-político-pedagógico (PEPP), um projeto que tenha em vista uma educação pensada enquanto princípios, diretrizes e propostas de ação permeáveis às dimensões ético-política e estética (poética, sensível, criativa etc).

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA A LEITURA DO MUNDO (REALIZANDO A FESTA DA ESCOLA CIDADÃ) E ELABORAÇÃO DO PEPP

ETAPA 1 – CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA FESTA DA ESCOLA CIDADÃ

A equipe de coordenadores da SEMED oferece formação continuada e acompanhamento às escolas para apresentação e esclarecimentos sobre a proposta da Escola Cidadã, do PEPP, da Leitura do Mundo, da Gestão Democrática e também sobre o PME, dando continuidade ao trabalho já iniciado pela direção da escola e demais representantes que já participaram ou que participarão das palestras e oficinas com o IPF.

ETAPA 2 – ENCONTROS DE FORMAÇÃO, CRIAÇÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA LEITURA DO MUNDO (FESTA DA ESCOLA CIDADÃ) NAS ESCOLAS

Realizar assembléias ou reuniões na escola, nas salas de aula, em diferentes dias, períodos e espaços comunitários envolvendo todos os segmentos escolares e representantes da comunidade.

Dialogar sobre a concepção de educação, sentido e significado do PEPP, da Leitura do Mundo por meio da Festa da Escola Cidadã e de outros instrumentos de levantamento de dados. Discutir o sentido pedagógico da Leitura do Mundo. Após os esclarecimentos iniciais, encaminhar o processo eleitoral para a criação da Comissão Organizadora da Leitura do Mundo.

Eleita a Comissão Organizadora da Leitura do Mundo, iniciam-se as reuniões para a organização da Festa da Escola Cidadã. Entre estas ações, estão, por exemplo: concurso para o Logo do *Projeto Bairro-Escola: a Escola Cidadã de Nova Iguaçu* e da música ou hino da escola (A Secretaria da Cultura e da Comunicação podem ajudar a organizar esse processo na cidade). A Comissão verificará como levantar dados da realidade local por meio das diferentes linguagens: dança, música, poesia, desenho, fotografia, pintura, escultura, etc. É importante observar a realidade nas suas diferentes dimensões: ambiental, política, econômica, cultural, social. As atividades da Festa deverão permitir que nos aproximemos mais criticamente da realidade por meio dessas linguagens. Podemos, por exemplo, conhecer melhor o bairro por meio de uma maquete feita pelas crianças: o bairro que temos e o bairro que queremos. A Leitura do Mundo deve levantar dados quali-quantitativos.

Definir o dia "oficial" da Festa na Escola e na Comunidade – para que durante um dia inteiro (manhã, tarde e noite) conforme os períodos de aula da escola), aconteçam as apresentações das atividades propostas.

ETAPA 3 – SISTEMATIZAÇÃO DA LEITURA DO MUNDO: O QUE PASSAMOS A CONHECER A PARTIR DA EXPERIÊNCIA E DAS VIVÊNCIAS DA FESTA DA ESCOLA CIDADÃ

- Organizar um DOSSIÊ com o registro de todo o processo de levantamento de dados
- Sistematização dos dados e das situações significativas do contexto
- Assembléia com a comunidade para confirmação da Leitura do Mundo (diálogos sobre os dados levantados e análise dos mesmos de forma coletiva)
- Visitas às escolas, pelos coordenadores da SEMED, acompanhando e assessorando as ações (Aproveitando para colher informações/contribuições para o PME)
- Definir prazos para a sistematização dos resultados das aprendizagens da Festa da Escola Cidadã e constituição, na escola, da equipe de coordenação e relatoria do PEPP e acompanhamento do PME.

ETAPA 4 – PROVIDÊNCIAS E OUTROS ESCLARECIMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DO PEPPs DAS ESCOLAS

Definir, desde o início, **Plano de Trabalho** para 2006, com base nas sugestões acima – integrado ao Calendário Escolar da SEMED e das escolas de Nova Iguaçu.

Continuidade do PEPP com base na sistematização dos dados da Leitura do Mundo: a) análise dos dados; b) comparação da LM com os registros do Marco Referencial; c) definição das Propostas de Ação e Prioridades do PEPP; d) sugestões das escolas para o PME (prioridades); e) Escrita do documento do PEPP por uma equipe de redação; f) consolidação do PEPP e da proposta pedagógica da escola; g) definição das etapas de execução e de avaliação do PEPP.

Todo o processo será acompanhado de avaliação dialógica continuada, com instrumentos de avaliação propostos e aplicados pelo coletivo participante no decorrer de cada atividade.



A Escola Cidadã

O Eixo "Escola Cidadã" se estrutura no conceito educacional de Paulo Freire articulado com uma proposta de educação em horário integral e de agregação no espaço da escola pública de espaços e atividades de caráter cultural, esportivo, de qualificação profissional, saúde e de assistência social.

Segundo o conceito freireano, a "Escola Cidadã" é aquela que realiza-se orientada pela solidariedade, pelo diálogo, pela criticidade, pela busca das condições que possam assegurar o direito de aprender mais e melhor. A Escola Cidadã é aquela que se constrói nas práticas coletivas de participação, nas decisões dos rumos da escola – de seus princípios de convivência, de seu currículo, de sua gestão – de seu trabalho educativo e, portanto, não apenas na execução do que é decidido por poucos.

Seus pressupostos são a democratização e partilha de poder, a conquista coletiva da autonomia, a cidadania cultivada em seu currículo e vivida cotidianamente, a promoção de ricos encontros culturais e a dinamização de seus processos coletivos de criação. As escolas cidadãs fazem a diferença na realidade local e na realidade de nosso momento histórico, quando, cada vez mais, os temas de nosso lugar são os fios que participam de uma vida mais ampla, ressoam nas dimensões social, cultural, política, ambiental e econômica do nosso mundo. Seu horizonte ético abraça o compromisso com a justiça sócio-ambiental, com a emancipação dos sujeitos que ajuda a formar, com a sustentabilidade local e planetária, com o cuidado dirigido à vida de todos os viventes, bem como a valorização da curiosidade, da inteligência e da sensibilidade humanas.

A Escola Cidadã dialoga com a diferença, com a semelhança, reconhece suas contribuições, busca de parcerias, soma de forças, reconhece partícipes de um mesmo projeto, de um mesmo sonho. Contudo, para projetarmos o que queremos é necessário que conheçamos a realidade concreta e também os sonhos e utopias de quem participa.

A Leitura de Mundo é o movimento de aproximar-se criticamente da realidade vivida. É buscar a compreensão do mundo vivido para construir as condições de agir e transformá-lo. A Festa da Escola Cidadã é um caminho para a Leitura de mundo, uma forma envolvente de conhecer a realidade e de possibilitar às pessoas se conhecerem melhor.

A Festa é importante porque incorpora no processo de Leitura de mundo formas que possibilitam, ao mesmo tempo, a aproximação crítica da realidade local e global em que estamos inseridos e permite a vivência de situações que são estimuladoras da capacidade inventiva e da criação de laços de afetividade, cumplicidade e comprometimento necessários à construção coletiva do projeto eco-político-pedagógico.

A Festa da Escola Cidadã é um momento de descontração, de encontro, de comunhão contagiante, de partilha de sonhos, de satisfação e de resgate das culturas populares, pois é capaz de propiciar a expressão dos saberes, dos interesses populares e da

reflexão sobre o cotidiano vivido. É nos mais variados registros e formas de sistematização da Festa que a comunidade, escolar e local, poderá encontrar valiosos elementos de realidade, de utopia e de desejos coletivos que podem e devem alimentar o projeto da escola. Perceber, registrar, analisar e dar destaque para os valores e significados atribuídos coletivamente a tais elementos, e à Festa como um todo, é uma forma de iniciar ou re-iniciar o processo de construção do projeto eco-político-pedagógico, um projeto que tenha em vista uma educação pensada enquanto princípios, diretrizes e propostas de ação numa dimensão poética, estética, sensível, criativa, crítica, etc.

Escolas de Horário Integral – breve histórico

O histórico de tentativas para instruir projetos pedagógicos voltados para as classes populares capazes de enfrentar os problemas acima colocados pela construção de um conceito de educação com qualidade social é bastante significativo. No Brasil, em 1950, Anísio Teixeira já falava em "dar, de novo, à escola primária, seu dia completo". A Escola Parque, lançada em 1950, pretendia estabelecer um novo conceito de educação. Nas palavras de Anísio Teixeira,

"A escola primária que irá dar ao brasileiro esse mínimo fundamental de educação não é, precipuamente, uma escola preparatória para estudos ulteriores. A sua finalidade é, como diz o próprio nome, ministrar uma educação de base, capaz de habilitar o homem ao trabalho nas suas formas mais comuns. Ela é que forma o trabalhador nacional em sua grande massa. É pois, uma escola que é o seu próprio fim e só indireta e secundariamente prepara para o prosseguimento da educação ulterior à primária. Por isto mesmo, não pode ser uma escola em tempo parcial, nem uma escola somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola, sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão.

Não se pode conseguir essa formação em uma escola por sessões, com os curtos períodos letivos que hoje tem a escola brasileira. Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte."¹

Anísio Teixeira acreditava ser a educação o único meio realmente efetivo para a construção de uma sociedade democrática, que respeito às características individuais de cada pessoa, inserindo em seu grupo social com respeito à sua unicidade, mas como parte integrante e participativa de um todo. Para isto, deve ser aplicado o conceito social de educação.

O Programa *Escola Parque* previa o período escolar de nove horas, dividido em 4 -1 - 4 horas. A criança passaria 4 horas na escola convencional e a outra metade do tempo decorreria em atividades de trabalho, educação física, atividades sociais, atividades artísticas e atividades de organização e biblioteca. A organização da escola, pela forma

¹ Anísio Teixeira, Educação não é privilégio. Editora UFRJ, 1994.

efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária”.

“Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e juventude”.

A LDB, no seu Art. 34 parágrafo 2 estabelece que:

“ O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino”.

O Bairro Escola apresenta uma proposta da escola de horário integral que ofereça condições para que as crianças e jovens de classes populares tenham acesso a todo acervo cultural necessário e para utilizar e usufruir das novas tecnologias essenciais no mundo de hoje, sem perder sua identidade com a cultura local.

Da mesma forma que as crianças de classe média e alta são educadas, em horário integral através de recursos particulares, mesmo que em instituições diferentes – línguas, livros, filmes, esportes, teatro, artes, aula particular – as crianças da classe popular deverão ter acesso a todas essas linguagens: livros, filmes e publicações diversas na biblioteca; jogos, esportes e atividades de corpo nas oficinas esportivas; expressão artística e formação de platéia através das linguagens do teatro, do cinema, da dança, das artes plásticas e da música nas oficinas culturais; atendimento individualizado no estudo dirigido e reforço escolar com uso de informática e novas tecnologias de comunicação nas salas de informática e nas Escolas de Comunicação Popular, à profissionalização nos Galpões Profissionalizantes e fortalecimento da cultura local nas Casas do Artista Popular.

Bairro Escola : Educação de Horário Integral

Articulação de espaços do bairro

A proposta do Bairro Escola, no entanto, não se resume ao horário integral. Partindo das experiências anteriores – de criação de grandes estruturas capazes de suprir às demandas da educação de horário integral – a proposta do Bairro Escola é de trabalhar de forma diversa. Ao invés de grandes construções onde se concentram todas as atividades curriculares, a proposta é de articular uma série de equipamentos e espaços públicos do Bairro à escola. A articulação dos potenciais educacionais próximos da escola possibilita a ampliação da oferta de atividades educacionais para os alunos no contra turno escolar.

A construção de Centros educacionais parte do princípio que a cidade é perigosa e insalubre e que as crianças devem estar protegidas. Se a cidade é perigosa, devemos repensar a cidade e não isolar as crianças nem espaços confinados. É na cidade que a vida se dá. Os cidadãos precisam adquirir condições de circular pela cidade, conhecer seus caminhos e utilizar todos os recursos que esta oferece.

Articulação da Rede de Parcerias

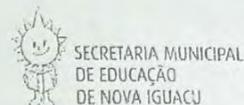
Cóm base na *Declaração Mundial sobre Educação para Todos e no Plano para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem* (Conferência de Jomtien, 1990), propõe-se um alinhamento dos programas sociais que trabalham com crianças e adolescentes em relação à escola. A idéia é que é possível proporcionar educação o dia inteiro à população infanto-juvenil sem que, para isto, tenhamos necessariamente que oferecer o dia inteiro.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1 – O que você profissional (OP, OE, DA) pode fazer para a construção de Escola Cidadã em Nova Iguaçu? Qual a sua contribuição?

2 – Em relação às experiências de Escolas de Horário Integral que já existiram o que pode fazer para corrigir erros? Qual deve ser o grande diferencial em Nova Iguaçu?

Anexo 3: Compromisso todos pela educação - Critérios de correção do diagnóstico



COMPROMISSO TODOS PELA EDUCAÇÃO DE NOVA IGUAÇU

Critérios de correção do diagnóstico

Objetivos do diagnóstico:

- Mapear as demandas de aprendizagem relativas a leitura, escrita e cálculo matemático, das crianças e adolescentes das 3as. Etapas e 5os. anos do Ensino Fundamental.
- Organizar grupos de intensificação do ensino e da aprendizagem (Oficinas de Aprendizagem) a partir das demandas mapeadas.
- Elaborar estratégias e materiais de apoio ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido nas Oficinas de Aprendizagem.

Competências e habilidades observadas

- Escrita segundo o princípio alfabético
- Compreensão de textos
- Emprego de estratégias para localizar informações explícitas e inferir informações implícitas em um texto
- Compreensão, representação, cálculo e resolução de problemas.
- Interpretação e compreensão das representações de dados organizados em gráficos e tabelas

Alguns conceitos referenciais

- **Diagnóstico¹:**

“... O ponto de partida para a aprendizagem dos alunos são seus conhecimentos prévios sobre determinado tema, conceito procedimento, etc. Uma avaliação diagnóstica ou inicial é essencial para que se saiba o que os alunos já sabem, quais procedimentos dominam, que atitudes os predispõem ou indispõem para realizar a aprendizagem do conteúdo em pauta. Tendo essas informações, o educador pode ajustar seu plano de intervenção pedagógica, adequando-o às condições em que seus alunos se encontram.

¹ Claudia Vóvio. Avaliação. Ação Educativa, SP, mimeo, sd.



- **Alfabetização/Letramento²:**

"... a grande diferença entre *alfabetização* e *letramento*, entre *alfabetizado* e *letrado* (...): um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita. (...) Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sócias da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*".

- **Escrita alfabética³:**

"A escrita alfabética se caracteriza pela correspondência sistemática e exaustiva entre letras e fonemas, mesmo que, muitas vezes, a ortografia não seja convencional".

- **Hipótese de escrita⁴:**

"De acordo com as pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosk, já replicadas no mundo inteiro, as crianças elaboram diferentes hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita – com quantas letras se escreve uma palavra, quais são elas e em que ordem elas aparecem. Na fase em que o aluno adota simplesmente o critério de que, para escrever, é preciso uma quantidade de letras (no mínimo 3) diferentes entre si, a hipótese é considerada **pré silábica**. Quanto passa a registrar uma letra para cada emissão sonora, ela está no nível **silábico** – inicialmente sem valor sonoro e depois com a correspondência sonora nas vogais e/ou nas consoantes. Na hipótese **silábico-alfabética**, as escritas incluem sílabas representadas com uma única letra e outras com mais de uma letra. **E, finalmente, quando começa a representar cada fonema com uma letra, considera-se que ele compreende o princípio alfabético de nossa escrita. No entanto, mesmo nesta fase os alunos ainda apresentam erros de ortografia.**

² Magda Soares. Letramento: um tema em três gêneros. Ed. Autêntica, 2004, p.39-47.

³ Ana Teberosky e Teresa Colomer. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Artmed, 2003, p.69.

⁴ Revista Nova Escola. Ano XXII. Número 204. Agosto de 2007. Pág. 36



Veja como poderia ser a escrita da palavra camiseta de acordo com cada hipótese:

Pré silábica: PBVAYO

Silábica sem valor sonoro: ERFE

Silábica com valor sonoro: KIZT

Silábica alfabética: KAIZETA

Alfabética: CAMIZETA

Neste último exemplo, temos o que já seria considerado uma escrita alfabética, mas ainda com erro ortográfico que precisa ser trabalhado pela professora."

LEGENDA ADOTADA NA CORREÇÃO

- **R:** QUANDO O ALUNO CONSEGUIU RESPONDER SATISFATORIAMENTE A QUESTÃO, AO DESAFIO APRESENTADO.
- **NR:** QUANDO O ALUNO NÃO RESPONDEU (QUESTÃO EM BRANCO).
- **NRA:** QUANDO O ALUNO NÃO CONSEGUIU RESPONDER SATISFATORIAMENTE A QUESTÃO, AO DESAFIO APRESENTADO.

Outras observações:

O Grupo de trabalho que propôs e organizou o diagnóstico decidiu por encaminhar a correção segundo as seguintes observações:

- O objetivo do diagnóstico é mapear o que as crianças sabem (competências/habilidades: leitura, escrita e cálculo). Este será o ponto de partida dos planejamentos e da organização dos materiais das oficinas.
- As competências/habilidades de referência são aquelas apresentadas no início deste documento.



- Não serão destacados os "erros" (ortográficos, gramaticais, de concordância, etc...). O foco da correção recai sobre as competências/habilidades básicas de leitura, escrita, cálculo, compreensão e resolução de problemas.
- O professor pode trabalhar o instrumental, retomando coletivamente com os alunos os desafios propostos no diagnóstico.
- As crianças/adolescentes que apresentem as competências em destaque, não serão encaminhadas para as oficinas de aprendizagem, tal como proposta pela SEMED.
- As oficinas de aprendizagem da Prova Brasil estão organizadas para atuar no desenvolvimento e consolidação da alfabetização das crianças/adolescentes.
- A partir do resultado do diagnóstico, os professores e a comunidade escolar têm autonomia para propor outras ações junto às crianças/adolescentes, caso julguem necessário.

Anexo 4: Organograma do Bairro-Escola

Organograma do Bairro Escola

Assessoria - SEMED e IPF
Escola da Integralidade

Equipe de Assessoria do Bairro Escola	Cargo/Atribuições	Carga Horária
Coordenador Atividades na Escola	Aps - Responsável em acompanhar a implementação do Programa: sua organização estrutural no cotidiano escolar. Participa orientando as reuniões na escola para planejamento das atividades, agenda, processos avaliativos, infra-estrutura, etc; Realiza encontros na Semed com demais assessores do BE para encaminhar demandas e realizar avaliação contínua do Programa.	40h
Coordenador Atividades no Bairro	Aps - Responsável em acompanhar a implementação do Programa: sua organização estrutural no cotidiano escolar. Participa orientando as reuniões na escola para planejamento das atividades, agenda, processos avaliativos no que se refere especificamente à mobilidade e atividades realizadas no Bairro.; Realiza encontros na Semed com demais assessores do BE para encaminhar demandas e realizar avaliação contínua do Programa.	40h

Bairro Escola de Vila	Cargo/Atribuições	Horária
Coordenador Geral	Professor da escola - Responsável em acompanhar a implementação do Programa: sua organização estrutural no cotidiano da escola e no bairro. Participa orientando as reuniões na escola para planejamento das atividades, agenda, processos avaliativos, infra-estrutura, mobilidade, etc; Estabelece junto a assessoria, a equipe pedagógica local - professores, alunos e pais - diálogo contínuo para efetivar a articulação das atividades das oficinas com as práticas pedagógicas góldianas (currículo, projeto eco-político-pedagógico, PJI, projetos coletivos, etc;) e para encaminhar demandas e realizar avaliação contínua do Programa.	
Coordenador da Oficina de Aprendizagem	Professor da escola - Responsável em acompanhar, orientar e avaliar as atividades nas oficinas de aprendizagem; Participa das reuniões gerais do BE, estabelecendo conexões específicas das ações e demandas das oficinas de aprendizagem;	
Equipe de Assessoria do Bairro Escola	Cargo/Atribuições	Carga Horária
Coordenador da Oficina de Aprendizagem	Professor - Responsável pela gestão da oficinas de aprendizagem - frequência, atividades pedagógicas desenvolvidas, avaliação, etc; participa das reuniões do BE trazendo questões específicas - processos e demandas;	
Coordenador da Oficina de Cultura	Estagiário - Sob a coordenação da assessoria da Secretaria de Cultura e coordenadores do BE, realiza atividades e apresenta constante avaliação do processo e demandas;	
Coordenador da Oficina de Esportes	Estagiário - Sob a coordenação da assessoria da Secretaria de Esportes e coordenadores do BE, realiza atividades e apresenta constante avaliação do processo e demandas;	

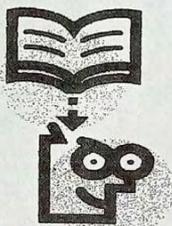
Plano de Ação

Formação de Assessoria do BE
Coordenação: Semede e IPF
Público Alvo: Agentes Pedagógicos

Data	Local	Temática
5/jun	Semed	Apropriando-se dos conceitos do Bairro Escola: Bairro Escola: Integralidade; Centralidade; Rede de Proteção Social; Projeto/Programa/Plano
6/jun	Semed	Os Eixos do Programa - Conceitos e ações na rede; Plano a curto, médio e longo prazo;; Sistematização das ações, responsabilidades e avaliação dos processos.
7/jun	Semed	As Escolas da Integralidade - Infra-estrutura física e recursos humanos (Organograma) - Dinâmica das ações de implementação, acompanhamento e avaliação dos processos (reuniões e atividades
8/jun	Semed	Ações nas oficinas: Propostas pedagógicas das oficinas, articulação entre as atividades realizadas no cotidiano escolar e das atividades vivenciadas nas oficinas: Orientação, acompanhamento e
9/jun	Semed	O Programa no Bairro e a inserção da comunidade (pais, associações, ongs, facilitadores) nos processos educacionais do Bairro Escola:

Obs: Durante os encontros iremos acomodando e agendando as equipes em seus lugares de ação;

Proposta Pedagógica



Oficinas de Aprendizagem

Bairro Escola - Proposta Pedagógica de Horário Complementar

A articulação entre os vários espaços que potencialmente são promotores de educação configura-se um motor importante para vencer o grande desafio do acesso, permanência e sucesso de crianças e adolescentes nas escolas públicas. Tal articulação necessariamente se desdobrará na melhoria da qualidade da aprendizagem. É a possibilidade de caminharmos mais rapidamente para oferecer uma educação integral por meio da articulação de diferentes agências de produção de aprendizagens - família, comunidade, organizações da sociedade civil e escola - que leve em conta as condições existenciais concretas. Nova Iguaçu busca, por meios de sua política de educação, novas possibilidades de concretização de uma educação integral na escola e fora dela. Desse modo, a criação de projetos educativos complementares à escola vem surgindo como resposta de atendimento da própria comunidade às necessidades de aprendizagem e de proteção social.

A integralidade – Suas oficinas

As oficinas de esporte, cultura e aprendizagem que são desenvolvidas em horário complementar têm por finalidade dar continuidade à educação escolar, oferecendo, no período oposto ao turno regular, atividades complementares específicas, que ampliem habilidades intelectuais, bem como estimulem a prática de esportes individuais e coletivos e práticas culturais artísticas visando o desenvolvimento equilibrado da criança como um todo.

As oficinas de aprendizagem – Objetivos, concepções e princípios.

A educação integral está alicerçada em princípios que buscam o desenvolvimento global de crianças e adolescentes em todas as suas potencialidades humanas, com equilíbrio entre os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sócio-culturais.

Dentro deste princípio, as ações pedagógicas nas oficinas de aprendizagem deverão pautar-se em concepções que considerem:

As atividades pedagógicas das oficinas de aprendizagem

Com bases nos princípios e concepções que deverão permear as práticas educativas nas oficinas de aprendizagem, estabelecem-se diretrizes para realização das atividades pedagógicas:

- Desenvolver atividades que se articulem os conceitos e conhecimentos trabalhados nas atividades pedagógicas no horário de aulas regular, ampliando-os por meio da pesquisa e estudos, através da utilização de diversos recursos materiais pedagógicos e da mediação do professor.
- Potencializar a capacidade de utilizar os mais variados recursos pedagógicos e tecnológicos para a pesquisa e conseqüente desenvolvimento de seu papel de protagonista e autônomo no processo de aprendizagem.
- Possibilitar os processos de aprendizagem por meio de ações e interações coletivas, considerando e respeitando diferentes tempos de aprender e aplicar o conhecimento.
- Estabelecer relações do conhecimento com a vivência cotidiana, tornando-se agente crítico na busca de entendimento e de soluções para problemas e desafios enfrentados pela comunidade em que vive.
- Estabelecer relações com vivências sociais e culturais da vida familiar e comunitária e nos demais projetos compartilhados no âmbito da vida escolar ampliando possibilidades intelectuais e criativas de pensar, expressar-se, compreendendo e atuando como sujeito crítico e autônomo nas interações cotidianas.
- Estabelecer metas a serem alcançadas, temas a serem abordados e processos avaliativos individuais e coletivos de modo participativo.

Sugestões de atividades

De pesquisa e desenvolvimento de aprendizagens a partir das atividades propostas nas aulas do período regular:

- ❖ Levantamento das dificuldades, dúvidas e curiosidades;
- ❖ Elaboração de plano de atividades semanal e de avaliação individual e coletiva; (O que preciso aprender/ Eu posso te ajudar/Estamos pesquisando) - Esta atividade para estabelecer vínculos, construção da auto-estima e no processo de cooperação;
- ❖ Organização de grupos por áreas de estudo e pesquisa.
- ❖ Propostas de exercícios e jogos elaborados pelo grupo para dinamização das aprendizagens;
- ❖ Propor monitorias com responsabilidade sobre acompanhamento e avaliação dos processos de ensino-aprendizagem entre professores-alunos e alunos-alunos;
- ❖ Utilizar materiais de pesquisa diversificados para sistematização das informações, e como ferramenta motivacional na apreensão e/ou ampliação dos conhecimentos.

De acolhimento e engajamento na dinâmica do projeto Bairro Escola:

- ❖ Promover discussão e produção textual coletiva para entender conceitos indispensáveis como o de pertença, o protagonismo, a participação democrática, assumindo responsabilidade pela participação nos processos de ensino e aprendizagem e de cuidados coletivos.
- ❖ Estimular a narração e o registro como meios fundamentais de expressar idéias, desejos ou discordâncias para a promoção do bem comum.
- ❖ Estabelecer contratos ou acordos para assegurar que todos tenham responsabilidades pelo bem estar e sucesso nas atividades vivenciadas no cotidiano.

De aprendizagens sócio-culturais e afetivas que contribuem na aprendizagem de conceitos e conhecimentos a serem discutidos, ampliados e/ou desenvolvidos:

- ❖ Promover espaço de discussão de problemas comuns à comunidade em busca de alternativas para solucioná-los ou minimizá-los, sempre numa perspectiva coletiva;
- ❖ Promover troca de saberes e habilidades que contribuam efetivamente na experiência da vida em comunidade, valorizando-os e incentivando-os na construção identidade individual e comunitária.

Todas as atividades devem visar o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem, a cooperação e o respeito que permearão todos os momentos e lugares de convivência e a construção e expressão da identidade individual e de coletividade.

*"Por que reinaugurando
Essa criança
Pensam os homens
Reinaugurar sua vida
E começar novo caderno,
Fresco como o pão da vida;
Pois que nestes dias de aventura
Parece em ponto de vôo, e parece
Que vão enfim poder
Explodir suas sementes."*

João Cabral de Mello Neto

Secretaria Municipal de Educação
Rua: José de Alvaréz, 330
Bairro da Luz - Nova Iguaçu
CEP: 26-255-360
Telefone: 2668 1200 (Fax)
Email: pcm.semed@lj.com.br

Departamentos:
Pedagógico: 3773 5062
Administrativo: 3769 7388
Patrimônio e Alimentação Escolar: 2768 9013
Financeiro: 2667 3456
Email: semed_adm_ped@yahoo.com.br



PREFEITURA DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO



INFORMATIVO

SEMED

Maio - 2007


PREFEITURA
Nova Iguaçu

O Informativo - SEMED tem por objetivo compartilhar com a Rede as propostas, ações e eventos que já aconteceram e aqueles que estão por vir.

Aconteceu...

FORMAÇÃO CONTINUADA

- > 1ª Semana de Planejamento Interativa na Rede.
- > Formação para os Agentes Educadores do Bairro Escola
- > 1ª Semana de Formação para Professores dos Ciclos de Aprendizagem
- > Formação Continuada do Pró-Letramento
- > Formação e Capacitação de Merendeiras e ASSG's
- > Aula Inaugural do Pré Vestibular
- > Implementação e Formação Continuada dos Professores da disciplina LLPT - Incentivo à Leitura e Produção Textual (2º Segmento).
- > Formação Básica - Alfabetizando Brasil
- > Alfabetizado - Bairro Escola
- > Início da Formação dos educadores do Pró-Jovem

PROJETOS

- > Capacitação do Projeto Saber Saúde
- > Encaminhamento do Projeto Ilhéus

AÇÕES ADMINISTRATIVAS

- > Ampliação do número de Escolas que atendem em Horário Integral
- > Criação de mais duas Ues
- > Concurso para professores I e II e monitores de creches
- > Ampliação das Escolas Equipadas com Mesas Educativas
- > Ampliação do Atendimento para todas as Escolas pela Equipe de Educação Especial.
- > Criação do Espaço de Incentivo à Leitura/ SEMED (Biblioteca e Telecentro).

EVENTOS

- > Gravação do Programa Globo Comunidade / Pré - Vestibular
- > Visita dos alunos do Curso Pré-Vestibular no Bairro-Escola
- > Encerramento da Formação Inicial dos Educadores do Pró-Jovem
- > Visita da Equipe da Coordenação Estadual do Programa Escola aberta
- > I Seminário Brasil Alfabetizado & Bairro Escola.
- > Aula Inaugural do Pré Vestibular
- > Programa Nacional de Saúde Ocular
- > Encontro Escola Aberta Baixada II

- > Reunião Escola Aberta Nova Iguaçu - Eleição do Comitê Gestor

- > I Encontro de Educação do Campo
- > Entrega dos Kits e Livros da EJA
- > Encaminhamentos do Projeto Chico Mendes

ACONTECEU NAS ESCOLAS

- > Entrega dos uniformes nas escolas
- > Parabenizamos a direção e equipe da E. M. Alfredo José Soares pelo Evento "Dia Verde", realizado em 24/04/2007
- > Parabenizamos a direção e equipe da E. M. Janir Clementino pelo Evento "A Cor da Cultura", realizado em 16/05/2007

GESTÃO DEMOCRÁTICA

- > Formação dos Conselhos Escolares
- > Discussão sobre o Sistema Municipal de Ensino

PRÓXIMAS AÇÕES E EVENTOS

- > Lançamento do Projeto de Lei do Sistema Municipal de Ensino de Nova Iguaçu
- > Apresentação da Proposta Curricular Preliminar do Ciclo de Alfabetização

Anexo 7: Apresentação do Projeto Amigos da Escola

escola



Às Escolas Municipais de Nova Iguaçu

Sr. (a) Diretor (a),

O Programa Bairro-Escola apresenta o projeto Amigos da Escola como uma possibilidade de parceria no desenvolvimento das ações da educação em tempo integral e do desenvolvimento comunitário.

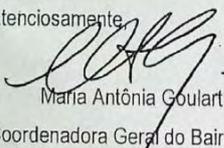
Amigos da Escola é um projeto criado pela Rede Globo que tem o objetivo de contribuir com o fortalecimento da escola pública de educação básica por meio do trabalho voluntário e da ação solidária. O projeto incentiva a participação de voluntários (inclusive alunos, professores, diretores e funcionários) no desenvolvimento de ações educacionais - complementares, e nunca em substituição, às atividades curriculares/educação formal - e de cidadania em benefício dos alunos, da própria escola e seus profissionais e da comunidade.

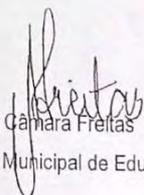
O Bairro-Escola acredita na participação dos profissionais da educação e dos estudantes para a construção coletiva deste programa educacional, que tem como meta integrar a rede municipal de educação à comunidade, comprometendo a cidade e os parceiros com a educação de qualidade para todos.

Enviamos o Guia de Ação dos Amigos da Escola como material de apoio aos diretores, professores e funcionários das escolas, esclarecendo os métodos do trabalho voluntário, e apresentando formas de desenvolver e coordenar ações voluntárias dentro da escola.

Contamos com a colaboração das escolas municipais de Nova Iguaçu para o planejamento das possibilidades de troca na parceria entre o Bairro-Escola e os Amigos da Escola.

Atenciosamente,


Maria Antônia Goulart
Coordenadora Geral do Bairro Escola


Marli Câmara Freitas
Secretária Municipal de Educação

Anexo 8: Relatório das demandas encontradas na EMPAMR



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU
SECRETARIA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU
ESCOLA MUNICIPAL PROFª ANA MARIA RAMALHO



Aos Coordenadores Gerais do Bairro Escola

Assunto: Relatório das demandas encontradas na EMPAMR

Informamos através deste que o horário integral na escola, vem acontecendo normalmente com a exceção do dia 14/08/2006, no qual houve uma reunião com todo o corpo docente da integralidade para sanarmos algumas dificuldades encontradas e acordamos soluções para resolver outras que no momento não pudemos oferecer a resposta.

Atualmente a escola possui 720 alunos matriculados frequentando regularmente os dois turnos, sendo que 516 estão inscritos para o horário integral, mas devido a fatores como indisponibilidade de parceiros; número reduzido de oficineiros de cultura e pouca diversidade de atividades; insuficiência do número de estagiários para o horário intermediário; espera de atividades como a natação e teatro; poucos espaços com cobertura expondo os alunos ao sol; ausência de bebedouros nos parceiros e também pelo fato de a mobilidade ser feita com mochilas por causa da falta de ganchos ou armários para guardá-las na escola e a ausência de material específico para a oficina de aprendizagem (ex.: caderno e lápis); o horário integral na escola possui 375 alunos frequentes.

Os parceiros que possuímos são: a Casa do Menor São Miguel Arcanjo, que cede o espaço do auditório com restrições para o desenvolvimento das oficinas de dança, 01 sala de aula para o desenvolvimento de oficinas de aprendizagem e artes e 01 sala onde localiza-se o Telecentro; a Igreja Nossa Senhora de Fátima, cede 02 salas de aula para oficinas de aprendizagem e artes, mas há a ausência de bebedouros e o impedimento da utilização dos banheiros sociais; o Esporte Clube Miguel Couto cede a quadra para

iniciação desportiva, a piscina para as futuras aulas de natação, um salão para o desenvolvimento de atividades recreativas e 02 vestiários para o banho dos alunos regularmente; o CENARTE nos cede 03 salas de aula para as oficinas de aprendizagem e artes, 01 auditório onde podem ser desenvolvidas atividades de teatro, aprendizagem e artes e uma área coberta, onde podem ser desenvolvidas atividades de artes, mas não há bebedouros e chuveiros no local, além de todas as salas serem muito quentes devido a ausência de ventiladores e pelo fato de serem telhadas; a Assembléia de Deus é o nosso mais novo espaço onde nos foram cedidos 01 sala para o desenvolvimento de oficinas de aprendizagem e artes, além de um pequeno salão onde podem ser desenvolvidas atividades artes. Ainda aguardamos a conclusão da parceria com a Igreja Presbiteriana, para que possamos retirar os alunos da escola no horário intermediário, pois os pais têm reclamado que seus filhos ficam muito tempo expostos ao sol desenvolvendo dores de cabeça, pelo fato de não possuímos espaço coberto para acomodá-los. Durante as duas primeiras semanas de agosto, ficamos impossibilitados de utilizar o espaço da Casa do Menor por causa das comemorações dos 20 anos da instituição e nos dias 14 e 15 não pudemos utilizar a sala de música porque a chave havia desaparecido e o auditório além de ter acontecido o mesmo fato, regularmente somos impedidos de utilizá-lo porque ora o espaço precisa ser encerado, ora o mesmo está sendo utilizado para outras atividades internas. Já o CENARTE passou por uma reforma total na qual nos impossibilitou de utilizá-lo.

As aulas de natação ainda não foram iniciadas devido a falta de materiais e uniforme adequado para essa prática desportiva, o que nos tem causado transtornos pela cobrança dos responsáveis dessa atividade prometida e que ainda não aconteceu.

A escola tem realizado ações para tentar sanar as dificuldades encontradas durante o horário integral como o termo de compromisso para o desligamento das crianças, o que fez diminuir o número de desistências, e a confecção da carta para solicitar a presença do responsável ao qual o filho possui um quantitativo alto de faltas elaborado pela Orientação Educacional da escola, ainda aguardamos o funcionamento do CRAS para o apoio a este serviço.

Informamos ainda que os materiais fornecidos estão terminando, pois os mesmos são divididos para as atividades de cultura e aprendizagem, em breve estaremos relacionando todo esse quantitativo para ser enviado a coordenação geral, estamos enviando o novo quadro de horário que adequa-se a carga horária dos estagiários de ensino médio.

Acreditamos que nossa parceria é fundamental para o bom desenvolvimento do programa e estamos colaborando para que isso aconteça, mas não podemos ir contra a vontade de nossa comunidade que recebeu bem e acredita que o ensino em nosso município cresce cada vez e aumenta sua qualidade paulatinamente.

Desde já agradecemos todos os esforços que puderem ser feitos e renovamos votos de estima e consideração.

[Redacted signature]

[Redacted name]

Anexo 9: Relatório do Horário integral do dia 05 a 20 de março de 2007.



**PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA BAIRRO ESCOLA
ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ANNA MARIA RAMALHO**



Relatório do Horário Integral do dia 05 à 20 de março de 2007

O Horário Integral em nossa escola iniciou com um número de alunos bem reduzido em relação ao ano anterior com apenas 280 adesões com 145 no 1º turno e 135 no 2º, com o desenvolvimento das oficinas de esporte e cultura houveram mais 20 adesões formando 07 turmas em cada período.

A primeira semana foi marcada pela falta de voluntários no horário intermediário e a dificuldade de manter os alunos na escola sem pessoal para controle o que ocorreu provisoriamente com os supervisores do Brasil Alfabetizado; Os agentes de trânsito compareceram aos seus postos sem alteração colaborando com as travessias no percurso da mobilidade.

As oficinas de aprendizagem e cultura estão sendo prejudicadas pela falta de material, além do número reduzido de estagiários de cultura para atender as 07 turmas do 1º e 2º turnos, já as de informática só acontecem na escola para poucas turmas pelo fato do Telecentro da Casa do Menor estar fechado pela falta de estagiários.

Com a chegada dos estagiários intermediários houve uma melhora significativa na organização da transição entre os turnos, porém, no dia 13 de março durante a mobilidade para o espaço do CENARTE uma aluna desprendeu-se do grupo e foi para sua residência, sendo sua falta notada através da contagem periódica da agente educadora, após 2 horas de procura e por termos passado pelo DPO de Miguel Couto e informarmos ao policial de plantão além de visitarmos por duas vezes sua residência, a encontramos tomando banho de piscina em sua casa, sua mãe foi comunicada para que tomasse as providências cabíveis. A mobilidade com apenas um agente educador torna-se perigosa devido a dificuldade de observar o tempo todo a fila inteira, além de assegurar que os alunos de uma das pontas desprendam-se e corra.

Atualmente os pais têm procurado a escola para retirarem os filhos do programa alegando que os mesmos sentem-se mal devido à exposição ao sol e pela falta de atividades aguardadas desde o ano anterior como a natação.

Ainda aguardamos a parceria com Igreja Presbiteriana que reduziria o tempo de mobilidade e conseqüentemente a exposição a luz solar, lembrando que a parceria com a Igreja Assembléia de Deus encerrou-se; O Esporte Clube Miguel Couto cede a quadra e o tatame, já a piscina ainda é preciso um acordo para as aulas de natação, já que os sócios a utilizam durante o dia; A Casa do Menor nos cede o Telecentro, uma sala ao lado com 18 carteiras, uma outra sala sem carteiras e a quadra; O CENARTE disponibiliza três salas e um auditório.

Queremos ressaltar que a redução do número de agentes educadores pode ser prejudicial ao processo de desenvolvimento do programa.

Anexo 10. Entrevista

Nova Iguaçu, 16 de dezembro de 2021

Nome: Iara Maria Pessanha dos Santos

Cargo atual: Professora

Cargo durante o Bairro escola: Agente Pedagógica/ Agentes Formadores

1. Quais as principais atribuições do AP no âmbito do Projeto Bairro-escola?

Na verdade, era para orientar os Coordenadores pedagógicos das escolas, em caso de dúvidas, casos especiais que aconteciam, tivemos vários casos. Um caso especial que não foi nessa escola aqui, foi de uma alienação parental né? A mãe autorizou a criança a ficar no horário integral, a criança ficou, e antes de completar uma semana, se eu não me engano, foi na quinta-feira, o pai veio para desautorizar, veio com um papel e tudo. E aí foi sofrido para a criança, pois a criança queria ficar porque os amigos estavam. Então assim, o que fazer né? Aí ia pra direção e a direção levava pra gente e a gente vinha conversar com esses pais, né, em separado primeiro para evitar atrito. Era todo tipo de caso, às vezes era falta de material, material que ia para outra escola por engano, escolas com nome parecido, porque tem muita escola com nome “professor”, essa aqui mesmo é professora Anna Maria Ramalho, aqui pertinho tem a Professor Ruy Afrânio, Professora Janir Clementino, então é professor, professor, aí o pessoal da entrega acabava confundindo e entregava no local errado. Mas era coisa rapidinha de se resolver.

2. Qual a abrangência geográfica da sua atuação enquanto Agente pedagógica do Bairro-escola? A atuação dos AP's era dividida por URG's né?

E tinha duplas de agentes pedagógicos para cada escola. Aí tinham, na verdade, quatro pessoas, uma dupla para a manhã e uma dupla na parte da tarde. Porque, assim, quem visitava uma escola de manhã à tarde ia pra outra escola. Cada AP tinha duas escolas, às vezes no mesmo bairro, às vezes não. No caso, aqui eu fiquei no mesmo bairro, aqui em Miguel Couto mesmo. As escolas que eu atuava como AP eram a Escola Professor Ruy Afrânio Peixoto e Professor Janir Clementino. As duas são aqui mesmo em Miguel Couto. Uma fica próxima à Praça do DPO e a outra fica numa rua onde fica o ponto final dos ônibus. Na Praça de Miguel Couto mesmo. Bem no Centrinho.

3. A senhora é professora da Rede Municipal de Nova Iguaçu há quantos anos?

Há 32 anos.

4. Como chegou para a senhora o convite para trabalhar com o Projeto Bairro-escola?

Eu trabalhava na Escola Municipal Professor Orestes Cabral e a Coordenadora pedagógica dessa escola me informou (perguntou) se eu tinha interesse, por eu ser pedagoga. Ai eu falei, vou lá na reunião, visitar, ver qual é. Então fomos, eu e quase todas as professoras, mas aí só ficou eu e mais uma colega dessa escola. Nós ficamos. Aí nós atuávamos, diretamente ligadas à Secretaria de educação, para atuar lá, pra organização, pra tudo, toda organização mesmo. Tanto pedagógica, quanto estrutural, tinha equipes, lógico, pra isso. Mas assim, todo mundo sabia o que estava acontecendo. O pedagógico passava para o pessoal de base, que eles chamavam. Que era o pessoal das kombis, que levava o pessoal nas escolas. Passava também para o setor de material e o setor de merenda.

5. Então antes de atuar no Bairro-escola o seu vínculo já era estatutário?

Isso, era sim, eu era docente.

6. O cargo de Agente pedagógico do Bairro-escola era um cargo de confiança? Vocês recebiam alguma gratificação para exercê-lo?

Sim, todos eles eram cargos de confiança. Não, não recebíamos gratificação. No caso, eu tinha uma matrícula então entrava como “dobra” porque eu ficava o dia inteiro. Mas não era uma gratificação além da “dobra”. Um professor de sala de aula, que dobra hoje, por exemplo, como eu, eu hoje continuo com uma matrícula. Trabalho, minha matrícula é no turno da manhã e a tarde eu trabalho aqui nessa mesma escola (Escola Anna Maria Ramalho) como “dobra”. O mesmo valor que um professor de “dobra” recebia, o AP também recebia. Então era pago por “dobra”. Nenhuma comissão.

7. Como o Bairro-escola foi apresentado como uma proposta para as escolas?

O Bairro-escola chegou primeiro nas reuniões de Direção. As Diretoras têm reuniões mesmo, frequentes já, na Secretaria de educação. E numa dessas, foi apresentado a elas que no ano seguinte, seria feito esse programa. E assim, algumas escolas foram escolhidas, né? Como pólo para iniciar. Essa daqui (Escola Anna Maria Ramalho) foi uma das primeiras. A primeira de todas, se eu não me engano, foi a Barão de Tinguá. Mas nessa URG aqui, acho que foi essa, a Anna Maria Ramalho. Eu não visitava ela, mas eu conhecia uma menina AP que vinha aqui, não conhecia a escola em si. Aí foi apresentado, todo o projeto. Elas (Diretoras) receberam o Projeto por escrito, com os objetivos, tudo bonitinho. E depois, foi apresentado às Equipes, em uma reunião geral, Foi apresentado às equipes, diretoras e diretores do município. E algumas escolas ficaram sabendo que seriam, que iam receber o projeto e que outras precisavam ainda de obras físicas na escola. Elas não tinha estrutura para isso. O que eu me lembro, bem “fresquinho”, é que lá no Barão teve Artes marciais, aqui também teve, e como era lá em Tinguá, a escola fica bem em frente a uma praça. Utilizavam essa praça como sala de leitura, era muito legal, e utilizavam alguns espaços de lá, particulares. E a Prefeitura oferecia parceria pra esses espaços. Não sei quais os valores, não me recordo mas na época eu até sabia sim, porque a gente recebia isso tudo, né? Era muito transparente, todo mundo sabia de tudo. Tinha até um Portal pra você verificar, se quisesse ver, se tal escola recebeu tanto, por causa disso... Outra escola recebeu menos, por causa disso e disso. Quando a escola não precisava de obra, estava tudo direitinho, era só pintar mesmo, dar uma nova cara pra escola né? Que a proposta era essa né? Tudo Novo, e não precisava de obra estrutural, mas já tinha escola que precisava estruturar melhor os banheiros, porque agora as crianças ficavam o dia todo e tinham que tomar banho. Tinha até escola que não tinha chuveiro, por que era escola só de um turno. Esse tipo de coisa que tinha. Então assim, o Bairro-escola foi bem recebido pela população e foi recebido também pelas escolas.

8. Os professores foram bem receptivos às propostas do projeto?

Alguns professores receberam bem, outros não! Outros professores achavam assim, a gente chamava turno e contraturno, que no contraturno eles achavam ruim porque às vezes, assim, eles estavam dando aula, ou tava fazendo avaliação, ou tava passando vídeo, que precisava de mais silêncio e as turminhas do Bairro-escola passavam e fazia barulho né? Porque eles cantavam, eram orientados pra isso. Então, assim, teve que modificar isso daí também. Cantavam nas ruas, nas calçadas, até mesmo pra chamar atenção na rua, dos carros e não acontecer nenhum tipo de acidente. Aí depois mudou, quando chegavam no pátio da escola

já não cantavam mais, pra poder não atrapalhar. A não ser que fossem direto pra quadra. Na outra escola, no Ruy Afrânio, a quadra ficava na lateral da escola, o que não incomodava tanto. Mas escolas como essa daqui, que você tem que entrar na escola pra depois passar pra o Pátio, entrar cantando, realmente isso, incomodava muito mesmo os professores nas salas de aula. E quem estava à frente das turminhas do integral eram estagiários de faculdades, se eu não engano tinha (estagiário) da Rural (UFRRJ) também, se eu não engano, esse Campus é novo, na época do Bairro-escola funcionava um Pólo na Escola Municipal Monteiro Lobato lá no Centro. Então, eu acho que esse foi o maior embate, mas que foi resolvido rapidinho também.

9. O projeto Bairro-escola trouxe como uma das suas vertentes a valorização do professor, nesse período foi implantado o Plano de Cargos Carreiras e salários para os profissionais da educação. Esse plano impactou a sua vida de alguma forma?

Sim, inclusive eu já fui aqui dessa mesma escola. Quando eu saí do Bairro-escola, eu saí por motivos pessoais, motivos de doença na família. Então eu abdiquei de trabalhar no Bairro-escola e passei a trabalhar apenas com uma matrícula mesmo, somente no turno da manhã. Eu fiquei um ano e meio como AP. Nas férias de julho eu pedi pra sair. Depois disso eu tive que tirar duas licenças mesmo. Depois que as coisas na minha vida deram uma melhorada, eu investi mesmo, fiz vários cursos né? Me especializei. Hoje, meu curso de pedagogia me dá habilitação para exercer cargo de Direção e Orientação pedagógica. Eu até já trabalhei como orientadora pedagógica nessa escola, mas abdiquei porque eu gosto da sala de aula, eu sinto saudade das turmas. Tem gente que me acha louca. Eu sou, sou louca, eu gosto deles. Eu gosto desse contato. Gosto também de trabalhar com professores. Era muito bom, mas eu sentia muita falta da turma. Então eu troquei com um colega que também era pedagogo né?

10. Depois da atuação como Agente Pedagógica você retornou para sala de aula? Em qual escola?

Não, eu assumi a Orientação pedagógica aqui na Escola Anna Maria Ramalho. E fiquei por dois anos. Fiz vários projetos. Essa escola aqui é muito viva, muito visitada, a gente trabalha muito aqui. A clientela daqui é muito boa, humilde em termos financeiros, mas muito boa, responde muito bem. Tem uns casinhos pontuais, como qualquer escola tem, mães ausentes, mas a gente faz de tudo pra resgatar. A gente trabalha bastante a criança mesmo, autoestima, tudo. Tem vários projetos bacanas aqui que a gente fez. Mas aí, eu vi as crianças desenvolvendo e pensei: quero tá ali também. Eu saí da orientação (pedagógica) mas quis permanecer aqui, que eu gosto muito dos projetos desenvolvidos aqui né? Tanto os projetos que vêm da Secretaria de educação quanto os nossos também que a gente faz. Em cima desses projetos, a gente vai desenvolvendo outros, de acordo com nosso PPP (Projeto Político Pedagógico).

11. Hoje, ao caminhar pelo bairro Miguel Couto a senhora consegue observar algum traço do projeto ainda presente? Então, já faz bastante tempo né?

O que eu vejo que ainda permanece é algumas sinalizações, faixas, porque aqui tem somente um semáforo na Estrada Iguazu, mas não tinha faixa. Infelizmente a faixa de pedestre que fica na praça de Miguel Couto apagou, foi pintada ainda umas duas vezes mas não permanece, mas nesse governo (atual), eu ainda não vi não. Não tem mais o Guarda de trânsito que nós tínhamos na época do Bairro-escola, e tinha PM também, aquele do cap branco que é específico de trânsito, nessa época diminuiu bastante o número de acidentes

aqui no Bairro, pois aqui é um lugar que tem bastante cruzamento nas vias principais. Então, nunca vi acidente grave não mas tinha engavetamentos, freadas bruscas, já teve atropelamento inclusive de criança uniformizada. E nunca mais eu ouvi falar, pelo menos aqui não. A praça do DPO é uma praça grande, que não é mais utilizada pelas escolas, isso eu sinto falta né? A gente usava as praças todas mesmo. A escola Anna Maria e o Rui Afranio usava o Esporte Clube Miguel Couto, com o fim do projeto acabou a parceria. Era uma oportunidade muito boa. A gente tinha relato de mães com crianças com asma e bronquite, algum tipo de alergia que as crianças participavam da aula de natação no Esporte Clube, não era recreação na piscina, era aulinha mesmo com prancha, equipamentos, tudo bonitinho. Trazia melhora na respiração dessas crianças. A gente sabe que é verdade né? Quando você leva seu filho no médico e ele desconfia de asma ou bronquite, logo encaminha a criança para aula de natação pra melhorar essa respiração. E essas pessoas não tinham condições de pagar. E isso acabou também, uma pena. As crianças aprenderam a nadar ali, foi muito bacana. Infelizmente não tem mais atividades nas ruas nem nas praças. As faixas das calçadas. com o tempo, foram apagando, as pinturas nos muros foram sendo apagadas, os moradores foram pintando seus muros, suas casas mesmo, não tem mais aquelas figuras, aqueles corações, aquelas flores que tinham nas paredes, as reproduções das obras de artistas plásticos que foram trabalhados no projeto. Teve reprodução das obras de Ivan Cruz (artista plástico) que reproduzia o “brincar”, as brincadeiras antigas, que podia ser qualquer criança, pois as figuras infantis dele não tem rosto. Você conhece né? Nós, inclusive, recriamos as pinturas que tinham da época do Bairro-escola, aqui por dentro do muro da escola, restauramos com eles, as próprias crianças pintaram. Então lá fora não tem mais, porque foi acabando. Os moradores colocaram azulejo no muro, no chão. E isso foi acabando, acabou toda característica de escola no bairro, Bairro-escola. Não vejo mais.

12. Na época do Bairro-escola eram realizadas avaliações das atividades realizadas?

A gestão do projeto tinha acompanhamento constante do funcionamento? Os Coordenadores pedagógicos da escola, cada escola tinha um, eles faziam a avaliação na escola e essa avaliação era passada para o Agente pedagógico. Então, as escolas tinham planilhas, algumas criaram as suas de acordo com suas realidades e outras usavam a que era fornecida pela Secretaria de Educação. Essas avaliações eram feitas como uma espécie de prestação de contas mesmo. Avaliação dos professores, avaliação do olhar do professor de sala de aula, se aquela criança estava mais atrasada, mais adiantada. Era uma avaliação tanto disciplinar quanto cognitiva. Se bem que eu não gosto de falar a palavra ‘disciplinar’ porque parece uma coisa meio aquartelada né? Mas assim, mesmo na mudança de atitude mesmo, nos hábitos deles, no companheirismo, na valorização pessoal. A criança encara a escola como um lugar que ela vem estudar, essa escola não tinha um pertencimento, e passou a ser muito forte, porque era trabalhado esse pertencimento nos jogos, nas brincadeiras. Os estagiários eram orientados sempre para fazer isso. Na brincadeira mesmo, que você acha que não vai ter sentido de aprendizado. Por exemplo, no folclore, nós trabalhamos as cantigas infantis, nessa escola teve sim, que eu vim visitar, então foram encenadas as cantigas infantis: a linda rosa juvenil, Terezinha de Jesus e outras. E houve relatos de crianças que passaram a cantar diferente. Antes, você cantava sem pensar, nem prestava atenção na música. Então eles passaram a prestar atenção na música. Na música do cachorrinho na carrocinha, porque que fala gente má? Eles começaram a refletir isso. Tudo isso gera pertencimento, daí você passa na rua e vê um cachorrinho e não vai jogar pedra nele, porque ele já olha como uma vida que está ali e que ele pode ajudar aquele animalzinho, dando água ou perguntando se alguém não quer adotar esse bichinho. Isso tudo, tudo mesmo era trabalhado para a melhoria do bairro. E hoje em dia a gente passa e

vê dezenas de cachorros abandonados em Miguel Couto. Teve um caso de uma professora aqui da escola que foi comprar pão de manhã, para uma reunião pedagógica e veio um cachorrinho e mordeu ela. Ninguém ajudou ela na hora, ele teve que pegar o celular e ligar para a escola. Ninguém na rua ajudou, ficaram olhando e falando que o cachorro mordeu a mulher ali, mas assim, isso não aconteceria no Bairro-escola. A gente até comentou isso, não aconteceria se tivesse o Bairro-escola de jeito nenhum. Sabe porquê? Foi próximo ao semáforo ali, naquela época tinha o guarda de trânsito, com certeza ele ajudaria. E se fosse uma criança ali, ninguém faria nada? A professora tinha um celular para pedir ajuda, né? Ela é adulta. Uma criança estaria mais vulnerável. Na época do Bairro-escola os alunos andavam todos de crachá, todos bonitinhos, em fila indiana. Era lindinho de ver. Eu, sinceramente, achei que, ingenuamente no ‘achismo’, que seria dada continuidade, viu? Pelo menos a isso, essa integração da população com a escola. Essa valorização da escola. Que a escola ela é de todo mundo. Ela é pública, não porque não paga mensalidade, é porque ela é minha, ela é sua, é de quem precisar. Todo mundo conhece alguém que estudou aqui, ali ou acolá. Em qualquer uma das escolas públicas e isso não se vê mais. Infelizmente. Eu tento ainda trabalhar na minha turma. Falo sempre isso para as mães quando tem reunião, mesmo agora nesse período de pandemia, eu dizia: olha, quando voltar a escola, nós vamos voltar, a gente precisa se unir, tá tudo paradinho, mas a gente precisa dar valor a nossa escola. A gente valoriza quando fica sem ela né? Esse período de covid mostrou muito isso. Incentivar a estar nela, gostar dela, cuidar dela. A gente gosta de estar em um lugar sujo? Você rabisca sua casa? Então porque você vai rabiscar a escola? Então, assim, várias coisas que até numa conversa a gente ensina. Nada de impor, tem que ter diálogo. Ela vai aprender, assimilar muito mais do que se eu pegar uma folha, digitar regras para a escola. Falando que é regra não rabiscar? Ou mais uma lista de vinte regras de ‘nãos’ que vai entrar num ouvido e sair no outro. Não vai adiantar nada.

13. A presença do Agente de trânsito ou do policial nas ruas do Bairro Miguel Couto proporcionou maior segurança no bairro?

O poder público estando presente já dá essa sensação de que a gente está seguro. Quando acontece alguma coisa que eu não posso resolver eu procuro quem? Quem tem o poder. Então, tinha essa sensação de que a gente estava seguro. A gente filmava as crianças andando nas ruas, a gente andava com as câmeras nas mãos. Na época do Bairro-escola, quando eu trabalhava os gêneros textuais, meios de comunicação, eu levava as crianças na agência dos correios, fazia as cartinhas, eles levavam lá e recebiam em casa. Era uma emoção. Escrevi para Maria, Maria escreveu para João e as cartinhas chegavam. Eles sabiam que iam receber e ficavam eufóricos. Eu filmava o trajeto até os correios, filmava na rua. Sinceramente, hoje eu não tenho coragem de pegar meu celular, que nem é tão caro assim, e ficar filmando na rua. Eu tenho medo mesmo de ser assaltada. Preciso do celular, ele virou ferramenta de trabalho pra mim, ainda mais na pandemia. Essa sensação foi embora. Olha, aqui na frente onde tem uma Agência do Bradesco, era um supermercado, e diminuiu até aqueles pequenos furtos de biscoito, de coisinhas pequenas mais fáceis de guardar dentro da roupa. Sabe porque? Porque o supermercado ficava bem de frente a rua da escola e ficava um agente de trânsito aqui e outro lá no cruzamento para orientar o trânsito. Também muitas vezes o sinal estava verde para o motorista e eles viam que a gente estava vindo, os alunos com os professores ou instrutores do Bairro-escola e eles paravam, nem precisava o sinal ficar vermelho, eles paravam pra poder as crianças passarem.

14. Quando as crianças se deslocavam para o espaço parceiro quantos professores ou oficinairos acompanhavam cada turma?

Eram 3 profissionais que levavam. Nós fazíamos fila indiana, pra poder não atrapalhar o trânsito das outras pessoas que andavam pela rua. Mas era um sucesso, as pessoas fotografavam e filmavam as crianças passando. Os celulares não eram tão avançados como hoje mas tinha as câmeras né, era engraçadinho, principalmente os menores, era bonitinho de ver, eles cantando. Nessa fila indiana, ia um estagiário na frente, um no meio e outro atrás, caso acontecesse alguma coisa, eles conseguiam ver todo o grupo. Chegando no espaço parceiro já tinha o profissional da oficina aguardando pra receber o grupo. Por exemplo, se fossem pra natação, já tinha o professor lá. Se fosse pra aula de artes, já tinha o professor de artes lá. Se fosse pra Escola Livre de cinema, já tinha o pessoal da escola de cinema etc. Além disso tinha a parceria com as mães educadoras né? Essas mães levavam também, elas ajudavam nesse trajeto. E muitas vezes, os alunos respeitavam muito mais as mães educadoras do que os estagiários. Por que as vezes mesmo que não fosse a mãe dele mas era mãe do amigo, ela era tia, porque o primo também estudava aqui na escola, era sua vizinha, eram mulheres que eles conheciam, conheciam da igreja deles, do centro, de alguma entidade que eles faziam parte. Então assim, era isso, essa coisa do bairro familiar. E acabou, infelizmente.

15. Durante a vigência do projeto Bairro-escola quais ações de requalificação urbana foram observadas no Bairro Miguel Couto?

O que existiu aqui no bairro durante o Bairro-escola foi a pavimentação, nesse bairro ainda existiam muitas ruas de barro, sem calçamento, muitas mesmo, para você ter uma ideia, só as ruas principais eram calçadas. Como essa escola aqui fica bem no centro, ela já era pavimentada. Mas em dia de chuva, por exemplo, a frequência era baixíssima, a gente já sabia, porque as crianças moravam nas ladeiras, nos morros que tem aqui próximo, nas comunidades não conseguiam sair de casa, ou mesmo com medo de escorregar, se sujar. Elas viam com sacola plástica nos pés. A porta da escola era triste de ver, ficava cheia de sacola de supermercado suja de barro. Eles amarravam essa sacola até o joelho, até duas sacolas e viam andando. Parecia até que tava todo mundo de bota, olhando assim de longe. Mas eram sacolas, que eles usavam pra não se sujar e não ficar com o pé molhado né? E eles deixavam tudo na porta, do lado de fora, pra poder entrar pra aula. Então houve essa requalificação urbana sim, nessas ruas. Mas assim, não houve manutenção, não houve. E também, algumas ruas foram somente recapeadas, mas algumas não, por exemplo a rua Luiz de Lemos, que é uma rua de acesso, foi feito ciclovia, calçadas novas que permanecem até hoje. Mas outras aqui do entorno não foram assim, não. Foi só mesmo recapeamento e tapa-buraco. E as obras que tinham eram mesmo próximo às escolas e aos locais pra onde os alunos se deslocavam, os espaços parceiros.

16. A senhora poderia elencar pontos positivos e negativos do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu?

Vou começar pelos positivos, eu até já falei alguns, essa coisa de aproximação da comunidade e do cuidado com o próprio bairro em si, das coisas, das praças, dos parques, as coisas do entorno, mas principalmente a valorização da escola, o sentimento de pertencimento pela escola. Eu acho que foi o mais importante. O protagonismo infantil foi bem importante. Eles puderam falar, puderam ser ouvidos. Desde o pré-escolar até o 9º ano, eles puderam falar, puderam ter sua opinião ouvida, por exemplo sobre o uniforme, opinar em diversas outras coisas da escola que eles gostariam que fossem feitas. Algumas reivindicações foram atendidas, outras não, porque algumas eram, digamos assim, fantasiosas. Na época passava a novela dos Rebeldes, eles queriam que a escola fosse igual

à novela. Uma banda na escola, com microfone, bateria e tudo. Claro que isso era uma coisa utópica, mas essa fantasia é própria da faixa etária mesmo, estamos falando de crianças e adolescentes. Outro ponto positivo foi a valorização do professor. Ah e tinha a alimentação também, era café da manhã reforçado, não era pão com manteiga e café, não! Eles recebiam suco, iogurte, quando tava mais friozinho, tinha leite, café com leite, achocolatado, vitamina, pão com queijo, tinham frutas no café da manhã. Tinha o almoço bem diversificado com bastante legumes e proteína, sempre. Depois tinha outra colação, depois tinha o almoço, aí depois, antes de ir embora à tarde, eles já iam “jantados” para casa. Eles saíam cinco da tarde, e comiam antes de ir embora. Nesse aspecto, muitas mães foram beneficiadas para trabalhar, era como se fosse uma creche para criança grande né? Porque eles ficavam o dia todo, faziam 5 refeições né? iam alimentados pra casa. A higiene pessoal era um incentivo do Bairro-escola, eles ganhavam kit higiene, com toalhas personalizadas do projeto Bairro-escola, aí eles tinham que manter. Sobre os pontos negativos, vou falar da não continuação do Bairro-escola, eu sei que muda mesmo, quando muda o governo, muda a gestão, algumas coisas permanecem, outras não. Muda toda estrutura, mudam todos os secretários, muda tudo. Mudaram os projetos, mudaram tudo. Quando o prefeito saiu para concorrer ao Senado e entrou a prefeita Sheila Gama, que era vice dele, aí as verbas foram diminuindo, diminuindo, começou pela verba da merenda, aí sem comida como que a gente ia manter a criança na escola o dia todo? Entendeu? Outra coisa, infelizmente, eu digo infelizmente porque era um projeto bom, muitas pessoas não gostavam do projeto, porque não entendiam que as crianças tinham que andar na rua, na calçada, aí as vezes falavam: ah, vocês vão passar de novo aqui? Eu quero lavar a calçada, lavar meu carro aqui. Isso, as vezes incomodava. As crianças tinham aulas de consciência ambiental, aí passavam, eu vi duas vezes acontecer isso, o vizinho lavando carro com mangueira e as crianças repreenderem, falando: não pode mangueira, tem que usar balde. Aí o morador se irritava né? Ficava aborrecido, falava alterado. A nossa orientação para as crianças era permanecer calado e continuar caminhando e cantando, pra evitar o embate. Esse era um ponto negativo. Algumas pessoas não compreenderam o que era de fato o Bairro-escola e não tiveram interesse em saber também, principalmente aqueles que o filho ou o neto não estudam em escola pública. Esses não quiseram saber, não se interessavam de entender o que era, não tinha pertencimento da escola. Outro ponto negativo foi a falta de manutenção das obras dos bairro. Eu acho que é importante continuar, eu acho que se a população tivesse entendido que é direito, tivesse visto essa continuidade, até mesmo da presença do policial militar ali pra orientar, pra trazer mais segurança. Isso também continuaria valorizando o bairro e aumentando até mesmo a autoestima deles. Poxa, ta tudo perigoso, mas lá no meu bairro fica um agente, um policial, então por isso não tem muito assalto, eu posso ir e voltar. Então assim, esse é um ponto muito negativo de não ter continuado. Outro ponto negativo também, foi o fato que em dias de chuva forte, as crianças receberam capinhas mas não veio quantidade suficiente para todas, então as vezes a criança tirava a capa e emprestava pra o coleguinha, pra ele ir pra o espaço parceiro participar da aulinha lá. Aí já viu né, molhava mesmo. A gente tinha que dar uma secadinha, correndo. Isso não era legal. Aconteceu em algumas escolas, de não receber material para o todo, para todas as crianças, as vezes acontecia isso.

17. Como aconteceu a escolha dos parceiros para cada escola?

Quem realizou a escolha dos parceiros foi outra equipe, eu não participava dessa equipe, eu lembro de participar de reuniões que as pessoas destinadas a isso, iam, conversavam com os possíveis parceiros, apresentavam a proposta do projeto e alguns aceitavam, outros não. Se eu não me engano tinha uma contrapartida de valores também, mas isso eu não lembro

direito, acho que eram em impostos, mas sinceramente, eu não me lembro mesmo. E com o tempo essa quantidade foi diminuindo. Uns falaram que era porque tinha criança demais, aí as pessoas que, por exemplo eram sócias do Esporte clube, pagavam pra usar a piscina mas não conseguiam usar por causa da aula, ou outro espaço que estava sendo usado para aula de judo, capoeira, outras artes marciais, enfim. Aos poucos foi acabando. E outros comentavam que a verba atrasava. Os valores que foram prometidos foram pagos direitinho no começo, mas depois que o bairro-escola foi aumentando, começou que atrasou, atrasou até que os parceiros começaram a ter que cobrar mesmo, ao ponto de dizer que não iam deixar os alunos entrarem no espaço por falta de pagamento da prefeitura.

Anexo 11. Entrevista

Nova Iguaçu, 16 de dezembro de 2021.

Nome: Maria Célia Inácio Rosa

Cargo Atual e na época do Bairro-escola: Diretora titular

Diretora Maria Célia (Fala espontânea): Na época do Bairro-escola eu já estava aqui né? Então, assim, né? O Bairro-escola na verdade começou no bairro de Tinguá, foi na escola Barão de Tinguá, que foi a pioneira, era uma escola única do município que tinha lá naquele bairro. E era mais restrito, nós fomos a segunda escola a receber o projeto, aí ele veio para Miguel Couto tentar ver a parte Urbana mesmo para poder ver como é que a escola iria se comportar e o bairro e também. A escola (municipal) Janir Clementino foi depois, a nossa com primeiro segmento e ela com segundo segmento. Então a gente, assim, teve vários parceiros, sim. Teve imobilização no bairro, as ruas foram demarcadas, onde as crianças iriam passar. Perto da escola a gente só teve um espaço, que era um clube, que hoje não existe mais, hoje é uma igreja evangélica bem na frente mesmo da escola.

Nós tivemos um (espaço) aqui ao lado, que era Escola de Música e Cinema e as Crianças participavam também de trabalho artístico. Era um dos espaços mais próximos só que ele era direcionado mais para o 2º segmento, não a nossa. Mas aí a gente conseguiu que as crianças do 5º anos, que as maiores, que participassem também. E nós tínhamos outros parceiros a Igreja Católica São Miguel Arcanjo e a casa do menor que é onde tem o abrigo das crianças e nós temos o Cenart também. Esse espaço era o mais distante que a gente tinha. Então a gente atravessava várias ruas e várias ruas movimentadas. Nós tínhamos guardas (de trânsito) para poder parar quando a gente saía. Então, assim, a escola começava 7 horas da manhã, no seu horário normal que era de 7 às 11 e de 13:00 as 17:00, e o horário que era do Bairro-escola começava às 9 horas e terminava às 16 horas com as crianças que ficavam no seu contraturno. Os alunos da tarde vinham no horário da manhã e os da manhã vinham no horário da tarde.

Isso tudo com a autorização dos Pais. Os pais que autorizar, para poder as crianças participarem. Nós tivemos uma adesão de quase 100% da nossa escola. Só que, conforme foi passando o tempo, como se diz o piloto você só aprende na prática né? Com dificuldade né? Então, assim, foi muito bom, na época, a Secretaria de educação veio muitas vezes aqui para poder estar participando de tudo, pra nos auxiliar, nos ajudar, porque tudo que é novo assusta um pouco, mais educação a gente abraça tudo que vem.

Assim nós tínhamos aulas de reforço, que era o principal, era a base mesmo do Bairro-escola, era pra ter o reforço escolar, então tínhamos Estagiários de aprendizagem, mas nós tivemos Estagiários de dança, nós tivemos de hip hop, de capoeira. Assim, foi muito diversificado e isso gradativamente foi se adequando da melhor forma possível em cada Unidade Escolar.

Vamos colocar assim, nem toda escola teve a mesma sorte que nós, porque como a gente foi piloto, colocando assim, tivemos mais oportunidades né? Começou com essas duas escolas principais, aí depois, foi se dirigindo mais para o Centro de Nova Iguaçu e para os outros bairros.

1. Há quantos anos a senhora é diretora da Escola Anna Maria Ramalho? Há 21 anos.
2. Qual o segmento da escola Anna Maria Ramalho? Do infantil ao Fundamental I.
3. Quantos alunos matriculados atualmente? 687 alunos.
4. O quantitativo de alunos sempre teve essa média?

Vai ter um diferença porque lá em 2006 a escola ainda tinha EJA, então a quantidade de alunos diminuiu devido ao fim do EJA, aqui já teve em torno de 1200 alunos matriculados. E houve também a diminuição de mais uma sala, devido ao telhado estar interditado.

5. Com relação a documentos e relatórios de época do Bairro-escola, o que a senhora pode disponibilizar para essa pesquisa?

Então, todos os documentos se perderam, a escola foi furtada, algumas vezes nesses últimos 10 anos, e os computadores onde tinha fotos e documentos foram levados. O resto que tava em arquivos, se perdeu por causa da chuva e infiltração que deu na salinha onde ficavam guardados.

6. Como a senhora recebeu a proposta de implantação do projeto Bairro-escola? Como a ideia chegou na unidade escolar?

A secretaria de educação apresentou que haveria uma novidade para as escolas e que não era totalmente da SEMED, veio da prefeitura, de uma pessoa responsável lá, e que implantou pra SEMED e trouxeram pra gente. Assustou um pouco, porque assim, a gente teria que tirar as nossas crianças de dentro da escola.

7. A Comunidade escolar foi consultada sobre a implantação ou ela foi compulsória?

Chegou pra gente já pronto pra começar a acontecer.

8. Como foi a implantação da eleição para diretor da escola, tendo em vista que a senhora já ocupa esse cargo há 21 anos? Como se deu esse processo?

Sim, o processo de eleição para diretor sempre aconteceu aqui, eu já passei por 4 eleições, desde esse período de quando foi por eleição mesmo. O primeiro ano (primeira eleição) foi mesmo nesse período do Bairro-escola, então, eu passei por quatro, todas elas chapa única, não quiseram, o grupo da escola não quiseram participar, graças a Deus, pela comunidade a menor porcentagem que eu tive foi 98% de aceitação. Então por isso, eu continuo aqui até hoje.

9. Quando o projeto Bairro-escola foi passado aos professores e aos pais, como foi a aceitação por parte deles?

A equipe da educação, nós professores, estamos abertos a novidades, assustados sim, mas abertos pra tudo que vem. Tivemos muitas perguntas, pra poder tentar sanar algumas dúvidas e fomos aprendendo na medida que foi acontecendo. O difícil foi a locomoção das crianças para os espaços, os nosso espaços eram longe e então a gente passava por ruas que tinha que atravessar, ruas principais, veja, aqui embaixo que é a rua principal que é a Estrada Iguaçu e a Estrada Ambaí que é aonde a gente ia pra Casa do Menor e CENART, mas a gente teve bastante ajuda. Sobre os pais, nós tivemos que fazer várias reuniões por segmentos, né, porque eles tinham que autorizar, porque a gente trabalha com menor né, o pai tinha que autorizar tirar da escola. Alguns não quiseram, foi uma democracia mesmo, o pai coloca se quiser, e alguns pais já tinham seus filhos fazendo alguma outra atividade fora da escola, então a gente teve adesão de quase 100% no começo, mas aí gradativamente, eles foram se adequando, vendo como é que era e preferiu (inaudível), e no auge, a gente teve 80

% de adesão, e sempre com reunião de pais. Houve muitas reuniões da gestão para apresentar o projeto.

10. Quem definiu os parceiros da Escola Anna Maria Ramalho?

Eles (Gestão do Bairro-escola) fizeram um chamamento público né? Não sei como foram os trâmites, porque assim, a gente não teve acesso, só tivemos acesso a tudo que tem aqui. Então, foram os próprios parceiros que foram lá na Prefeitura buscar e veio equipe da Prefeitura pra poder fazer isso, não foi nem da SEMED, foi da Prefeitura mesmo, da Coordenação Geral.

11. Durante a vigência do projeto Bairro-escola quais ações de requalificação urbana foram observadas no Bairro Miguel Couto?

Houve o calçamento das calçadas, por que a gente tinha que caminhar por elas né? Então houve sim. Onde tinha comércio que utilizava a calçada pra colocar produtos ou cadeiras, os comerciantes tiveram que tirar, tiveram que se adequar a isso, eles tiveram que colocar as suas mesas pra dentro do local pra gente poder caminhar. Mas a prefeitura fez sim, teve placas de sinalização. Teve um diferencial, sabe? Não teve uma estrutura muito grande mas houve modificações, sim.

12. A rua da escola Anna Maria é de paralelepípedo, a senhora sabe porque ela não foi asfaltada na época do projeto? Existe algum tombamento ou algo do tipo?

Não, não. Desde que eu cheguei para trabalhar que é assim, durante o Bairro-escola não houve nenhum movimento para modificar essa rua, não que eu saiba.

13. O projeto Bairro-escola trouxe como uma das suas vertentes a valorização do professor, nesse período foi implantado o Plano de Cargos Carreiras e salários para os profissionais da educação. Esse plano impactou a sua vida de alguma forma?

Sim, sim. Quando eu comecei aqui eu já estava fazendo Faculdade, logo depois eu entrei logo na pós-graduação. Com essa modificação do piso, eu fiz uma nova Pós-graduação. Então houve impacto sim, a gente sempre busca modificar nossa posição na carreira. A grande maioria dos professores fizeram isso também, o plano de cargos e carreiras trouxe essa possibilidade e a maioria dos professores aproveitou a oportunidade de se qualificar e subir na carreira.

14. Depois da implementação do Bairro-escola foi percebido o aumento da procura de matrículas de alunos novos na Escola Anna Maria Ramalho?

Houve sim, foi de um extremo ao outro, numa escola que era só centrada dentro de si própria e você teve que participar a comunidade, o entorno todo foi envolvido, a comunidade tinha que ajudar, então houve procura sim. Percebemos o aumento de crianças de escola particular procurando mudar pra cá.

15. A escola tem uma quadra poliesportiva que está interditada. Essa quadra foi utilizada para as atividades do Bairro-escola?

Não, ela não existia. Ela começou a ser construída em 2009, em 2010 quando findou o projeto ela ainda não tava pronta.

16. A comunidade participava, era consultada sobre a destinação/uso dos recursos que vinham pra a escola no período do Bairro-escola através de assembleias com a gestão da prefeitura?

Não foram feitas aqui na escola, eu não tive conhecimento disso aqui dentro, mas eu escutei sim que faziam para decidir sobre os parceiros.

17. Na época do Bairro-escola eram realizadas avaliações das atividades realizadas? A gestão do projeto tinha acompanhamento constante do funcionamento?

A gente fazia um relatório do que estava ajudando de crescimento com as crianças né? Porque como eles estudavam no contraturno, a gente tinha os estagiários, sempre foi com estagiário, a gente só tinha a equipe para direcionar. Tinha um Coordenador pedagógico, tinha um Coordenador de aprendizagem, para eles poderem trabalhar. Então essa equipe se reunia sempre, junto com um grupo da SEMED pra poder a gente o que é que tava dando certo ou o que não estava. Existiam diários de classe pra o Bairro-escola, onde era registrada a frequência do aluno. O fato de o aluno ficar muito tempo conosco, então assim, ele tinha seus horários divididos: horários de aprendizagem, horário de dança. Eu tenho crianças que ganharam troféus de xadrez, porque a gente tinha grupo aqui com aulas, aí foram fazer campeonato. Tivemos alunos da nossa escola que tiraram primeiro e segundo lugar.

18. Hoje, ao caminhar pelo bairro Miguel Couto a senhora consegue observar algum traço do projeto ainda presente?

Sim, as praças continuaram com suas melhorias, melhorando cada vez mais, tem algumas calçadas que ainda tem guarda-corpo, mas assim de manutenção para as calçadas a gente não tem mais. Faltam faixas de pedestres e placas que tinha né, de trânsito na época.

19. A senhora tem conhecimento de algum aluno que tenha passado pelo Bairro-escola e tenha seguido alguma carreira profissional/ artística decorrente das atividades do projeto?

Não, não conhecemos ninguém que tenha seguido alguma profissão. Desculpa, lembrei, temos uma ex-aluna que hoje trabalha com fotografia por causa da nossa oficina de cinema e artes que tinha aqui.

20. A escola Anna Maria Ramalho teve ou tem biblioteca?

Não, apenas sala de leitura. Nem teve na época do Bairro-escola.

21. A senhora poderia elencar pontos positivos e negativos do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu na escola Anna Maria Ramalho?

Ah, o ponto positivo era nossas crianças estarem sempre na escola, não ficavam soltas na rua, na comunidade, as mães podiam trabalhar sossegadas sabendo que eles estavam aqui, que faziam as refeições, eram 5 alimentações por dia, almoço, lanche, janta. Aqui as crianças estavam resguardadas. O ponto negativo é que o projeto acabou.

22. A escola ainda funciona em horário integral?

Sim, é uma coisa que ficou desde o projeto Bairro-escola, a diferença é que elas não ficam mais 7 horas aqui dentro, agora são apenas 6 horas, e as 5 refeições continuam sendo servidas.

Anexo 12. Entrevista

Nova Iguaçu, 16 de dezembro de 2021.

Entrevistada: Eleonora de Fátima Gonçalves Aguiéiras Machado

Cargo Atual: Diretora Adjunta

Cargo na época do Bairro-escola: Professora

1. Qual o cargo que a senhora ocupa atualmente na rede municipal de ensino de Nova Iguaçu?

Hoje meu cargo é diretora adjunta

2. Há quanto tempo a senhora trabalha na rede municipal de Nova Iguaçu?

Se eu não me engano já são 17 anos, eu entrei em 2004.

3. Quando a senhora ingressou na rede municipal a senhora trabalhou em quais escolas?

Sempre trabalhei aqui na Anna Maria.

4. Como a senhora passou a ser a Diretora adjunta da escola?

Aceitei o cargo em 2014, a Célia (Diretora) me convidou já tinha me convidado antes mas eu não quis e tal, aí depois em outra época ela me convidou de novo, aí eu resolvi aceitar porque, na verdade eu já fazia as funções mas não tinha o nome.

5. Na época do funcionamento do Projeto Bairro-escola, qual era o seu vínculo com a rede municipal?

Eu era professora regente aqui mesmo na Anna Maria.

6. Então a senhora estava aqui desde o início do Projeto Bairro-escola? Sim

7. Como o Projeto foi apresentado para a senhora?

Ah, eu adorei, gostei muito da proposta e a gente aqui, a escola inteira abraçou o projeto. Foi maravilhoso, maravilhoso.

8. A equipe da escola foi informada anteriormente sobre a implantação do Projeto na Escola Anna Maria Ramalho? Foi por imposição ou a equipe pode ter uma conversa ou discussão e optar por participar ou não do projeto?

Inicialmente, foi passado para a direção, aí eu era professora regente e não tomei conhecimento nesse início. Mas a gente já tinha conhecimento pois já tinha começado o projeto em uma outra escola lá em Tinguá e depois que veio pra gente, quando chegou pra gente aí chegou pra Direção, aí a Direção se organizou e escolheu os coordenadores e então foi passado pra gente em uma reunião aqui dentro da escola mesmo, aí veio as Coordenadoras da SEMED, aí foi passando e a gente aqui abraçou a ideia.

9. Quais eram as suas atribuições no âmbito do Projeto Bairro-escola?

Eu estava em turma né? Eu tinha uma turma, aliás eu já dobrava nessa época, aí eu trabalhava manhã e tarde. Manhã eu trabalhava com a educação infantil e à tarde eu peguei um 5º ano, e era justamente do professor que saiu dessa turma do 5º ano pra ser o Coordenador do Bairro-escola no grupo aqui da escola. E assim, ah, eu incentivava os alunos a participarem, as mães e falava que o projeto era muito legal, dessa forma.

10. Participava das oficinas? Acompanhava as crianças no trajeto externo até os parceiros?

Sim participava das oficinas, mas sair com os alunos nós regente não íamos. Porque era no horário intermediário né? Essa turminha que eu tinha de manhã, eles saíam 11 horas, aí eles iam para os coordenadores do Bairro-escola, oficinairos, coordenadores de aprendizagem. A nossa atuação enquanto professor era só para incentivar a participação mesmo.

11. No geral, como foi a aceitação da comunidade escolar? Professores, pais, alunos aderiram ao projeto?

Gostaram todos. Aceitaram bem, porque foi muito bem planejado. Teve muita matrícula, não sei dizer ao certo, mas quase todos os alunos se matricularam no projeto, acho que uns 70% se matricularam.

12. A matrícula era compulsória ou os alunos poderiam optar por participar ou não das atividades do Bairro-escola? Existia a escolha sim.

13. Os trabalhos desenvolvidos nas oficinas do projeto Bairro-escola tinham uma ligação pedagógica com os assuntos trabalhados em sala de aula?

Tinham sim. A coordenação de aprendizagem, por exemplo, era tipo uma aula de reforço de português e matemática, e isso ajudou muito mesmo. Tanto os alunos do infantil quanto os alunos do 5º ano aproveitaram bastante esse reforço. Era tudo voltado assim, pra alfabetização, pra aulas de reforço, até o trabalho de artes que tinha também, a oficina de artes era voltado pra isso.

14. Na época que o Bairro-escola funcionou aqui em Miguel Couto, a senhora observou obras de requalificação urbana no entorno das escolas ou dos espaços parceiros?

Miguel Couto melhorou por causa do Bairro-escola. Quando eu ingressei aqui em 2004, as ruas eram horrorosas, pouquíssimas ruas eram asfaltadas e tal. Nossos alunos, chegavam sujos de lama quando chovia. Quando começou o projeto Bairro-escola, o prefeito melhorou isso aqui, melhorou muito fez até calçadas pras crianças passarem, né? Porque quando eles saíam da unidade pra ir pra o que a gente chamava de parceiros, aí melhorou as calçadas, as fachadas de algumas casas, muros, tudo que pudesse ser de risco para o aluno, a prefeitura melhorou. Eu achava muito legal que pintou as calçadas de vermelho, que era onde as crianças passavam. Tinha o guarda de trânsito, que orientava, que acompanhava. Se as crianças iam atravessar a rua, o guarda tava pronto pra ajudar, acompanhar. Foi maravilhoso. A gente nunca viu nada igual aqui.

15. O Projeto Bairro-escola trouxe como uma das suas vertentes a valorização do professor, nesse período foi implantado o Plano de Cargos Carreiras e salários para os profissionais da educação. Esse plano impactou a sua vida de alguma forma?

Sim, eu quando entrei já tinha faculdade mas eu fiz uma pós por conta disso, foi uma oportunidade.

16. Houve um aumento na procura de matrículas para escola Anna Maria Ramalho depois da implementação do Bairro-escola?

Sim, houve aumento de procura. Se bem que a gente teve, teve um número bem elevado de matrículas, porque a nossa escola fica numa localização que atende ao bairro Ambaí, porque lá não tem, a escola mais próxima fica depois dele, é mais distante. A nossa aqui atende melhor, é mais perto pra eles, digamos assim. Mas com o Bairro-escola aumentou sim.

17. Na época do Bairro-escola eram realizadas avaliações das atividades realizadas?

A gestão do projeto tinha acompanhamento constante do funcionamento? A coordenação pedagógica tinha. Se reunia com os Coordenadores do Bairro-escola e aí fazia, mas quanto a avaliação eu não sei te informar, não sei como era essa coordenação.

18. A senhora tem conhecimento de algum aluno que tenha passado pelo Bairro-escola e tenha seguido alguma carreira profissional/ artística decorrente das atividades do projeto?

Olha eu vou dizer que não, mas espera, nós tivemos alguns alunos que participaram do horário integral e fizeram formação de professores, normal, só que eu não tenho mais contato, não sei se seguiram carreira. Mas tem sim, alunos nossos dessa época que foram para o Vicentino, um colégio aqui perto que tem o normal médio. Os alunos de lá eram oficinairos aqui na escola, a maioria.

19. Hoje, ao caminhar pelo bairro Miguel Couto a senhora consegue observar algum traço do projeto ainda presente?

O quê que acontece eu ando muito pelo centro (do bairro), e quando as crianças iam para o parceiros era outro trajeto, e eu não faço mais esse caminho. O que vejo assim, foi só o crescimento do bairro, assim, que melhorou muito, tudo assim, de um ano pra o outro, agora característica assim, não consigo observar não.

20. A senhora poderia elencar pontos positivos e negativos do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu na escola Anna Maria Ramalho?

Eu adorei o projeto Bairro-escola, eu não vejo nada negativo. E os pontos positivos principais era que, primeiro, tirava as crianças da rua, ou seja, a criança que largava daqui 11 horas ficava na rua, depois eles passaram a ficar em horário integral, tempo integral, né? Ficavam até as três ou três e meia da tarde. Tirou da rua, aprenderam muita coisa, evoluíram, evoluíram muito. Eu tive alunos que a mãe nem queria deixar, não queria, tinha que ficar em casa fazendo alguma coisa, mãe né, eu tive aluno assim, que a mãe queria que ficasse em casa fazendo serviço de casa, e aluna vinha assim mesmo, e ficava porque gostava. Assim, eu digo: sou fã de carteirinha e digo que foi maravilhoso. Se o Bairro-escola tivesse a oportunidade de voltar, mesmo que reconfigurado, eu ia gostar muito de participar novamente, com toda certeza.

Anexo 12. Entrevista

On line, 13 de janeiro de 2022.

Entrevistado: David dos Santos Moura

Cargo: Professor

Cargo na época do Bairro-escola: Coordenador Geral do Bairro-escola na Escola Anna Maria Ramalho

Atualmente: Sem vínculo com a Rede Municipal de Nova Iguaçu

1. Qual era o seu vínculo com a Rede Municipal de ensino de Nova Iguaçu antes do ano de 2006?

Eu era professor efetivo, entrei na prefeitura através de concurso. Eu lecionava em turmas do primeiro segmento do fundamental.

2. Qual era o seu vínculo com o Projeto Bairro-escola?

Eu fui convidado, né? A minha escola foi escolhida, na época era Escola Municipal Professora Anna Maria Ramalho, houve uma reunião na escola pra poder falar sobre o projeto e aí o grupo, por conta da minha experiência na escola, de realizar os cursos, que a secretaria, na época, oferecia, levantaram meu nome pra poder ser o coordenador geral do programa na escola.

3. Então, sua participação ocorreu por meio de convite? Sim.

4. Como o Projeto Bairro-escola foi apresentado como uma proposta para a escola Anna Maria Ramalho?

Então, como eu estava falando, houve uma consulta na escola, né? Foi oferecido o projeto e todos nós nos reunimos pra conversar, sobre os possíveis impactos na educação. Nós vínhamos de um governo em que a grande parte, até hoje, na rede de Nova Iguaçu, muitas unidades são alugadas, quando eu comecei na prefeitura, eu trabalhava nos fundos de uma igreja. E aí, nós estávamos em um prédio novo, e nós queríamos muito poder melhorar a forma de ensinar, de lidar com a comunidade. E o projeto, em si, era uma possibilidade da gente conhecer o bairro, saber onde nossos alunos moravam e transformar os caminhos em livros a céu aberto. E foi interessante a proposta quando nos foi apresentada.

5. Quais as principais atribuições do Coordenador Geral no âmbito do Projeto Bairro-escola?

Eu, como Coordenador Geral, além de organizar as turmas, separar por faixa etária, selecionar osicineiros, né? É que nós tínhamos oficinas de cultura, de aprendizagem. Eu ainda cuidava da questão política, em si, do projeto. Tinha participação no pedagógico, mas o pedagógico era mais direcionado para a Coordenadora de Aprendizagem. Eu cuidava mais da parte política e da organização do projeto, dentro e fora da escola.

6. Como se deu a escolha dos espaços parceiros que colaboraram com a Escola Anna Maria Ramalho?

Na verdade, nós sondávamos os espaços, e a secretaria de educação junto com a equipe do Bairro-escola realizava uma sondagem no bairro, no entorno da escola para poder saber

quais espaços eram potenciais para podermos realizar atividades. E a partir daí, eles faziam um termo de comodato para que pudéssemos utilizá-los.

7. Como era feita a articulação entre as atividades do Projeto Bairro-escola e as atividades pedagógicas curriculares?

Bem, a articulação funcionou assim: a parte pedagógica, em si, mudou bastante, porque em Nova Iguaçu não existia nem PPP (Projeto político pedagógico), eram bem defasados quanto a isso, e a época não existia um currículo municipal definido, então nós passamos por várias adaptações. De início, analisar o que seria trabalhado no currículo em cada ano de escolaridade, e a partir daí, nós realizarmos as atividades, que seriam de apoio ao professor em sala de aula. Depois, porque o Bairro-escola ele dialogou com várias experiências educacionais no Brasil e no mundo, né? Então, nós tivemos a experiência também, que na minha opinião, foi a que mais deu certo, que foi a separação por Roteiros de Aprendizagem. Então, nós tínhamos bibliotecas, separamos os livros didáticos por ano de escolaridade, e aí nós fazíamos um caminho sobre diversos conteúdos, diversas áreas de aprendizagem, para que os alunos manuseassem e não ficassem presos ao que o currículo formal do ano de escolaridade dele, definia. Pra mim, essa atividade foi a que mais deu certo. Meio que pegando um pouco da experiência da Escola da Ponte de Portugal.

8. Quais os principais desafios para implantação da educação integral do Projeto Bairro-escola na Escola Anna Maria Ramalho?

Olha, de início, e isso é um desafio que a gente tem até hoje, quando vai se implantar educação integral. O Bairro-escola, de início, na Anna Maria Ramalho, foi um grande sucesso. Conseguimos uma estrutura muito boa de estagiários, um número alto de estagiários, mas com um tempo isso foi reduzindo, reduzindo bastante, e a gente começou a ter também dificuldades na execução dos trabalhos. Muitos espaços parceiros, com o tempo, também acabaram desistindo de continuar a parceria. E assim, o “tempo” (clima) também, quando chovia, a gente tinha dificuldade pra poder sair. Eu, por muitas vezes, tive que adaptar o espaço da escola. Por que o Bairro-escola, ele não era uma educação integral dentro do prédio, era uma educação integral fora do prédio. Então, a gente andava pelo bairro. Por mais que a gente tivesse capa de chuva, teve toda uma estrutura, toalhas para as crianças poderem tomar banho, mas nós tivemos algumas dificuldades no sentido de chuva e de pessoal, que com o tempo foi reduzindo bastante e aí essa redução eu acho que prejudicou bastante também o desenvolvimento da educação integral no município, a época.

9. O cargo de Coordenador Geral era um cargo de confiança?

Não era cargo de confiança, a gente não recebia nenhum tipo de gratificação. Nós recebíamos uma dobra de carga horária. Era um abono salarial, como se eu tivesse pegando uma segunda turma.

10. Uma das vertentes do Bairro-escola era a requalificação urbana. Quando você trabalhava na Escola Anna Maria Ramalho transitava pelo Bairro Miguel Couto. Você observou obras de requalificação urbana, decorrentes do projeto?

Muitas obras. Miguel Couto virou outro bairro após o Bairro-escola. Pinturas de muros, reconstrução de muros, recuperação de calçadas, pinturas de calçadas, uma revitalização urbana com grafites, colocação de sinais e placas de trânsito, a chegada de guardas de trânsito. Nossa! Foram muitas mudanças.

11. Essas mudanças permaneceram até o final do projeto? Houve manutenção nos espaços públicos?

Eu fiquei na Escola Anna Maria até 2008, e houve mais ou menos o que aconteceu com os espaços parceiros, com o tempo as ações foram diminuindo mesmo. Com a entrada do Mais educação, houve uma mudança muito drástica, porque ele tinha uma proposta diferente, apesar do Mais educação ter sido fruto do Bairro-escola, ele tinha uma proposta diferente. Então, os bairros foram requalificados através do Bairro-escola, nós tínhamos em Nova Iguaçu, também, por conta dos governos da época, todo um arcabouço financeiro e de projetos. Tinha o Mais Educação em todas as unidades de ensino da rede, tinha o Programa Segundo Tempo, de esportes, em todas as unidades. Então nós tínhamos inúmeras possibilidades, pra fazer os trabalhos. Teve o PAC 1, PAC 2, tudo dentro do município, então assim, Nova Iguaçu virou um canteiro de obras a céu aberto. E o Bairro-escola impulsionava isso tudo. Mas já no finalzinho, já não era da forma que a gente via no início, em 2006, 2007, que era uma explosão aquilo lá. Todo mundo, todos os esforços, a Prefeitura trabalhava pelo Bairro-escola. Em 2008 perdeu força, aí já não se via tanto, 2009 caiu bastante e em 2010 veio o fim. Em decorrência também da mudança de governo. O prefeito sai para ser candidato a Senador, a Vice-prefeita assume e aí muda toda política educacional também, da cidade. Então, a gente não tinha como dizer se o Bairro-escola iria continuar, se ele ficaria bom e se ele iria declinar. Então a gente não tinha essa garantia e aí não houve a continuidade né? A verdade é que, quando trocou o governo, o projeto piorou e aí a Prefeita perde a eleição e entra um novo prefeito que era uma pessoa de um partido de oposição que mata o Bairro-escola de vez.

12. Depois de 2008 você saiu da Escola Anna Maria e foi trabalhar em outra escola ou atividade ligada ao Bairro-escola?

Na verdade, eu não continuei no Bairro-escola, fui trabalhar como professor de sala de leitura. Nessa época teve mudança de gestão, outro secretário de educação, até a sala de leitura mudou o nome também. No início do Bairro-escola era a professora Marli Paiva e aí depois nós tivemos o Jailson Silva e Souza, que mudou tudo, mudou todos os nomes, o cargo não era mais Coordenador Geral, passou a ser CPP – Coordenador político-pedagógico. Então, nesse período, né? Eu tive um desentendimento com a minha Diretora à época e fui trabalhar como Incentivador da Palavra, que era como eles passaram a chamar a Sala de Leitura.

13. Como eram realizadas as avaliações do Projeto Bairro-escola?

A gente participava de reuniões com a Coordenadora Geral, a Maria Antônia Goulart, a esposa do Prefeito na época, e houve algumas auditorias, alguns encontros regionais para discutir e avaliar as atividades. Sobre a aplicação das verbas, toda avaliação era feita dentro da prefeitura. A gente não tinha acesso a essas questões. Agora, é que existe uma distribuição de verba por escola. Nunca houve essa distribuição diretamente para a escola, os materiais já viam para a escola. Inclusive, nesse período é que começam os recursos diretamente para escola através do Governo Federal que era o Programa Dinheiro Direto na Escola, o PDDE. Mas esse PDDE não era para as atividades do Bairro-escola, não! O que dividiu bastante as unidades era que o Bairro-escola recebia muito material, muitos recursos pedagógicos e a escola em si, não tinha essa mesma distribuição. Mesmo que fosse dito que era pra dividir, que era pra escola, para uso de todo mundo, era específico do Bairro-escola.

O material que vinha para o Bairro-escola era para ser usado nas oficinas do contraturno, na sala regular até usavam esses materiais mas eles não vinham com essa finalidade.

14. E a avaliação dos alunos, como era realizada?

A Coordenadora de Aprendizagem realizava uma avaliação contínua. Ela ficava em contato com a Orientadora pedagógica da escola e aí elas iam fazendo os relatórios com análise dos alunos no todo. A evolução desses alunos em sala de aula. E aí ela passava pra gente: o aluno fulano tá com deficit de aprendizagem em língua portuguesa, a alfabetização dele não tá legal. Precisa trabalhar isso. E aí, elas iam trocando a avaliação dos alunos assim, através de relatos.

15. O projeto Bairro-escola trouxe como uma das suas vertentes a valorização do professor, nesse período foi implantado o Plano de Cargos Carreiras e salários para os profissionais da educação. Esse plano impactou a sua vida de alguma forma?

Sim, sim, claro. O Plano não é maravilhoso, né? Depois que a gente cresce né? E a gente vai vendo as coisas, percebe que não é um plano tão maravilhoso assim, quanto se desenhava na época né? Mas, em Nova Iguaçu, o professor ganhava mais que o médico, né? Quando nosso plano foi aprovado. E esse Plano permanece até hoje, porque nós temos em Nova Iguaçu um plano que prevê os triênios de 3% de aumento do salário e os quinquênios de 6%, bem diferente do que é praticado em prefeituras como a do Rio de Janeiro, por exemplo. Então, eu com bem menos tempo na Prefeitura do Rio eu ganhava muito mais em triênio do que em Nova Iguaçu, mas a ideia do Plano de Cargos e Salários foi escolhido por nós, e nós não tínhamos o conhecimento adequado de previdência e essas coisas todas na época pra poder discutir e lutar né? Por uma melhoria. Mas, mesmo assim, o professor, quando eu entro em Nova Iguaçu, no ano de 2004, eu recebia um salário de R\$ 520,00 e sai com um salário de R\$ 3500,00 se eu não me engano. Então, isso em 2006, era uma fortuna né? O que eu falei, o nosso piso salarial era maior que o dos médicos do município. Um feito inédito no nosso país. E veio junto com o Bairro-escola, foi uma ação prevista dentro do contexto desse projeto.

16. Foi percebido um aumento na procura por matrículas na Escola Anna Maria Ramalho após o início do Projeto Bairro-escola?

Olha, eu não era ligado às questões de secretaria mas não percebi aumento na procura dessa escola por conta do Bairro-escola, não. Até porque, como eu falei, Nova Iguaçu sempre teve déficit de vaga, então todo ano era loucura pra matricular crianças. O projeto não foi um chamariz para atrair alunos, na verdade, pra aumentar procura. Mas, a procura de vaga era grande porque, realmente, existiam poucas vagas, mesmo.

17. O senhor poderia elencar pontos positivos e negativos do Projeto Bairro-escola Nova Iguaçu na escola Anna Maria Ramalho?

Ah, positivos, posso apontar algo que é muito dentro da geografia, é muito Milton Santos, sabe, que era de você poder se educar através do mundo, educar o mundo, educar para o mundo, olhar para o céu, olhar para o chão, olhar para o lado, e você aprender, você ensinar, você trocar. A gente aprendia muito com as crianças, porque elas conhecem tudo sobre o lugar, os vínculos afetivos com os espaços, com as ruas, com as pessoas, os vizinhos que elas viam. Então, era muito gratificante existir essa troca diária de aprendizagem. Agora os pontos negativos, eu vejo muito essa coisa da redução de pessoal, porque não houve um

planejamento para o Bairro-escola, teve-se uma ideia e a ideia foi implantada, a gente falava o tempo todo que no Bairro-escola a gente trocava a roda do carro com ele andando, assim, a gente tinha que fazer muitas adaptações e mudanças pelo caminho, né? Algumas foram positivas e tudo mais, mas só que isso demonstrava os problemas. Na falta de planejamento, o sol, a chuva, às vezes a falta de pessoal, a falta de material, trazia algumas questões que dificultava de trabalhar no dia a dia. Mas a experiência de você ter um bairro educador, no mais amplo sentido, é o que fica pra história. E toda as vezes que me chamam para relatar a experiência do Bairro-escola, pra mim é muito emocionante, eu sinto muita emoção. Eu sou o profissional da educação que sou, hoje, por causa do Bairro-escola. Eu tenho uma gratidão tremenda por tudo que eu vivenciei no programa.

Anexo 13. Fachada da Escola Municipal Anna Maria Ramalho, na Rua Santos Filho, Miguel Couto - 2021



Anexo 14. Imagem da Estrada Iguauçu - 2021



Anexo 15. Imagem do semáforo, sem faixa de pedestre, da Estrada Iguaçu - 2021



Anexo 16. Imagem do espaço parceiro Praça do DPO - 2021



Anexo 17. Imagem do espaço parceiro Casa do Menor São Miguel Arcanjo - 2021



Anexo 18. Imagem do espaço parceiro Igreja Nossa Senhora de Fátima - 2021



Anexo 19. Imagem do espaço parceiro Paróquia São Miguel Arcanjo - 2021



Anexo 20. Imagem dos resquícios “Caminho pedagógico” na Rua Santos Filho - 2021



Anexo 21. Imagem dos resquícios do “Caminho pedagógico” na Rua Santos Filho - 2021



